



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO: PSICOLOGIA

O BRINCAR E SUAS MUDANÇAS NA ATUALIDADE

VERÔNICA SCHIELKE LEMOS

BRASÍLIA
DEZEMBRO/2008

VERÔNICA SCHIELKE LEMOS

O BRINCAR E SUAS MUDANÇAS NA ATUALIDADE

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo da Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde. Professor Orientador: Ciomara Schneider.

BRASÍLIA, DEZEMBRO/2008



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO: PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Ciomara Schneider

Eileen Pfeiffer Flores

Marília de Queiroz Dias Jácome

A Menção obtida foi:

BRASÍLIA, DEZEMBRO/2008.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que são eternas crianças e reconhecem a magia de viver assim. Dedico-o também aos profissionais que atuam num universo tão instigante e surpreendente como é o trabalho com crianças e que nos faz, muitas vezes, voltar a ser uma delas.

Agradeço a Deus, o autor da minha vida e quem me faz acordar todas as manhãs dando-me capacidade para enfrentar o que há de vir. É Nele que está toda a minha confiança e a esperança de que não estou só, tenho sempre alguém com quem posso contar: meu pai, meu amigo, meu conselheiro, meu porto seguro, minha vida.

Agradeço aos meus pais e a minha maninha, que são verdadeiras bênçãos de Deus. Obrigada pelo amor, cuidado e dedicação que me proporcionaram, com vocês aprendi princípios que carrego no meu coração e que jamais serão esquecidos. Obrigada por vocês me ensinarem e permitir que eu seja quem realmente sou. Vocês são exemplos para mim e o que eu conquistei até aqui é também uma conquista de vocês, que me ajudaram a preparar o caminho que eu estou seguindo. Obrigada por ter me plantado, adubado e regado, pois agora eu floresci.

Agradeço ao Rafa, meu namorado e melhor amigo, um grande companheiro que esteve comigo durante todos esses dias e demonstrou em cada um deles todo o seu amor, respeito, cuidado, compreensão e paciência por mim. Obrigada por ser alguém tão especial na minha vida, por me proporcionar momentos inesquecíveis e por me ajudar a refletir sobre esse trabalho.

Agradeço as minhas amigas Rafaela e Paula que se tornaram muito especiais durante todos esses anos. Meninas, obrigada pelas experiências maravilhosas que vivenciamos: os trabalhos em grupo, as apresentações de seminário, os almoços especiais de quinta-feira, os estudos na biblioteca, as noites na casa da Rafa estudando até a luz de velas, os momentos que compartilhamos alegrias e tristezas, os micos que fiz vocês passarem, as festas de aniversário, as idas ao shopping depois da aula, são tantas coisas que poderia escrever outra monografia (rs). Quero que vocês façam parte não só desse momento, mas de todos os outros que virão.

Agradeço também as amigas (Laly, Sam, Sol e Cha) que sempre fizeram parte da minha vida e que me concederam uma infância magnífica, inspiradora desse trabalho. Obrigada por estarem sempre comigo e saibam que meu amor por vocês é algo imensurável.

Não poderia deixar de agradecer aos excelentes profissionais que encontrei nessa caminhada e com quem aprendi coisas que não estão escritas nos livros. Agradeço especialmente a Helô que além de uma ótima profissional se tornou uma grande amiga, a Gabi por tudo o que me ensinou e por se tornar mais que um exemplo para mim e a minha orientadora Ciomara pelos ensinamentos, pela paciência e pelas contribuições que me ajudaram a concluir esse trabalho.

Eu fico
Com a pureza da resposta das crianças
É a vida, é bonita e é bonita
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah meu Deus eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor e será
Mas isso não impede que eu repita
É bonita, é bonita e é bonita...”.

(Gonzaguinha)

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	iii
AGRADECIMENTOS	iv
EPÍGRAFE.....	vi
SUMÁRIO.....	vii
RESUMO	viii
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – O DESENVOLVIMENTO E A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR.....	11
CAPÍTULO II – JOGOS E BRINCADEIRAS EM TEMPOS PASSADOS	24
CAPÍTULO III – TRANSFORMAÇÕES DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS.....	30
CAPÍTULO IV – METODOLOGIA.....	42
MÉTODO	42
INFORMAÇÕES SOBRE OS SUJEITOS DE PESQUISA	44
PROCEDIMENTOS.....	44
CAPÍTULO V – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
APÊNDICES	70
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE.....	70
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA	74
ANEXOS	75
ANEXO 1 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP UNICEUB ..	76
ANEXO 2 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	80

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo apresentar uma visão sobre o brincar demonstrando sua importância, a partir de uma visão motora, afetiva e social; mudanças, revelando como as brincadeiras eram realizadas na geração anterior; e consequências de sua transformação, evidenciando as modificações que ocorreram devido ao processo de globalização e modernização e as consequências que tais mudanças podem acarretar para o desenvolvimento da criança. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa, conforme o modelo proposto por González Rey, que enfatiza a experiência pessoal do sujeito e a pesquisa teórica. A pesquisa qualitativa foi realizada por meio de entrevistas, que têm como objetivo levantar as características das brincadeiras entre a geração passada e a atual, verificando as mudanças que ocorreram e quais as consequências que estas podem acarretar para a criança que vive na atualidade. Os sujeitos pesquisados foram duas mães e duas filhas, dois pais e dois filhos, respectivamente, que passaram sua infância em Brasília. Os resultados demonstraram que, no caso das crianças entrevistadas, as brincadeiras tradicionais, pertencentes à infância de seus pais, estão presentes no seu cotidiano e fazem parte de suas brincadeiras preferidas mesmo com acesso a brinquedos tecnológicos e os pais, que têm ótimas recordações de sua meninice, revelam pontos de vista negativos e positivos acerca das mudanças nas brincadeiras. Os objetivos propostos foram alcançados, porém cabe ressaltar que não se tem uma homogeneidade acerca das consequências que as brincadeiras atuais podem acarretar, tanto pela falta de concordância entre os teóricos e entre as respostas dos pais e mães entrevistados como pela precocidade deste fato. Isso faz com que este trabalho não tenha uma conclusão definida, tornando-o aberto para uma continuidade de pesquisa e reflexão. Não se sabe como essas transformações vão repercutir na vida das crianças a longo prazo e muitos problemas levantados por autores que são contra os brinquedos eletrônicos podem estar muito além das brincadeiras e indo em direção a estrutura familiar até a sociedade.

Palavras-chaves: brincar, brincadeiras, infância, atualidade.

A infância é uma fase da vida pela qual todos nós passamos e é vivida de formas distintas, dependendo da época, local, condições físicas, emocionais e culturais. É apreciada por muitos, podendo ser também odiada por aqueles que não tiveram experiências saudáveis, que trariam saúde física e emocional para o indivíduo. Porém, algo que está sempre presente nesse momento são as brincadeiras, nem sempre as mesmas, mas que de uma forma ou de outra encontram espaço para acontecer. Mesmo quando o brinquedo não é oferecido pelo cuidador, a criança logo dá um jeito de brincar, ainda que seja com um pedaço de pano ou com as partes de seu corpo, pois faz parte da sua essência, de um ser que está descobrindo o mundo.

As brincadeiras sempre fizeram parte da vida das crianças, porém diferindo de acordo com a época e cultura em que estão inseridas. As crescentes mudanças, devido ao processo de globalização e modernização, afetaram as brincadeiras e a forma como são praticadas, resultando no fato de algumas serem compartilhadas em todo o mundo. Diante disso, a pesquisa a ser realizada se justifica e é importante, pois trará contribuições essenciais para a atuação dos profissionais da área infantil, além de servir como uma ferramenta que vai auxiliar na compreensão da situação atual da criança frente às mudanças das brincadeiras.

Este trabalho trata de questões relativas à infância, no que se refere às brincadeiras das crianças e as mudanças que ocorreram em relação à geração passada. O brinquedo é considerado por Brougère (2004) como um reflexo da época e da própria criança. A análise do brinquedo nos permite ver o lugar que a criança ocupa na sociedade e, se considerarmos que os brinquedos tiveram profundas mudanças, precisamos conhecer a criança que está por trás deles. O tema foi abordado dentro da perspectiva das teorias de desenvolvimento da criança, utilizando autores clássicos como Wallon, Vigotsky, Piaget e Winnicott. Além destes, farão parte da composição teórica os autores atuais que versam sobre conteúdos referentes ao

tema da pesquisa. Portanto o enfoque é nas mudanças ocorridas entre gerações, não enfocaremos as mudanças culturais do brinquedo.

O objetivo geral da pesquisa é apresentar uma visão sobre o brincar, sua importância, mudanças e conseqüências de sua transformação e os objetivos específicos se dividem em: demonstrar a importância do brincar, a partir de uma visão motora, afetiva e social; revelar como as brincadeiras eram realizadas na geração anterior; e evidenciar as transformações que ocorreram devido ao processo de globalização e modernização, apresentando as conseqüências que tais mudanças podem acarretar para o desenvolvimento da criança. A partir desses objetivos foram estabelecidos os capítulos deste trabalho. O primeiro capítulo corresponde a uma apresentação das principais teorias sobre o brincar, que demonstram sua importância afetiva, social e motora no desenvolvimento infantil, o segundo destina-se a descrição do histórico das brincadeiras e o terceiro revela as mudanças e as posições dos autores modernos sobre as conseqüências das brincadeiras atuais. Os demais capítulos são, respectivamente, metodologia, resultados e discussão e considerações finais.

Com a finalidade de obter informações acerca dessas mudanças e compará-las com a geração passada, foram realizadas entrevistas qualitativas, conforme o modelo proposto do Gonzáles Rey, com mães e filhas e com pais e filhos, nas quais os pais e mães contaram como foi sua infância, quais brincadeiras estavam presentes e as suas opiniões sobre as brincadeiras atuais e as crianças, por sua vez, nos disseram quais brincadeiras fazem parte do seu cotidiano. Estas informações foram discutidas e analisadas tendo como base o referencial teórico e as idéias do pesquisador.

CAPÍTULO I – O DESENVOLVIMENTO E A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

O desenvolvimento e o brincar são vistos sob várias perspectivas, de acordo com as abordagens de autores clássicos e contemporâneos, as quais se diferenciam e/ou se complementam.

Piaget desenvolveu teorias importantes como a dos conceitos cognitivos: esquemas, assimilação, acomodação e equilibração. Antes de serem descritas é preciso salientar que o autor considera os atos biológicos como adaptação e organização ao meio, da mesma forma que considera os atos intelectuais e acredita que ambos caminham juntos.

Os esquemas, como dito acima, são estruturas mentais pelas quais os indivíduos se adaptam e organizam o meio. São conceitos ou categorias que mudam continuamente. A criança tem um estímulo e tenta encaixá-lo a um esquema. A assimilação, por sua vez, é o processo pelo qual a criança acrescenta um novo dado perceptual, motor ou conceitual nos esquemas já existentes. Ela é um processo cognitivo de classificar novos eventos a esquemas já existentes. Não muda os esquemas e sim os faz crescer (Wadsworth, 1997).

Diferente da assimilação, a acomodação ocorre quando um estímulo não pode ser assimilado a esquemas já existentes. Diante disso a criança cria um novo esquema ou modifica um já existente. Após essa acomodação a criança assimila o estímulo novamente e este se encaixa ao esquema. Assim, a assimilação é uma mudança quantitativa (crescimento) e a acomodação qualitativa (desenvolvimento). E por fim, a equilibração significa o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. Um processo auto-regulador que permite uma interação saudável com o meio ambiente, propiciando a inteligência (Wadsworth, 1997).

Outra contribuição de Piaget refere-se aos estágios de desenvolvimento, divididos em estágio sensório-motor, de zero a dois anos; estágio pré-operacional, de dois a sete anos; estágio das operações concretas, de sete a onze anos; e o estágio das operações formais, de

onze a doze anos. Cada estágio tem características peculiares e cabe-nos aqui ressaltar o estágio pré-operacional, onde o jogo simbólico se desenvolve, aspecto este importante para o trabalho em foco.

O estágio pré-operacional é caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem e outras formas de representação. Tem um rápido desenvolvimento conceitual e aumenta a capacidade de representação dos objetos e eventos. São representações: a imitação diferida, o jogo simbólico, o desenho, a imagem mental e a linguagem falada (Wadsworth, 1997).

A vida afetiva da criança neste estágio é consequência do início da socialização. Aqui já existe expressão do “gosto” e “não gosto” advinda do que Piaget (2002) chama de “novidade afetiva” – afeições, simpatias e antipatias ligadas à socialização das ações. Tudo isso ainda influenciado pela relação com o adulto. O jogo, o brincar já se torna um meio, onde o afeto começa a aparecer.

O jogo simbólico é o jogo de faz-de-conta, que permite à criança pegar um pedaço de madeira e dizer que é um carro. Apesar de sua natureza imitativa, é uma forma de expressão da criança, que é sua própria telespectadora. É um processo de assimilação, mais do que de acomodação. Para Piaget (1967, citado em Wadsworth, 1997, p. 66) “a função do jogo é satisfazer o ‘eu’ pela transformação do que é real naquilo que é desejado”. Piaget considera o jogo simbólico como essencial para o desenvolvimento cognitivo e afetivo, uma forma de comunicação da criança.

De acordo com Piaget (1990), o jogo da imaginação não se submete às exigências da realidade exterior, ele tem o objetivo de satisfação individual, porém não deixa de representar uma imitação do real. Entretanto, ao contrário da imitação, que tem como objetivo a adaptação, o jogo é um desligamento dessa função, exercido pelo prazer de dominar as atividades e extrair um sentimento de domínio e eficácia. Os jogos simbólicos são, ao mesmo tempo, imitação e imaginação.

O jogo é considerado por Piaget como um momento em que a criança revive simbolicamente sua própria existência, como uma forma de assimilar seus aspectos ou a tentativa de resolução de conflitos cotidianos e desejos não resolvidos (Piaget, 1990).

Piaget analisa o nascimento do jogo, a partir das fases sensório-motoras, que evolui de acordo com o desenvolvimento das fases posteriores. Após várias análises, ele chega ao raciocínio de que existem três tipos de estruturas mentais que caracterizam os jogos infantis: o exercício, o símbolo e a regra. Os jogos de exercício são jogos que, essencialmente sensório-motores, não tem nenhuma técnica e são diferenciados somente por sua função: são praticados por puro prazer, sem ter qualquer intenção de aprendizagem. E não há também nesses jogos a presença de símbolos (Piaget, 1990).

Os jogos simbólicos, a partir dos dois anos de idade, implicam em representação, mas com presença de exercício sensório-motor. Nessa estrutura se ultrapassa o simples prazer e o jogo passa a objetivar a compensação, realização dos desejos, resolução dos conflitos etc. E por último, os jogos de regras, que ocorrem com a socialização da criança, nos quais as regras, impostas pelo grupo, presumem as relações sociais ou interindividuais (Piaget, 1990).

Uma das principais contribuições de Vigotsky (2000) foi a teoria sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal. Para o autor o aprendizado começa antes da criança freqüentar a escola e este está inter-relacionado ao desenvolvimento, desde os primeiros anos de vida. Porém, esse aprendizado, chamado de pré-escolar, difere do aprendizado escolar, que está voltado para o conhecimento científico, um aprendizado sistemático.

Com a finalidade de compreender as dimensões do aprendizado, Vigotsky (2000) descreve o conceito de zona de desenvolvimento proximal, considerado por ele como essencial. Para isso, determina dois níveis de desenvolvimento: o nível de desenvolvimento real, ou seja, o nível mental que a criança possui a partir de ciclos já completados. Este é mensurado por testes psicológicos, que consideram como capacidade mental aquilo que as

crianças conseguem resolver sozinhas, sem a ajuda de outrem. Diante disso, Vigotsky afirma que aquilo que as crianças conseguem resolver com o auxílio de outro, um adulto ou outra criança, pode representar um indicativo muito mais evidente de seu desenvolvimento do que o que realizam sozinhas, referindo-se ao segundo nível, o qual chama de nível de desenvolvimento potencial.

A partir desses conceitos, Vigotsky realizou vários estudos e constatou que crianças com o mesmo nível de desenvolvimento mental não têm, necessariamente, a mesma idade mental, quando elas contam com o auxílio de outra pessoa. É essa disparidade que o autor chama de *zona de desenvolvimento proximal*, a qual foi definida como:

A distância entre o desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vigotsky, 2000, p.112).

Esse conceito refere-se a funções que ainda não se desenvolveram, mas que estão em processo de amadurecimento, ao contrário do desenvolvimento real definido por funções que já estão prontas. Isso permite aos profissionais infantis terem acesso ao que já foi alcançado pela criança e aos processos que estão em formação, possibilitando a previsão do desenvolvimento futuro. Para o autor o “bom aprendizado” é aquele que se adianta ao desenvolvimento. É dentro desse nível que encontramos o brincar, como uma grande fonte de desenvolvimento (Vigotsky, 2000).

Vigotsky (2000) diz que o brincar não pode ser caracterizado somente como uma atividade que dá prazer à criança, pois existem jogos em que não dão prazer e outras atividades, que não jogos, são vivenciadas com bastante prazer. Fato com o qual Piaget (1990) concorda, quando afirma que o prazer não pode ser considerado como um critério do jogo, pois existem trabalhos que não tem outra finalidade senão o prazer. Vigotsky acredita que o

brinquedo preenche as necessidades da criança e que estas estão ligadas à motivação das mesmas para a ação e, é a mudança nesta motivação que permite à criança progredir no seu desenvolvimento para o próximo estágio, fazendo com que as necessidades também sejam amadurecidas.

Nos primeiros anos de vida, a criança tem a característica de satisfação imediata dos desejos, sem a pretensão de realizá-los no futuro, entretanto, quando ela está na idade pré-escolar, nem todos os desejos são possíveis de serem realizados imediatamente. Vigotsky (2000) acredita que é aí que entra a finalidade do brinquedo: na impossibilidade de realização do desejo no mundo real, a criança mergulha no mundo da imaginação, onde seus desejos podem sim ser realizados e é esse mundo que o autor chama de brinquedo. Porém, isso não é uma regra, não significa que todos os desejos não satisfeitos dão origem aos brinquedos. O autor considera a imaginação como um processo psicológico consciente, próprio da espécie humana, uma função da consciência, que se origina da ação.

Ao distinguir o brincar da criança de outras formas de atividades o autor estabelece critérios. O primeiro deles é a situação imaginária, criada pela criança no momento da brincadeira, que permite o desenvolvimento do pensamento abstrato. O segundo é que todo jogo possui regras e estas conduzem a ação, possibilitando a divisão entre trabalho e brinquedo. Mesmo sendo uma situação imaginária, o brinquedo possui regras de comportamento, ainda que não sejam estabelecidas formalmente, dadas pela própria imaginação e coincidentes com a realidade como, por exemplo, brincar de mãe e filha. E, da mesma forma que na situação imaginária contém regras, os jogos com regras também contém situações imaginárias (Vigotsky, 2000).

Vigotsky (2000) concorda que existe uma grande influência dos brinquedos no desenvolvimento da criança. Por meio do brinquedo a criança aprende a agir numa esfera cognitiva e não mais a partir de suas percepções, como acontece com crianças muito

pequenas, limitadas àquilo que está no ambiente e ao que o próprio objeto demanda. Quando a criança brinca, ela não está necessariamente agindo de acordo com o que está vendo, mas independente disto. Essa atitude auxilia a criança a se comportar não só por aquilo que observa, mas pelo significado que a situação traz. O pensamento não está junto do objeto e a criança é capaz de agir de acordo com suas idéias e não do objeto em si. É por isso que elas conseguem transformar um cabo de vassoura em uma espada. Todavia, isso não anula o significado que as propriedades do objeto têm. São das idéias ligadas aos objetos que surgem as regras ditas anteriormente e a imaginação torna a criança independente das limitações situacionais.

O autor em foco acrescenta que para a criança conseguir separar o objeto de seu significado, ela precisa de um pivô, uma situação que vai substituir uma ação real. Quando a criança age com o significado da ação, desenvolve-se a vontade e a capacidade de fazer escolhas conscientes.

Segundo Vigotsky (2000) é na situação de brinquedo onde a criança tem mais autocontrole, pelo fato dela não poder agir de forma imediata, devido às regras. Nele a regra se torna um desejo e satisfazê-lo gera prazer. O autor acredita que com isso a criança aprende a desejar e que o brinquedo concede a ela seus maiores ganhos, que serão transportados para sua ação real e moral.

No jogo, em idade escolar, o significado se sobrepõe à ação, contudo mesmo agindo de acordo com o significado, a ação dentro desse campo ocorrerá como na realidade, limitada às suas características. Na vida diária ocorre o contrário, a ação se sobrepõe ao significado. O autor considera incorreto dizer que o brinquedo predomina no dia-a-dia da criança. Este está presente na vida diária somente quando as crianças brincam com aquilo que estão fazendo, com seus hábitos, quando escovam os dentes ou quando vão dormir, a fim de facilitar uma situação desagradável (Vigotsky, 2000).

O brinquedo é considerado como uma fonte de desenvolvimento, uma vez que com ele a criança se comporta de forma superior ao que de fato é na sua vida cotidiana. Deste modo o brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal, permitindo à criança ser maior ou se ver na posição de adulto, adentrando nesse mundo (Vigotsky, 2000).

Inicialmente a situação imaginária é mais próxima da situação real, sua reprodução, é mais memória do que situação imaginária. Quando o brinquedo se desenvolve, a criança passa a realizá-lo de acordo com o seu fim, pois é este que determina a atitude afetiva da criança frente ao brinquedo. No final do desenvolvimento surgem as regras, o que torna o brinquedo mais exigente. O brinquedo permite a criança ser livre, mas essa liberdade é limitada, pois ela se comportará de acordo com os significados dos objetos. Portanto, a criança pequena brinca sem diferenciar a situação imaginária da situação real, por outro lado, em idade escolar, o brinquedo preenche um papel específico no desenvolvimento da criança e permeia a sua posição diante da realidade.

Wadsworth (1997) ressalta algumas semelhanças e diferenças esclarecedoras entre os trabalhos de Vigotsky e Piaget, essenciais para a compreensão de suas teorias. Para o autor, o trabalho de Vigotsky veio preencher as lacunas deixadas por Piaget, que é criticado por não levar em consideração a importância dos fatores culturais e sociais no desenvolvimento da inteligência.

A preocupação de Piaget estava em investigar como o conhecimento é formado ou construído. Vigotsky estava interessado pela forma como os fatores culturais e sociais influenciam o desenvolvimento intelectual da criança. Para Piaget a aprendizagem caminha de acordo com o que o nível de desenvolvimento permite. Para Vigotsky é a aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento, ou seja, é ela que conduz o desenvolvimento. Quando um conhecimento da cultura é aprendido pela criança, suas funções e habilidades são impulsionadas a desenvolverem (Wadsworth, 1997).

Piaget defende que a criança constrói em cima de uma construção já realizada, ou seja, dos esquemas cognitivos. Piaget utiliza esse termo, pois considera que o conhecimento é construído pela criança no decorrer de seu desenvolvimento. Ele reconhece o plano social no desenvolvimento intelectual, no sentido de que as interações sociais são fontes de conflitos cognitivos, de desequilíbrio e, conseqüentemente, de desenvolvimento (Wadsworth, 1997).

Os dois autores apresentam muitas diferenças, porém existem características comuns, como o fato de entenderem o conhecimento como adaptação, pensarem a aprendizagem e o desenvolvimento como auto-regulados e considerá-los como um processo ativo, não automático, embora discordem quanto a sua construção (Wadsworth, 1997).

Ambos acreditavam que o conhecimento é uma construção individual, mas para Vigotsky toda construção é mediada por fatores sociais. O social modela o conhecimento e a criança constrói o seu próprio conhecimento interno. Piaget defende que a construção do conhecimento é da criança e o social apenas desequilibra mostrando a construção a se fazer (Wadsworth, 1997). Apesar de semelhanças e diferenças, os dois autores apresentaram contribuições valiosas acerca do desenvolvimento infantil e em relação ao brincar, foco da pesquisa em questão. Ainda sobre o tema destaca-se a contribuição de outros autores que abordam o desenvolvimento humano.

Wallon, que também é um teórico importante para a compreensão dos jogos, afirma que o jogo representa toda a atividade da criança, diferindo do adulto para quem é considerado lazer em oposição ao trabalho. O autor considera que o jogo tem uma “finalidade sem fim”, ou seja, não tem uma razão fora de si mesmo e toda atividade que não obedece a esse princípio não é considerada jogo. Por isso, Wallon (1995) assinala o jogo como aquilo que desobedece a toda tarefa que o homem realiza devido às necessidades de sua existência, porém não nega essas necessidades, pois são elas que atribuem ao jogo suas características de descontração e satisfação, livres de qualquer exigência. Ao contrário, Piaget (1990) acredita

que os jogos são “interessados”, visto que os jogadores se preocupam com os resultados de seu jogo.

Wallon (1995) acredita que os jogos são motivados pela necessidade da criança de experimentar o mundo exterior e permitem a aprendizagem de atividades que serão desempenhadas futuramente, inclusive em relação às diferenças de gênero, representadas nos jogos pela divisão de jogos de meninas e jogos de meninos.

Wallon (1995) atenta para um fator importante ligado ao jogo: a ficção. Afirma que ela permite a passagem entre o indício, ligado a coisa, e o simbólico, desempenhando um papel importante na evolução psicológica da criança e na oposição à realidade, característica do jogo. Em concordância com Piaget e Vigotsky, Wallon também observa a presença de regras nos jogos, as quais trazem consigo as dificuldades, ligadas somente às funções do jogo, sem qualquer interesse externo.

Para o autor, a imitação está presente nos jogos, pois as crianças reproduzem neles as impressões que vivenciam. Ela é a regra dos jogos para as crianças pequenas, que ainda não ultrapassaram o modelo concreto. Essa característica traz uma grande contribuição, pelo fato das crianças representarem as pessoas que têm significado, por quem elas se interessam (Wallon, 1995).

Wallon descreve ainda quatro tipos de jogos divididos em quatro fases, de acordo com as suas características. Na primeira fase estão os *jogos funcionais*, ligados a movimentos simples como dobrar braços e pernas, tocar objetos, produzir sons. Na segunda fase encontram-se os *jogos de ficção*, como o brincar de bonecas e brincar com um cabo de vassoura como se fosse uma espada. Na terceira fase os *jogos de aquisição* estão presentes, com os quais as crianças se envolvem, observam, escutam e querem compreender seres, imagens, contos e canções, como acontece quando assistem televisão ou observam gravuras. E na quarta fase estão os *jogos de fabricação*, a partir dos quais as crianças se divertem

reunindo, montando, mudando, transformando objetos e criando novos, o que torna presente os jogos de ficção e aquisição (Wallon, 1995).

Winnicott (1975) também traz reflexões muito válidas sobre o brincar, a partir das suas teorias sobre objetos e fenômenos transicionais. Para ele, os bebês, desde que nascem, costumam chupar os dedos e punhos para estimulação da zona erógena oral. Com o passar do tempo começam a se interessar por outros objetos como bonecas, ursinhos, entre outros, e, geralmente é a mãe que concede esses objetos para que o bebê tenha afeição por eles. Essa primeira possessão representa o não-eu, ou seja, o bebê reconhece esse objeto como fora dele, no entanto, ainda não são considerados como pertencentes à realidade externa.

É essa fase intermediária, entre o uso do polegar e o ursinho, entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido, que o autor chama de *objetos e fenômenos transicionais* (Winnicott, 1975). Essa fase é caracterizada pela experimentação, onde não há contestação e é concebida como um lugar de repouso.

Os fenômenos transicionais ocorrem quando a criança começa a ter contato com coisas que são diferentes dela, a partir da satisfação oral. Dessa experiência surgem os objetos que se tornam importantes para o bebê, consistindo em uma proteção contra qualquer ansiedade. É este objeto que o autor chama de transicional e é preciso deixar claro que ele não se refere apenas a um objeto material, como uma boneca, podendo ser também um padrão de comportamento como sons ou movimentos. O destino desse objeto é ser descatexizado, na medida em que os interesses da criança se voltam para outros fatores e é aqui que entra o brincar (Winnicott, 1975).

A aceitação da realidade sempre é vivida de forma tensa e a área intermediária se faz necessária para o início do relacionamento da criança com o mundo, que conta com uma mãe suficientemente boa. Por isso, está intimamente ligada ao brincar.

Conforme o autor, o brincar tem um tempo, pois brincar é fazer e isso requer tempo, e tem *um lugar*. O lugar, o autor considera que seja o espaço potencial (que não é interno nem externo) entre a mãe e o bebê, no qual a mãe permite ao bebê experimentar a onipotência e ter contato com objetos reais, que só é possível se existir um relacionamento de confiança com a mãe. Esse espaço é nomeado por Winnicott (1975) de *playground*, porque é aí que a brincadeira começa, considerada importante pela dificuldade de relação entre a realidade psíquica pessoal e a experiência de controle dos objetos reais. Para o autor é justamente nessa linha divisória que se encontra o brincar.

O brincar é avaliado por Winnicott como uma experiência criativa, que permite ao indivíduo descobrir seu eu (self), promovendo um sentimento de continuidade. Os fenômenos transicionais são transportados para o brincar, que caminha para as brincadeiras partilhadas e segue para experiências culturais. Para Winnicott, o brincar é universal, propiciador do crescimento e da saúde, facilita a socialização e pode ser utilizado como uma forma de comunicação na psicoterapia. Ele acredita que as crianças brincam porque gostam, sentem prazer e têm a capacidade de encontrar objetos e inventar brincadeiras (Winnicott, 1975).

Assim como os outros teóricos, Winnicott (1975) também sinaliza que nas brincadeiras as crianças encontram um espaço para dominarem angústias e controlar os impulsos. Além disso, também considera que no brincar as crianças adquirem experiências e desenvolvem suas relações emocionais, propiciando os contatos sociais. E ainda conforme o autor, o brincar contribui para a integração da personalidade e, através dele, as crianças se comunicam e desejam ser compreendidas.

Por fim, consideramos igualmente de grande valia os estudos de Bruner sobre as funções da brincadeira. Kishimoto (1998) apresenta em seu artigo “Bruner e a brincadeira” características da teoria de Bruner sobre as funções das brincadeiras, que demonstram sua importância para o desenvolvimento da criança, enfatizando-as desde o nascimento, como

propiciadoras de ações sensório-motoras, que resulta na construção dos primeiros conhecimentos, iniciados pelo prazer e pela motivação.

Bruner acredita que o brincar contribui para a aquisição de padrões de comportamentos dentro do grupo, bem como a aprendizagem de normas sociais, devido à ausência de pressão e punição nas brincadeiras, que ocorrem, geralmente, em situações de segurança e familiaridade, permitindo à criança vivenciar situações que não experimentariam em outro contexto. Esse espaço libera a criança para explorar e ir além do que está sendo apresentado na busca de soluções (Kishimoto, 1998).

Mesmo a criança tendo liberdade de atuar na situação lúdica, às vezes, se faz necessária a presença de um adulto “supervisor” para trocas interativas. Essa presença objetiva a estimulação e orientação para a resolução de problemas, colocando limites necessários à liberdade, oferecendo sugestões e controlando a frustração (Kishimoto, 1998).

Por isso, além da aprendizagem e solução de problemas, o autor considera que as brincadeiras favorecem o desenvolvimento cognitivo, a descoberta de regras e obtenção da linguagem, a partir das trocas interativas entre a mãe e o bebê. Nessas trocas a criança aprende a falar, compreender o contexto e não só passa a iniciar a brincadeira como também a modificá-la, desenvolvendo assim, sua capacidade de recriar situações e de ser criativa (Kishimoto, 1998).

As brincadeiras são caracterizadas pelo autor como um saber-fazer, no qual há uma intenção, um objetivo e meios para atingi-lo. Isso possibilita a coordenação de mão-olho-cérebro, necessária ao desenvolvimento da criança e auxilia na formação da intencionalidade e da inteligência. A conquista desse saber-fazer necessita da presença de um adulto como um referencial para que a criança possa imitar, a partir da observação, identificação e repetição (Kishimoto, 1998).

Outra função que Bruner atribui ao jogo é a terapêutica, pois prepara a criança para a vida emocional e social. E ressalta seu valor como mediador do acesso à cultura (Kishimoto, 1998).

O brincar tem diversas concepções, assim como os meios pelos quais ele se concretiza. As brincadeiras e jogos passaram por diversas transformações que serão descritas a seguir, a partir de um histórico sobre como eram as brincadeiras no passado, em meados do século XVII até os dias de hoje, buscando compreender as mudanças que ocorreram no plano temporal.

CAPITULO II – JOGOS E BRINCADEIRAS EM TEMPOS PASSADOS

Ariés (1978) dedica um capítulo de seu livro à história dos jogos e das brincadeiras. O autor diz que no século XVII, na França, as crianças eram tratadas da mesma forma, sejam elas reais, legítimas ou bastardas e que faziam parte de suas brincadeiras o cavalo de pau, cata-vento, pião, bonecas, soldados (brinquedos alemães). Destacavam-se também o canto, a música e a dança (presentes de forma precoce na vida das crianças), os jogos de mímica, jogo de cartas, entre outros. Porém, as crianças ainda estavam misturadas aos adultos, os quais tinham alguns brinquedos iguais aos delas. Alguns jogos dos adultos, como os jogos de salão, as festas regionais, nas quais muitas brincadeiras estavam inseridas, contavam com a participação ativa das crianças. Antes de surgir idéia de nobreza, os jogos eram comuns a todos, após isso, criou-se uma diferenciação entre os jogos dos adultos e dos fidalgos, e os jogos das crianças e dos vilões.

De acordo com o autor, aos sete anos de idade, a criança deixa de ser criança e deve abdicar dos seus brinquedos. Ela começa a aprender montar a cavalo, atirar, caçar e jogar jogos de azar. Era a época em que a criança ia para a escola ou começava a trabalhar. Embora houvesse esse fato, os brinquedos não saíam de suas vidas por completo, permanecendo alguns deles por muito tempo. Aos sete anos ainda brincavam de cara ou coroa, de esconder, cabra-cega e aos treze anos ainda brincavam de esconder e os jogos continuavam sendo comuns às crianças e aos adultos.

Ao pensar sobre a origem dos brinquedos e se estes, antes de chegar às crianças, pertenciam aos adultos, Ariés (1978) defende que alguns deles surgiram do desejo de imitar os adultos como o caso do cavalo de pau, o cata-vento e, hoje, os carros e caminhões. Outros brinquedos não tinham essa finalidade. No séc. XVIII, as brincadeiras ainda estavam envolvidas com as festas típicas e religiosas. Porém, foram perdendo seu simbolismo e sua

característica comunitária, tornando-se cada vez mais individuais e, por isso, destinadas somente às crianças, que passaram a brincar com o que os adultos abandonaram.

As bonecas de outrora tinham uma significação religiosa, mesmo fazendo parte das brincadeiras das crianças, eram utilizadas em cultos domésticos ou funerários e também como instrumento de bruxos e feiticeiros. Isso não se limitava somente às bonecas, estavam presentes as réplicas dos objetos dos adultos, que davam origem aos famosos presépios. Esses objetos foram nomeados, na França, de bibelôs, destinado tanto aos adultos como às crianças. Mais tarde, os bibelôs ficaram restritos aos pequenos e no séc. XIX foram para as vitrines das lojas (Ariés, 1978).

Benjamim (2002) ao tratar da história cultural do brinquedo diz que a Alemanha era o centro geográfico e espiritual, pois dela saíram os mais belos brinquedos: os soldadinhos de chumbo, as casas de bonecas, as bonecas de madeira. A produção de brinquedos surgiu de oficinas de entalhadores e, no século XVIII, passou a ser dividida de acordo com a sua especialidade e a venda, ao contrário, era feita por um grande distribuidor, chamado de “editora”, que teve início em Nuremberg, de onde os brinquedos foram exportados e distribuídos para o pequeno comércio.

Os objetos em miniatura, chamados de “bibelôs”, conforme descritos acima, eram fabricados nessa época, tanto para crianças como para adultos e nomeados de “quinquilharias de Nuremberg”. Assim o mercado de brinquedos alemão passou a ser mundial, fato que persiste até os dias de hoje, de acordo com Benjamim (2002).

Outra função pertencente à boneca, desde o século XVI ao século XIX, era a de servir como manequins de moda para as mulheres da época, que depois foram substituídas pelas gravuras de moda. Uma informação importante é que as bonecas também faziam parte das brincadeiras dos meninos, pois nessa época não existia uma diferenciação entre meninas e meninos (Ariés, 1978).

Em relação à forma como esses jogos eram vistos pela população, Ariés (1978) retrata que existiam dois aspectos contraditórios: a maioria admitia todos os jogos, ao passo que, uma minoria de moralistas rigorosos desaprovava praticamente todos eles, considerando-os imorais e essa discrepância permaneceu por algum tempo. No decorrer dos séculos XVII e XVIII nasceu a preocupação com a moralidade das crianças e a necessidade de educá-las. Então lhes proibiram os jogos considerados “maus” e consentiam-lhes os jogos “bons”. A igreja tem um grande papel nessas proibições, como coloca Ariés (1978, p.109) “reprovava-se a imoralidade dos jogos de azar, a indecência dos jogos de salão, da comédia ou da dança, e a brutalidade dos jogos esportivos, que, de fato, muitas vezes degeneravam em rixas”. E os colégios, continham, em seus regulamentos, limitações às práticas desses jogos.

Com a influência dos jesuítas, durante o século XVII, a visão sobre os jogos começou a se modificar e, a partir de regulamentações e controle, os jogos considerados bons foram incluídos em seus colégios, ganhando importância equivalente aos estudos, ganhando status educativo (Ariés, 1978).

A partir do século XIX, Benjamim (2002) observa que os brinquedos vão perdendo sua característica de miniaturas e tornando-se maiores, devido ao crescente processo de industrialização e, conseqüentemente, afastando a convivência entre pais e filhos, que antes brincavam juntos, por causa do tamanho dos brinquedos, que necessitava da presença deles. Outra característica modificada nos brinquedos é o tipo de material. Benjamim considera que a madeira, ossos, tecidos, argila são os materiais mais indicados para as crianças, contudo estes foram substituídos por metais, vidros, papéis e alabastro¹. Nesse ponto, o autor relata uma de suas concepções que concorda com alguns autores clássicos como Vigotsky, quando afirma que a brincadeira é determinada pelo conteúdo imaginário da criança e não do brinquedo e completa dizendo que os brinquedos autênticos são aqueles que menos se

¹ Rocha pouco dura e muito branca, translúcida, finamente granulada, constituída de gipsita (Ferreira, 1986).

parecem com os adultos, que menos dão vazão a imitação, pois avalia a verdadeira brincadeira à que permite à criança ser livre para imaginar, fenômeno que perde sua força diante da plastificação.

Os jogos e brincadeiras que fazem parte da cultura brasileira também passaram por mudanças e conhecer suas origens e influências é peça fundamental para a compreensão desse estudo. Kischimoto (1993) auxilia nessa caminhada contando um pouco como eram os jogos tradicionais infantis, desde os tempos do engenho de açúcar. Para ela, “os jogos tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social” (p. 15). Kischimoto qualifica esse jogo como um jogo livre, praticado pelo prazer, ligado às motivações internas da criança, com um fim em si mesmo e supridor das dinâmicas sociais.

Para compreensão das origens dos jogos, a autora leva em consideração as raízes folclóricas. O povo brasileiro é uma mistura de raças brancas, ameríndias e africanas, sem contar com a chegada posterior dos povos europeus e asiáticos. Com essa miscigenação, Kischimoto (1993) avalia a dificuldade de estabelecer com precisão a influência de cada etnia nos jogos tradicionais, mas aborda de maneira geral as contribuições predominantes de algumas delas nos engenhos de açúcar e nas tribos indígenas.

De acordo com Kischimoto (1993), a influência portuguesa se deu a partir dos versos, adivinhas e parlendas, trazendo estórias de bruxas, fadas e assombrações. Com isso, vieram as lendas das cucas, bichos-papões e bruxas, que se fizeram presente na infância brasileira e foram incorporadas nos seus jogos. A autora dá um exemplo dessa incorporação quando fala a respeito do *jogo de bolinhas de gude*, o qual é identificado por Renato José Costa (1950, citado em Kischimoto, 1993) como o *jogo do papão*. Este jogo é explicado pela Kischimoto (1993) da seguinte forma:

O *jogo do papão* consiste em fazer três buracos no chão, formando um triângulo de uns três metros de lado. O jogador que conseguir dar três voltas será o papão,

dispondo de poderes para matar seus adversários e tendo a vantagem de possuir ainda todas as imunidades. (p. 22).

O papel de papão cria uma figura temida e poderosa, que come crianças e mata todos com um toque, semelhante ao conteúdo das histórias contadas a seu respeito.

Conforme a autora, a maioria dos jogos tradicionais infantis, compartilhados mundialmente, como o jogo de saquinhos (ossinhos), a amarelinha, bola de gude, jogo de botão, pião, entre outros foram trazidos ao Brasil pelos portugueses. E posteriormente receberam influências dos negros e índios.

A criança e os jogos analisados por Kischimoto (1993) fazem parte da época das casas grandes, senzalas, canaviais e engenhos de açúcar. A fim de esclarecer como eram tratadas e que lugar ocupavam as crianças dessa época, a autora contextualiza a família brasileira patriarcal, constituída pelo autoritarismo paterno e pela submissão da mãe, incumbida dos afazeres domésticos, da administração das escravas e dos cuidados dos filhos. Elas também tocavam piano e bordavam. As negras mucamas não tinham hábitos higiênicos e possuíam as mais diversas moléstias. Esses costumes se estendiam para as crianças, aumentando a taxa de mortalidade infantil (Kishimoto, 1993).

Conforme Freyre (1963, citado em Kischimoto, 1993) “os meninos do engenho viviam soltos, em companhia dos moleques, montando a cavalo, nadando nos rios, nas represas, comendo frutas, matando passarinhos e fazendo todo tipo de travessuras próprias da idade acobertadas pelos moleques” (p. 32). Os *moleques* são representados pelo autor como os filhos de negros escravos. Estes participavam das brincadeiras dos brancos, nas quais tinha a função de *leva-pancada*, uma imitação do que acontecia no sistema de escravidão adulto.

Na cidade, as brincadeiras (travessuras) ocorriam de forma semelhante. As crianças subiam nos telhados, empinavam pipas, jogavam pedras e pião. A atitude moral em relação aos jogos, descrita por Ariés, acontece também na cultura brasileira. Outra característica

semelhante ao que ocorria na França é que ao se aproximar dos sete anos de idade, os meninos de engenho eram pressionados a se tornarem homens. Com isso, as crianças eram inseridas no regime educativo autocrático destinado a elite, sua infância era interrompida e passavam a se vestir e se comportar como adultos. Esses hábitos foram adotados em concordância com os costumes europeus, o que perdurou até o século XIX (Kischimoto, 1993).

Dessa forma, na primeira infância, as crianças encontravam espaço para explorar e utilizar sua criatividade e curiosidade através das brincadeiras, porém eram levadas a assumir o comportamento de adultos, deixando para trás esse espaço (Kischimoto, 1993).

Dentre as brincadeiras características dessa época, meados do século XX, Kischimoto (1993) destaca as brincadeiras de faz-de-conta; montar a cavalo ou carneiro (na falta do animal os meninos montavam nos moleques); o jogo da peia queimada, que imitava as surras dos negros com chicote; o jogo de pião; empinar papagaio; jogo do belisco, que consiste em beliscar a pessoa que chega à parte da música “lá vai um beliscão”; matar passarinhos; brincadeiras de bonecas entre as meninas, nas quais as crianças negras representavam o papel de criadas; cangaceiro; capa-bode, que envolve a construção de um espremedor de cana; entre outras. As brincadeiras eram variadas e muitas delas refletiam os comportamentos dos adultos, a relação de escravidão e domínio entre brancos e negros, além de serem influenciadas pelos acontecimentos da época.

Kischimoto (1993) também destaca como ocorriam as brincadeiras entre 1900 e 1940 na cidade de São Paulo. Ela diz que a rua era o lugar onde ocorria a maioria delas, tais como esconde-esconde, acusado, pula-sela, bolinha de gude, futebol, pipas, cantigas de roda e bonecas. Entretanto, isso estava presente nas camadas mais pobres da população, pois os mais abastados não tinham autorização para irem brincar na rua, visto que isso era considerado por muitos como criminalidade e promiscuidade. Uma diferenciação evidente nesse período é que

as brincadeiras das crianças ricas não eram as mesmas das crianças pobres. Estas brincavam com “brinquedos ecológicos”, ou seja, construídos a partir de materiais disponíveis na natureza e aquelas brincavam com brinquedos artesanais e industrializados, restritas ao âmbito doméstico e levadas ao jardim de infância.

Uma última contribuição considerável de Kischimoto (1993) em relação às brincadeiras é a tradição indígena dos jogos. As crianças indígenas brincavam com jogos e brinquedos que imitavam animais, caçavam passarinhos, modelavam bichos de barro, brincavam de esconde-esconde, brincavam de guerreiros, como o arco e flechas e, semelhante ao engenho, eram reproduções das condutas dos mais velhos, representando uma preparação para a vida adulta. A autora salienta que nas tribos indígenas essas atividades não eram consideradas brincadeiras, pois faziam parte dos costumes de todos, onde crianças e adultos não eram diferenciados.

Porém, essas realidades se tornam diferentes quando se pensa nos brinquedos dos dias atuais. Os jogos presentes no cotidiano de nossos pais e avós sofreram modificações consideráveis, a partir do processo de industrialização e globalização. Fadel, Ferri, Silva e Junior (2003, ¶ 2) concordam com essas mudanças quando afirmam que “cada vez mais o contato das crianças com jogos, brincadeiras e brinquedos tradicionais, vêm perdendo espaço para equipamentos de alta tecnologia, entre esses se destacam: vídeo-games, computadores, televisores e brinquedos de controle remoto”. Cabe então conhecer tais mudanças e compreender quais conseqüências, positivas e/ou negativas, têm acarretado para as crianças, como será visto a seguir.

CAPÍTULO III – TRANSFORMAÇÕES DAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Ao analisar a infância desde seu surgimento até os dias atuais Postman (1999) alega que ela está desaparecendo rapidamente e, assim como a prensa tipográfica² criou a infância, a mídia eletrônica está fazendo com que ela desapareça. Apesar de ser uma visão da infância americana, podemos transpor características dessa cultura para a realidade brasileira, uma vez que muitos avanços tecnológicos e brincadeiras são compartilhados mundialmente, devido ao processo de globalização.

O autor em foco dá uma atenção especial para a criação do telégrafo, avaliado como propiciador do desaparecimento da infância, ressaltando seu significado psicológico e social quando transforma a informação que era pessoal e regional para uma informação impessoal e global. Com isso, criou-se a indústria da notícia, anônima e descontextualizada, tornando a informação incontrolável.

De acordo com Postman (1999) essa criação recai sobre a infância, pois esta era mantida pelo controle da informação, que pertencia à família e a escola, e com o telégrafo as crianças passaram a ter acesso a qualquer tipo de informação. Além do telégrafo, outras formas de comunicação, sobretudo a imagem, se desenvolveram como a máquina fotográfica, o telefone, o fonógrafo (vitrola), o cinema, o rádio e a televisão. Com a utilização da imagem, o uso da linguagem e o raciocínio empregado para transmitirmos alguma informação são substituídos quando apontamos um dedo a uma figura para nos comunicarmos, trazendo prejuízos ao desenvolvimento da criança. Steinberg e Kincheloe (2001) concordam com esse fato, porquanto dizem que “a mudança na realidade econômica, associada ao acesso das

² Invenção da impressão com caracteres móveis em meados do século XV (Postman, 1999).

crianças a informações sobre o mundo do adulto, transformou drasticamente a infância. O ‘gênio’ da infância tradicional saiu da garrafa e não consegue voltar” (p. 13).

Em concordância com Postman, Elkind (2004) também acredita que o conceito de infância está ameaçado de extinção por causa de uma sociedade estressada e que a criança se tornou um adulto em miniatura.

Com o desaparecimento da infância, perdeu-se a concepção infantil de brincar. Os jogos infantis, assim como as crianças, se misturaram aos adultos, tornando-se parte das suas preocupações, uma vez que os jogos ganharam um caráter competitivo e a idéia de que não se brinca mais por brincar, pois sempre existe algum propósito externo, seja dinheiro, condicionamento físico ou orgulho (Postman, 1999). Elkind (2004), do mesmo modo que Postman, afirma que o valor e o significado das brincadeiras são pouco compreendidos na sociedade atual, transformando-se em trabalho. Os jogos, que antigamente tinham a função de divertimento, passaram a ser profissionalizados e competitivos. Um exemplo bem claro disso é o esporte, tratado por Huizinga (2007) como um jogo que tem se tornado cada vez mais sério, com regras mais difíceis e rígidas, excluindo a despreocupação e espontaneidade, características do jogo. Com isso, o elemento lúdico, em grande parte, desaparece, e o que antigamente fazia parte das confraternizações passou a ser “dessacralizado” (p. 220).

Conforme exposto no capítulo anterior, a partir do século XIX, Benjamim (2002) observa que os brinquedos vão perdendo suas características de miniaturas e diversifica-se o material sobre o qual é fabricado. Oliveira (1986) faz um percurso na sociedade capitalista e analisa as relações comerciais entre o dono do capital e aqueles que vendem sua força de trabalho, as relações de produção e as mercadorias. A partir disso, enfatiza que os brinquedos são mercadorias que obedecem às mesmas regras de qualquer outra mercadoria. Os produtores estão muito mais interessados nos lucros do que no valor lúdico que um brinquedo pode oferecer. Por isso o autor afirma que “antes mesmo que o brinquedo possa alegrar a

criança ou o jovem, ele certamente já concedeu alegrias maiores ao capitalista que, em tese e aparentemente, patrocinou sua fabricação” (p. 43).

Outro fato importante sobre o qual Oliveira (1986) volta sua atenção é que com o capitalismo o brinquedo ganha status e desperta o sentimento de propriedade (“é a minha bola”), originando uma diferenciação social: aqueles que possuem os brinquedos, inclusive os mais caros, e aqueles que não possuem, por falta de condições econômicas, mas que desejam ter. Ballariny (1999) analisa esse comportamento como o TER em detrimento do SER, alegando que as crianças estão mais consumistas e materialistas e em grande parte isso vem dos próprios pais, visto que eles ocupam as agendas dos seus filhos com vários cursos, diminuindo o tempo das brincadeiras, e isso se deve ao medo da violência e ao preparo dos seus filhos para uma sociedade competitiva que eles irão encontrar. De acordo com a autora o aumento do consumismo infantil está ligado também ao sentimento de culpa dos pais, devido ao tempo despendido com o trabalho e a forma como tentam reparar com o aumento da mesada. Para Mezabarba (1989, citada em Ballariny, 1999) esse consumo não satisfaz os desejos mais profundos do ser humano, pois a troca do afeto pelo material pode gerar neurose, já que os desejos não satisfeitos completamente dão origem a novos desejos.

Com o início da fabricação dos brinquedos, sabe-se que estes são planejados, criados e veiculados por adultos, a partir do que eles presumem ser o mundo infantil, significando não apenas uma projeção como também uma relação de dominação, determinando com o que as crianças devem brincar, sem levar em consideração a sua capacidade para decidir e criar suas brincadeiras. No entanto, Oliveira (1986) nota que nem tudo por ser visto dessa forma já que, mesmo com a oferta dos pais, que escolhem qual presente dar aos seus filhos, muitos rejeitam e até destroem esses brinquedos, optando por aquilo que querem e por aquilo que não querem. Aí, o autor vê a possibilidade das próprias crianças, ainda que tenham seus brinquedos impostos pela materialidade e pelos adultos, recriarem suas brincadeiras, atribuindo novos

sentidos e significados aos brinquedos. Essa possibilidade é compartilhada por Brougère (2004), quando alega que as crianças criam novos significados, aceitando ou não a proposta material dos fabricantes ou dos pais, no momento da brincadeira. O autor revela ainda o brinquedo como uma construção social, produto de três pólos: nasce no comércio, é usado pela criança e reconhecido pelo adulto provedor, sem os quais não seria reconhecido como brinquedo.

Os brinquedos eletrônicos produzidos no Brasil nasceram de cópias de similares norte-americanos. Esses brinquedos, os videogames, jogos de bolso e o caráter lúdico dos microcomputadores fazem parte do mercado da diversão e os próprios microcomputadores são vistos antes como objeto de diversão do que propriamente de informação. Tais brinquedos têm despertado uma tremenda atração em seus consumidores e ultrapassam qualquer limite étnico e social e pode ser usado por pessoas de qualquer idade (Oliveira, 1986).

No seu livro: “Sem tempo para ser criança” Elkind (2004) fala a respeito da infância atual e retrata alguns aspectos ligados a mesma. Dentre esses aspectos, interessa a visão que o autor tem das novas tecnologias presentes na vida das crianças como os programas de computador e a internet, que se tornaram parte de suas brincadeiras. O autor cita vários softwares desenvolvidos para crianças pequenas, que vai de 3 meses a 4 anos de idade, chamados de “lapware”, cada um com a sua função, geralmente “educativa”. O *Jumpstart Baby* é um programa, no qual o bebê é guiado por uma escola maternal e oito aprendizagens como música, cores, formas, animais, entre outros, por um personagem chamado Teddy. Outro programa chama-se *Babyrom*, que apresenta à criança formas geométricas, cores, letras do alfabeto, números e partes do corpo.

As opiniões sobre esses programas são muito divergentes. Existem autores como Clifford Nash (citado por Elkind, 2004) da Universidade de Stanford que acredita que “as crianças pequenas aprendem melhor quando brincam com objetos reais, como quebra-cabeça

e ursinhos, junto com outras crianças e adultos” (p. 129). Diferentemente, Robert Calfee (citado por Elkind, 2004) da mesma Universidade, defende que o software *Jumpstart Baby* é “a solução mais abrangente para preparar crianças para o sucesso na escola e no mundo real” (p. 129).

Em relação a essas discordâncias quanto à eficácia ou não desses programas, o autor do livro, Elkind (2004), argumenta que existe pouco embasamento científico para o “lapware” e que consegue ver mais risco do que benefícios nesses programas. Greenfield (1988) diz que os programas de aprendizagem funcionam em complementaridade aos ensinamentos tradicionais, contudo apresentam limitações, pois são mais válidos para praticar habilidades que já foram desenvolvidas do que para ensinar algo novo, mas acredita que o uso dos computadores serve como um meio eficaz para o ensino de crianças que apresentam dificuldades em aprender com os métodos tradicionais.

Outro aspecto discutido por Elkind (2004) é o uso da internet, cada vez mais acessível às crianças. Ele diz que ao mesmo tempo em que a internet oferece recursos positivos, ela pode representar um campo minado para esse público, uma vez que está recheada de sites pornôis, sites de grupos que cultivam o ódio, sites que ensinam como fazer bombas, salas de bate-papo, que contém todo tipo de informação e é muito utilizada por pedófilos.

Elkind (2004) vê nas brincadeiras infantis tradicionais a possibilidade de retirar ou ao menos amenizar os efeitos de uma sociedade estressada na vida de uma criança, dando preferência aos jogos e brincadeiras que permitam a criança imaginar, criar e se expressar.

Os vídeo-games são jogos incluídos no cotidiano das crianças e Provenzo. (2001) diz que eles têm recebido novas tecnologias, tornando-se mais realistas, interativos e também mais violentos. O autor fala a respeito da tecnologia de CD-ROM, que aproxima os vídeo-games das características televisivas, porém rotulado como um novo tipo de televisão, uma televisão interativa, que conta com a participação do jogador nas ações e atividades do

software. Essa interatividade torna o jogo muito mais realista e intenso e as conseqüências disso é algo que o autor desconhece por falta de pesquisas consistentes, mas afirma que a participação na violência desses jogos é muito maior, uma vez que são jogos que devem ser jogados de acordo com as suas rígidas regras, resultando em um fator perturbador.

Brougère (2004) ao indagar se os brinquedos determinam a crianças, relata que uma visão comum avalia que os brinquedos deveriam ser destinados ao prazer, ao pedido e às escolhas das crianças e deixam de sê-lo quando se integram na sociedade de consumo globalizada, tornando-se condicionados, impostos e normalizados. Dessa forma, a criança se volta para o consumo para poder brincar, algo que poderia ser encontrado de outra forma. Ao questionar essa visão, Brougère (2004) defende que as brincadeiras têm participação na formação social e cultural dos indivíduos, contudo ele nega o reducionismo de que a criança é uma tabula rasa, o que a torna produto da sociedade, dos pais e dos fabricantes de brinquedos e sustenta a idéia que “a criança atua na construção do seu ser social e cultural, na sua socialização ou aculturação” (p. 249). Para o autor, as crianças não recebem as normas, mensagens e imagens de forma inerte, elas interpretam e atribuem sentido. Brougère (2004) não admite as relações que outros fazem entre jogos violentos resultarem em crianças violentas, da mesma forma que não podemos admitir que uma criança que brinca de professor se tornará um deles, já que para o autor “a experiência adquire sentido na situação em que é vivida, no momento em que a criança usa o objeto e não no futuro” (p. 249).

Brougère (2004) complementa o seu pensamento dizendo que o brinquedo não faz parte de toda a experiência infantil, constituindo um elemento, dentre outros, que tem sua influência ligada à influência de outros fatores vinculados a momentos e significados. O brinquedo nunca está numa experiência isolada. “Só podemos compreender o que o brinquedo faz à criança ao olhar o que a criança faz com o seu brinquedo” (Brougère, 2004 p.251).

A respeito da brincadeira contemporânea, Brougère (2004) diz que esta está dividida em brincadeiras que são realizadas com brinquedos, geralmente realizadas sozinhas, no espaço familiar ou na companhia de poucas crianças e as brincadeiras coletivas, compostas por aquelas que dispensam os brinquedos e as que acontecem com o uso deles, sendo esta última originada, em grande parte, nas séries da televisão. Esses brinquedos saem do espaço doméstico para as escolas, com a finalidade de serem mostrados, pelo status que contém de objeto da moda.

A influência da televisão sobre o brinquedo é algo bastante discutido e Brougère (2004) cita algumas críticas, nas quais esse fato é percebido como inibidor da imaginação e da criatividade. Pierre Smith (1994, citado em Brougère, 2004) afirma que as brincadeiras de guerra e aquelas influenciadas pela televisão são repetitivas e estereotipadas. Stephen Kline (citado em Brougère, 2004) defende que as brincadeiras relativas às séries televisivas são pobres e reprodutivas, convertendo-se, conforme trata Piaget, numa acomodação ao processo televisivo ao invés de ser uma assimilação, pois as crianças seguem com rigidez as regras impostas por esses brinquedos, ao invés de criá-las.

Frente a essas críticas, Brougère (2004) se posiciona baseado em pesquisas anteriores, alegando que não se pode recusar a relevância da televisão e seu direcionamento nas brincadeiras, contudo existe uma diversidade de fatores envolvidos nessas brincadeiras como idade, brincadeiras solitárias e coletivas, presença de meninas e valorização da atividade pelos adultos. O autor exemplifica um desses fatores contando que crianças pequenas são mais livres para criar suas brincadeiras, mesmo utilizando personagens da televisão. As crianças mais velhas, ao contrário, seguem os modelos das séries, ao se tratar de brincadeiras coletivas, pelo status do personagem e pela pressão do grupo, que deseja ser fiel ao desenho, a ponto de aceitar aqueles que assistem aos episódios e rejeitarem os que não são assíduos, transformando a televisão em um referente partilhado, que transmite o sentimento de

pertencimento no grupo. Frente a isso, Brougère (2004) diz que as crianças se sujeitam a isso pela vontade de pertencer ao grupo, que vai além do anseio por brincar como na televisão. A vontade está ligada ao brincar junto com outras crianças, fazendo com que a televisão se torne apenas um meio para se chegar a isso.

Uma autora que se posiciona em relação às críticas do videogame, considerado fútil, bestificante e violento é Greenfield (1988), pois acredita que a televisão, o videogame e o computador são permanentes e por isso é fundamental que seja descoberta a melhor forma de utilizá-los. A autora defende o uso da mídia eletrônica com inteligência, afirmando que dessa forma, tanto ela como a televisão “têm grande potencial para contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Proporcionando habilidades mentais diferentes das desenvolvidas pela leitura e pela escrita” (p. 16). O videogame é visto por ela como um meio através do qual as crianças têm acesso aos computadores, que por sua vez têm se tornando importantes profissionalmente e no dia-a-dia, além da interatividade presente neles, preocupante para Provenzo (2001), citado anteriormente, porém vista pela autora em foco como estimulador da atividade da criança para promover estímulos e informações.

Greenfield (1988) expõe que existem alguns motivos que justificam o porquê dos videogames serem tão atraentes como as imagens visuais dinâmicas, os efeitos sonoros e a contagem automática de pontos e diz que estes são um dos motivos que fizeram com que as crianças substituíssem os brinquedos tradicionais. Ao contrário do que é dito por alguns autores, Greenfield (1988) defende que os videogames desenvolvem habilidades sensório-motoras como coordenação viso-motora importante para o desenvolvimento cognitivo e outras complexidades que não são encontradas nos jogos clássicos.

Oliveira (1986) afirma que a tecnologia ligada aos brinquedos provoca diferentes reações. Aqueles que são a favor da modernização, defendem que são progressos culturais do país e que negar esses brinquedos é assumir uma postura conservadora. E da mesma forma

que Greenfield (1988), eles argumentam que os videogames permitem a criança jogar ativamente, aprimorando seu raciocínio, percepção, reflexos motores e introduzindo-as no mundo da informática.

Por outro lado, existem aqueles que fazem comparações entre os brinquedos eletrônicos e os brinquedos artesanais e defendem que os primeiros são manipulativos e impeditivos da reflexão e expressão e que por isso as crianças não são capazes de inventar ou criar (Oliveira, 1986).

Silva e Moreira (2007) afirmam que a tecnologia está mais presente na vida das crianças e adolescentes e é utilizada por eles como uma forma de comunicação, divertimento e nos estudos de forma cada vez mais precoce. Os autores consideram que as brincadeiras do passado como soltar pipa, jogar bola, polícia e ladrão, esconde-esconde, bês entre outras estão sendo abandonadas e substituídas pelo computador. As crianças e adolescentes estão se divertindo com jogos eletrônicos, ferramentas de mensagem instantânea, o *messenger* - MSN, e comunidades virtuais como o Orkut, através dos quais os adolescentes realizam encontros e fazem amizades, que deixaram de acontecer, respectivamente, na casa de amigos e pessoalmente. Para Silva e Moreira (2007) os pais devem buscar um equilíbrio para aproveitar o melhor da tecnologia e assim evitar as conseqüências que a falta de limite de uso pode acarretar para os seus filhos e incentivá-los a praticar esportes e atividades físicas para impedir o sedentarismo, concordando com Greenfield (1988) que julga fundamental que seja descoberta a melhor forma de utilizá-los, tendo em vista que os jogos eletrônicos vieram para ficar.

Previtale (2006) escreveu um artigo sobre a importância do brincar e nele ela faz um memorial colocando suas lembranças de criança motivada pela observação que as brincadeiras e jogos infantis que aconteciam nas ruas não ocorrem mais. A autora diz que naquele tempo (infância dos anos 80) as crianças tinham uma infância diferente da que

presenciamos hoje, não existia muito interesse em ficar assistindo na televisão, não tinha tanta violência e todos gostavam das brincadeiras das ruas, brincando com os vizinhos de bola, soltando pipas, pulando corda, amarelinha, jogando bola de gude, cartas, jogo de damas, W.A.R., carrinhos, roubar monte, vôlei, mãe de rua, esconde-esconde, entre outras.

De acordo com a autora citada acima, as crianças modernas não brincam mais nas ruas devido à violência e passam a maior parte de dia brincando de videogame e computador. São crianças que não têm diálogo com a família nem com os vizinhos e somente sabem imitar gestos e falas de super-heróis brigando com monstros e as meninas, por sua vez, passam a ter como referência as modelos da televisão desejando cada vez mais cedo se parecer com elas. Essas crianças têm um conhecimento avançado do mundo do adulto e até das preocupações do dia-a-dia, pois faz parte da vida de muitas delas e a autora pontua que são crianças que não sabem brincar, mas que sabem usar computadores, celulares, internet, e-mails melhor do que os adultos.

Previtale (2006) acredita que os pais não estão encontrando tempo para ficar com os seus filhos e, por isso, estão deixando-os mais horas na escola, com babás, com os avôs e com isso as crianças estão sendo educadas pela televisão ou se isolando e adentrando num mundo virtual, brincando com jogos que incitam a agressividade e a violência e, além disso, a autora afirma que “hoje nem mesmo o berço familiar é equilibrado e estruturado, deixando assim as crianças contemporâneas voltadas mais para a televisão e vídeo-game como forma de preencher o tempo sozinhas” (p.12). Diante dessa realidade, na qual as crianças não encontram espaço para brincar com liberdade, a autora vê na escola a possibilidade de se tornar um lugar para que a criança possa pensar, desenvolver suas habilidades e ser criativa.

Além dos brinquedos eletrônicos outros objetos têm sido inseridos no universo infantil. Ballariny (1999) conta em seu ensaio que as crianças de oito e nove anos já se vestem e têm preocupações estéticas como os adultos, consideradas pela autora como as

“Patricinhas”, abandonando suas bonecas e voltando seu interesse para as roupas da moda, celulares e acessórios de verdade e por isso, as indústrias de brinquedos têm fabricado bonecas que se vestem com roupas modernas, usam saltos, calças com cintura baixa e bolsas como a Driks da Estrela. Uma reportagem publicada por Veiga (2000) na Revista Veja, com o título “Princesas Precoces”, confirma a posição da autora e afirma que as meninas de hoje em dia não se interessam mais por bonecas, direcionando sua atenção para maquiagem, celular e roupas de grife, se parecendo cada vez mais com os adultos, apresentando preocupações estéticas e no lugar de brincar de fazer de conta, elas mesmas são objetos para vestir vários modelos de roupas, arrumarem os cabelos e pintar as unhas. Isso tem tornado as crianças precoces tanto no que diz respeito aos seus hábitos quanto ao desenvolvimento corporal, devido a estimulações televisivas, musicais, tornando-as mais eróticas e como alguns pesquisadores acreditam, com produções aceleradas de hormônios e contribuindo para seu rápido crescimento.

Diante de tudo o que foi exposto, visões tanto negativas quanto positivas acerca das mudanças que ocorreram nos brinquedos e conseqüentemente nas brincadeiras podemos concluir que ainda não existe uma resposta para esse impasse, porque não se sabe como isso irá repercutir em longo prazo. Os problemas das gerações atuais e dos adultos jovens, extremamente consumistas e precoces, não advêm exclusivamente das mudanças no brincar, mas de toda uma reestruturação da sociedade e da família. Na seqüência a discussão da pesquisa irá possibilitar a reflexão em torno das mudanças do brincar entre as gerações de pais e filhos e mães e filhas, por meio das quais poderemos visualizar o efeito das modificações e tecnologias apresentadas neste capítulo, como também a singularidade de cada um desses sujeitos frente a essas questões.

CAPÍTULO IV – METODOLOGIA

Método

O método utilizado será a Pesquisa Qualitativa, conforme o modelo proposto por González Rey (2002), que enfatiza a experiência pessoal do sujeito. A abordagem qualitativa constitui uma definição epistemológica teórica e refere-se ao esclarecimento e conhecimento dos complexos processos subjetivos. A subjetividade está permeada pela história e pelo contexto, que compõe a singularidade do sujeito. Este sujeito é interativo, motivado e intencional e investigá-lo torna-se um processo de comunicação entre pesquisador e pesquisado, que vai tomando diferentes formas e que precisa levar em consideração tais características do sujeito.

Nesse diálogo, o sujeito pesquisado é ativo e não apenas um mero respondente. Ele faz construções e sua subjetividade é revelada ao longo da pesquisa, em respostas formais, informais como também naquilo que é observado. O diálogo é considerado por González Rey (2002) “como uma das fontes principais de produção de informação” e que nele “se criam climas de segurança, tensão intelectual, interesse e confiança, que favorecem níveis de conceituação da experiência que raramente aparecem de forma espontânea na vida cotidiana” (p.57). Esse contexto é fundamental para o valor da qualidade da informação.

O pesquisador assume uma posição intelectualmente ativa, produzindo idéias que, juntamente com o sujeito pesquisado, vão originando novos níveis de produção teórica, que não depende somente dos resultados produzidos pelo instrumento utilizado, mas do processo de pesquisa de forma geral. Esse instrumento ou as estratégias propostas não podem ser rígidos, devendo ser ajustados conforme as informações e necessidades que demandar o momento. E da mesma forma que os instrumentos, a teoria não deve ocupar um lugar rígido.

Devemos voltar a nossa atenção a singularidade do sujeito, pois é nela que o conhecimento é produzido (González Rey, 2002).

González Rey (2002), ao propor essa pesquisa qualitativa, revela a importância da apresentação do pesquisador e da pesquisa. O autor afirma que esta não deve ser feita conforme as pesquisas tradicionais, que utilizam uma instrução geral e sim através “de um diálogo do pesquisador com os sujeitos que participarão da pesquisa; o pesquisador propõe temas de interesse para eles e tenta fazer com que participem, se motivem e gerem uma atmosfera de reflexão sobre as questões tratadas” (p. 58). Esse momento torna-se o primeiro da pesquisa, marcado pelo interesse e preocupação do pesquisador. Necessita ser informal e descontraído para que os sujeitos se sintam livres e confiantes para expressarem suas opiniões e para isso é preciso que a pesquisa tenha um sentido para os participantes. Se tratando de crianças, González Rey (2005) diz que esse momento inicial deve ser feito com atividades atrativas que despertem o interesse da criança em participar, como o uso de fantoches, filmes infantis e jogos.

De acordo com o modelo proposto, os momentos da pesquisa, caracterizados como a definição do problema, hipóteses e objetivos não são formulados de forma estática, no início da pesquisa, mas vão sendo construídos no decorrer do trabalho, momento em que as decisões e opções metodológicas são definidas e redefinidas (González Rey, 2002, 2005).

A pesquisa em questão foi realizada por meio de entrevistas com perguntas abertas, sem o objetivo de serem rígidas ou auto-suficientes, mas que, segundo González Rey (2002), facilitem a expressão dos sujeitos e permita o diálogo entre pesquisador e pesquisado. Trata-se de um instrumento individual, que não tem por objetivo somente obter respostas do entrevistado, configurando-se como um sistema de conversação, no qual os sujeitos envolvidos (pesquisado e pesquisador) compartilham suas idéias, dúvidas e tensões, facilitando o surgimento de sentidos subjetivos (González Rey, 2005).

Essa entrevista ou diálogo tem como objetivo levantar as características das brincadeiras na geração passada e na atual, verificando as mudanças que ocorreram e quais as conseqüências que estas podem acarretar para a criança que vive na atualidade. A pesquisa também conta com todo o suporte teórico, a partir das idéias dos autores tratados nesse estudo e com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – do UniCEUB TCC 135/08 (CAAE 0080/08).

Informações sobre os sujeitos de pesquisa

Os sujeitos estudados na pesquisa em questão fazem parte do padrão de classe média da família brasileira, residentes em Brasília, onde viveram sua infância, compondo quatro famílias, duas mães e duas filhas, dois pais e dois filhos. As duas mães são A. L. C. R. D, 37 anos, nasceu no interior do Rio de Janeiro e veio para Brasília com quatro anos de idade e P. L. P. L., 28 anos, nasceu em Brasília. Os pais são M. D. L., 39 anos, nasceu em Belo Horizonte e veio para Brasília com cinco anos e L. D., 50 anos, nasceu em Campo Alegre de Goiás e veio para Brasília com seis anos. Os filhos são, respectivamente, M. L. C. D, oito anos, S. P. L, sete anos, E. A. S. L., 12 anos e G. F. G. D., 11 anos, todos nasceram em Brasília. A seleção desses sujeitos tem como objetivo a comparação, no que diz respeito às características de suas brincadeiras e visões acerca das mudanças que ocorreram.

Procedimentos

Os participantes foram recrutados através de contatos telefônicos, meio eletrônico e incluídos na pesquisa os que possuem as características pré-estabelecidas, citadas acima, e

que estavam motivados a participar. Os que não obedeceram a esses critérios foram excluídos do processo.

Após definir o roteiro de entrevista entrou-se em contato com os sujeitos recrutados para verificar a disponibilidade de horário e marcar o dia da entrevista. As entrevistas foram agendadas e realizadas nas suas casas, utilizando como critério o bem-estar e a comodidade dos entrevistados.

Com todo o material em mãos foram feitas as transcrições das entrevistas, colocadas na íntegra em anexo, para que possam ser feitas as análises de acordo com o referencial teórico. No capítulo seguinte dedicou-se aos resultados e discussão do material pesquisado.

CAPÍTULO V – RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas realizadas com os pais e com as crianças observou-se várias brincadeiras semelhantes como também várias brincadeiras diferentes entre eles, bem como pontos de vista, opiniões e crenças acerca das brincadeiras tradicionais e suas mudanças na atualidade que concordam e divergem das questões trazidas pelos autores citados no referencial teórico.

Os brinquedos descritos por Ariés (1978) como o jogo de esconder, as bonecas, jogos de azar e também o jogos presentes na cultura brasileira tais como o jogo de saquinho, a amarelinha, pipa, nadar, futebol, relatados por Kischimoto (1993) estiveram presentes na infância dos pais entrevistados, porém não se limitaram a esses jogos.

As brincadeiras de faz-de-conta, chamada por Piaget de *jogo simbólico* ou de *jogos de ficção* por Wallon, fizeram parte da infância dos pais. A. conta que “(...) *gostava muito de fazer comidinha, a gente fazia fogãozinho mesmo de tijolo, com a mãe por perto né (...)* gostava de brincar de escolinha também, gostava muito de escrever no quadro, de passar tarefa, gostava de ensinar, gostava bastante, nem que fosse pras bonecas, pras plantas”, da mesma forma P. disse “(...) *brincava de banco, fingia que tinha banco, fazia cheque, notinha de dinheiro, assim, no papel, a gente brincava de loja (...)* loja de vendas né, aí botava os preços nas roupas, aí minha irmã entrava e comprava, aquele negócio todo” assim como L. falou que “(...) *os carrinhos, na maioria das vezes, a gente que confeccionava os carrinhos, a gente fazia caçambinha usando a latinha de sardinha pra fazer a caçamba, usava os buritis para fazer as ‘boléias’, as rodinhas, então era...a gente construía estradinhas, brincava muito*”.

De acordo com Piaget (1990) essas brincadeiras, apesar de apresentar uma natureza imitativa, é uma forma de expressão da criança, que é sua própria telespectadora. O jogo

simbólico é essencial para o desenvolvimento cognitivo e afetivo, uma forma de comunicação da criança. É permeado pela imaginação, característica da brincadeira tanto para Piaget como para Vigotsky (2000) que a considera como um critério.

As brincadeiras contadas pelos sujeitos da pesquisa, apesar de algumas não serem as mesmas, tinham características semelhantes, pois eram realizadas de forma coletiva, onde todos participavam de sua execução e quase não existiam brincadeiras individuais, como conta A. que passou sua infância no Guará, *“eu não me lembro de brincadeira individual não, era mais grupo. Inclusive assim, eu, raramente, gostava de ficar sozinha né, era muito difícil. Estava sempre um na casa do outro, eu não me lembro de nenhuma brincadeira sozinha (...)”*. Da mesma forma P. de 28 afirma que *“era difícil, só quando eu ganhava um presente, que eu ganhava um brinquedo novo e eu ia brincar sozinha né, para experimentar o brinquedo, mas era muito difícil, mas, assim, eu lembro que lá em casa, como eu tenho dois irmãos, a gente brincava muito junto também quando a gente estava em casa né (...)”*.

Algo também compartilhado pelos pais é a existência de muitos amigos na infância, principalmente nas ruas onde moravam e a presença deles na maioria das brincadeiras, conforme dito anteriormente. As seguintes frases ilustram bem isso: para A. *“Ixi, era bastante criança, muita criança, era muita gente. Acho que toda casa tinha, toda tinha pelo menos duas crianças e aí né, depois vieram os prédios né, então, assim, continuou né crescendo a quantidade de gente e a gente era muito amiguinho (...)”*, P. *“Nossa! Tinha um monte, um monte de gente, nossa, até hoje a gente mantém contato, muita gente, muitos amigos”* e L. *“Praticamente todas as crianças da rua eram meus amigos (...) várias crianças, a gente brincava muito, muitas crianças”*

O sentimento de liberdade, de bem-estar e de felicidade é algo que marcou a infância dos pais entrevistados. Isso é demonstrado quando se analisou a da P. *“nossa! Eu me divertia demais. Da minha infância eu não tenho que reclamar, nossa!... foi maravilhosa”*, do M. (39

anos) “...eu tive uma infância, talvez, eu aproveitei mais, assim, o espaço que eu tinha, eu tinha mais liberdade porque a cidade proporcionava uma segurança maior, Brasília ainda era uma cidade que ainda se dava pra brincar, então a gente não tinha essa preocupação, essa paranóia que é hoje “eu vou ser assaltado”, eu não ouvia isso, eu não sabia o que era isso, enfim, era um barato, eu sempre fui uma criança extremamente feliz.” e também o L. (50 anos) que disse “a gente brincava muito na rua. Como a violência não era tamanha como nos dias de hoje, a gente vivia no mundo sabe, eu saía de manhã, voltava na hora do almoço, almoçava, ia pra escola, voltava no fim da tarde da escola, jantava e caía no mundo de novo só voltava tarde, quer dizer, a gente vivia livre, a gente era solto, não existia essa prisão que existe hoje, esse medo né que as pessoas têm”. Com isso pode-se perceber que o sentimento de liberdade está ligado a questões sociais como a violência urbana que, tanto para M. quanto para L., são impeditivos da liberdade das crianças nos dias de hoje. A violência também é vista dessa forma por autores que descreveram a infância atual como Previtale (2006) que declara que as crianças modernas não brincam mais nas ruas devido à violência.

Um fato interessante trazido por uma das mães, a A., é que ela atribui aos muros das casas, cada vez mais evidente na arquitetura moderna, a dificuldade de acesso das pessoas dizendo que na sua época “sempre tinha muita gente (brincando na rua) e não tinha muro né, então as pessoas tinham acesso fácil né, tinha uma cerquinha baixinha de madeira com planta, então era muito fácil o acesso” e que hoje os muros para ela “dá uma certa privacidade, mas também a pessoa bloqueia mais né. Tanto é que aqui, desde que a gente comprou a gente botou cerca viva, assim, porque é uma coisa que a gente sempre gostou mesmo, sabe, a gente tem muita resistência com muro, muita resistência”. Essa opinião concorda com Previtale (2006) que acredita que as famílias se escondem atrás dos muros altos e dentro de suas casas por causa da violência, fazendo com que as crianças deixem de brincar nas ruas.

Ao analisar a infância de seus filhos e compará-la a infância que tiveram os pais trouxeram várias questões valiosas para esta pesquisa. São questões que não têm o objetivo de serem julgadas ou generalizadas, mas que revelam a singularidade de cada pai e mãe que ora concordam e ora discordam entre si. Pensando sobre a infância de seus filhos tanto os pais quanto as mães reconhecem que é diferente. M. diz que “(...) *é bem diferente né, é bem diferente porque o E. (filho) nasceu numa concepção diferente. Eu já morava no Lago Sul, casado já, mas dentro de um condomínio onde os vizinhos eram os avós e os tios, então ele foi um dos primeiros netos né, os meus filhos foram os primeiros, e aí o quê que acontece, eles ficaram um pouco isolados (...) ele não tem tanta liberdade como eu tive, ele não morou... eu acho que uma grande diferença é morar numa quadra, tinha vários amigos e tal, então é muito diferente. Eu acho que a infância dele, claro, é uma criança feliz também, mas aproveitou muito menos, eu acho que brincou muito menos daquilo que talvez ele gostasse de fazer (...)*”.

Para P. “(...) *não tem nem como comparar né, porque eu morava num condomínio fechado, com vários amigos, eu tinha muitos amigos e a gente inventava um monte de brincadeira, até porque tinha mais cabeça pra inventar né, várias cabeças pensando em várias brincadeiras. No caso dela, hoje a gente tá morando aqui.. .é.. .ela tem o quê, aqui dentro do condomínio umas três ou quatro amigas (...) aqui embaixo do prédio não pode jogar bola, não pode andar de bicicleta, não pode andar de patins, não pode fazer nada, só pode ficar brincando de boneca lá embaixo, enfim, a gente não tem tempo pra levar até a pracinha (...)*”.

Por fim, L. que embora afirme que a infância atual seja diferente, acredita que “*a infância dele (filho), ele por sorte ele cresce nesse condomínio que a gente mora aqui, que é um condomínio onde ele brinca a vontade aí em baixo e tal. Se a gente vivesse em outro local,*

em outro espaço assim, em outro apartamento que não fosse nesse condomínio que a gente mora eu acho que ele estaria louco dentro desse apartamento (...)”.

Uma diferença que chamou atenção foi algo além da brincadeira e pode ser entendido pela necessidade da mãe de colocar questões de relacionamento familiar no seu discurso, revelando a importância desse conteúdo para a mesma. P. disse que *“uma coisa que eu percebi assim, não sei se isso é coisa de família, não sei como é que é, mas uma coisa que eu percebi com a minha. Minha mãe e eu, eu e minha mãe não tínhamos muito contato, nem eu com a minha mãe, nem eu com o meu pai, nem meus irmãos também. Meu pai trabalhava o dia inteiro, minha mãe ficava em casa o dia inteiro, mas eu não ficava, eu ficava o dia inteiro na rua brincando (...) eu tinha vergonha de falar com a minha mãe certas coisas, a gente não tinha comunicação, tanto que eu engravidei sem saber o que era nada (...) já eu e as crianças a gente tem uma, não sei se é porque eu sou nova também, mas eu acho que pelo fato da gente ter mais contato, por elas não estarem na rua brincando, a gente acaba ficando mais juntas e rola aquele carinho, aquele carinho mais de abraço, de ficar mais junto (...)*”

As diferenças são reconhecidas e eles se posicionam, levantando alguns pontos positivos e negativos em relação a elas, sobretudo no que se refere à inserção do videogame e computador. O acesso à informação, como consequência da criação do telégrafo é, na opinião de Postman (1999), um dos responsáveis pelo desaparecimento da infância, uma vez que as crianças passaram a ter acesso a qualquer tipo de informação que antes estava sob o controle da família e da escola. A. também reconhece essa transformação, todavia vê certas vantagens como *“(...) eu acho que é essa questão da informação mesmo, né, tem algumas coisas que elas já sabem, que é importante saber mesmo, que sabem um pouco das da minha época, essa coisa toda de acesso a informação e da parte de informática, de tecnologia, porque a gente, quanto mais cedo, até para aprender outra língua, elas tem hoje acesso mais fácil e se não for de uma forma exagerada, eu acho que é saudável, que é importante, já facilita para uma*

vida futura, né, coisa que a gente não teve ” e ao ser indagada sobre quais informações são importantes para a criança A. diz que “ (...) por exemplo, de alimentação é muito falado, é muito explicado, o que é bom e o que não é, na época da gente só via propaganda, você via o refrigerante que você queria e tomava, não tinha tanta informação a respeito de como é feito, de como não é. Hoje em dia a criança tem que se preocupar com isso e ela tem acesso a esse tipo de informação, né, e hoje, assim, é... eu vejo que eles também olham mais pro futuro, a gente acaba falando mais sobre o futuro (...) várias doenças, que hoje em dia elas ficam sabendo e chegam comentando, então tudo isso, assim, eu acho que é muito válido e elas aproveitam, desfrutam disso para uma qualidade de vida melhor, que a gente, às vezes, por falta de informação, não teve”. Dessa forma pode-se ver que A. defende a informação, mas ressalta que este acesso tem que ser feito de forma equilibrada.

Também questionado sobre o fato da informação estar cada vez mais presente na vida das crianças M. fala: *“(...) as crianças hoje vão chegar a um amadurecimento mais rápido que eu cheguei, mas vão perder aquela fase boa da vida que é a inocência (...) são crianças que vão amadurecer mais rápido, porém com uma série de problemas que eu acho que o sistema traz, o excesso de informação, violência, enfim, esse amadurecimento precoce talvez gere essa violência que a gente tá aí vivendo né no dia-a-dia (...)”*. Diante do mesmo tema, L. concorda com A. quando diz *“(...) eu acho que de um lado facilita demais, eles descobrem muitas vezes coisas que eu, no meu caso, fui descobrir depois de dezoito, vinte anos (...)”* e também com M. *“eu acho que eles amadurecem muito cedo sabe, e isso às vezes prejudica né, eles têm contato muitas vezes com drogas né, coisa que a gente não via antes e hoje tá aí pra todo lado que você vai você vê crianças se drogando, sabe”*.

A partir do século XIX, Benjamim (2002) observa que os brinquedos vão perdendo sua característica de miniaturas e o material sobre o qual é fabricado e relata uma de suas concepções que concorda com alguns com Vigotsky, quando afirma que a brincadeira é

determinada pelo conteúdo imaginário da criança e não do brinquedo e completa dizendo que os brinquedos autênticos são aqueles que menos se parecem com os adultos, que menos dão vazão a imitação, pois avalia a verdadeira brincadeira à que permite à criança ser livre para imaginar, fenômeno que perde sua força diante da plastificação. Sobre esse fato L. conta “(...) *eu gostava também muito de soltar pipa, achava legal, a gente fazia a pipa, a própria pipa da gente, não tinha esses negócios de comprar pipa pronta. Hoje em dia as crianças nem fazem as pipas mais, não tem nem o prazer de pegar um bambu e descascar ele, comprar um papel de seda e armar, fazer todo aquele esquema, hoje já vem tudo pronto né, então, quer dizer, isso aí tira um pouco da criatividade das pessoas, os carrinhos hoje em dia vêm tudo pronto, que o prazer legal é você fazer o brinquedo e você brincar com ele, então era muito divertido (...) brincava muito também de carrinho de rolimã (...) esses carrinhos a gente mesmo que confeccionava*”.

A. compartilha esse ponto de vista quando diz que “(...) *as crianças hoje não fazem mais os seus brinquedos, elas querem prontos e isso deixa a desejar né, porque a pessoa pode criar tantas coisas ali, fazendo, construindo e isso também depende de valores, porque às vezes a pessoa acha mais legal aquilo que foi comprado, aquela coisa que é difícil hoje de resgatar (...)*”. Ao contrário dessas opiniões, Brougère (2004) alega que as crianças criam novos significados, aceitando ou não a proposta material dos fabricantes ou dos pais, no momento da brincadeira.

Um fato importante sobre o qual Oliveira (1986) volta sua atenção é que com o capitalismo o brinquedo ganha status e desperta o sentimento de propriedade (“é a minha bola”), originando uma diferenciação social: aqueles que possuem os brinquedos, inclusive os mais caros, e aqueles que não possuem, por falta de condições econômicas, mas que desejam ter. Isso foi percebido por M. “*a gente tinha valores materiais muito menos do que eles têm hoje, esse eu acho que é o principal ponto, então, porque, eu não tinha que ter nada, eu não*

tinha que ter dinheiro pra jogar bola, pra brincar, nada, sempre aparecia uma bola, pô, quem é que não tinha uma bola, uma bola que seja de plástico, alguma coisa pra brincar (...) hoje, é outra coisa que eu sinto, eles dão valor a isso entendeu 'pô, o cara é não sei o quê', 'pô, o cara é aquilo', coisa que eu fui perceber que alguém tinha dinheiro, eu tinha lá meu quatorze, quinze anos (...) hoje não, você vai colocar um videogame dentro de casa, esses top de linha é três, quatro mil reais, nem todo mundo pode né". São questões sociais, nas quais os brinquedos passaram a ter valor não só comercial como também social e Ballariny (1999) analisa esse comportamento como o TER em detrimento do SER, alegando que as crianças estão mais consumistas e materialistas.

Em relação ao uso de videogames e computador, os pais falaram sobre alguns benefícios. Para A. *"(...) é interessante, tem alguns que você tem que usar estratégias, aquela coisa toda de jogo, né, usar o raciocínio lógico, a memória, então, assim, é interessante por esse aspecto, mas aí é igual a televisão, tem que acompanhar".* Essa idéia é defendida por Greenfield (1988) quando argumenta que os videogames desenvolvem habilidades sensório-motoras como coordenação viso-motora importante para o desenvolvimento cognitivo e outras complexidades que não são encontradas nos jogos clássicos. No entanto, A. diz *"(...) eu acho que é bom, agora, vicia, porque eu tive até que cortar porque ela tava, assim, chegava da escola 'mãe, deixa eu jogar, deixa eu jogar' direto, queria acabar com o dever logo, porque ela queria ir jogar e eu vi que a coisa estava indo para o vício",* A. está se referindo a filha dela que por um período só queria ficar no computador conforme ela fala *"(...) ela estava ficando assim mesmo, mais a M. (filha) mesmo, as outras não ficavam muito assim não, mais a M., ela não queria fazer mais nada, ela queria era acabar logo o que tinha que fazer para ir para o computador, baixar joguinho e arrumar joguinho e ficar nessa, mas aí com o tempo ela foi soltando, porque a gente pegou firme né (...)"*.

Da mesma forma que A., M. fala “(...) *eu acho que de uma certa forma é benéfico se você partir do princípio de que hoje você precisa ter essa criança mais perto de você, sob seus olhos ali né, mas com algumas ressalvas com relação ao conteúdo que está ali (...)*”. O limite aparece de forma clara no discurso dos pais e mães citados e diante da realidade atual, pode-se pensar como Greenfield (1988), pois acredita que a televisão, o videogame e o computador são permanentes e por isso é fundamental que seja descoberta a melhor forma de utilizá-los, restringindo seu uso no que for preciso. Para Silva e Moreira (2007) os pais devem buscar um equilíbrio para aproveitar o melhor da tecnologia e assim evitar as conseqüências que a falta de limite de uso pode acarretar para os seus filhos.

P. se refere ao lado positivo do computador quando prefere que sua filha não fique só assistindo televisão, já que essas são as opções de S. quando está em casa, “(...) *o caso da S., pra ela não ficar muito tempo na televisão, apesar de ser também uma tela, pra ela não ficar muito tempo na televisão, naquele negócio de ficar parada, olhando, ela acaba tendo uma percepção, ativa o cérebro dela (ficar no computador), ela fica ali mexendo, procurando, buscando uma brincadeira diferente ou até mesmo colocando uma roupinha, ela tá trabalhando ali o cérebro. Se ela tivesse na televisão, ela ia ficar assistindo aquele negócio meio, parecendo um Zumbi e acabou. Na internet ela lê bastante né, lê historinha, lê o que tem que fazer no jogo, ela lê as instruções, segue as instruções, coisa que na televisão ela não vai fazer (...)*”. Nota-se que a televisão é preocupante para P., porém é vista por Greenfield (1988) como “grande potencial para contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Proporcionando habilidades mentais diferentes das desenvolvidas pela leitura e pela escrita” (p. 16) se for utilizada com inteligência.

Para Winnicott (1975) o brincar é universal, propiciador do crescimento e da saúde, facilita a socialização e no brincar as crianças adquirem experiências e desenvolvem suas relações emocionais, propiciando os contatos sociais. Concordando com o autor, P. ao ser

questionada sobre os pontos negativos do computador acredita que “(...) *ela (filha) pode ser uma pessoa meio introvertida porque não tem muito contato com outras crianças, você tá ali, só você e a tela, não conversa, você fica ali trabalhando o cérebro, mas não trabalha a fala e o vocabulário. Eu acho que ela pode ter sérios problemas pra poder entrosar com as outras pessoas ou tomar certas atitudes, assim, mais pra frente (...) com a internet, não tem esse negócio de você expor sua opinião, falar o que você pensa e você pedir alguma coisa, não, é só você e a tela ali e como ela está brincando sozinha não tem ninguém pra discutir, pra falar (...) ela é muito envergonhada acho que por causa disso, falta de comunicação com as outras crianças (...)*”.

O computador também tem seu lado negativo para D., que referindo-se aos jogos de videogame e computador diz “(...) *eu mesmo, eu não gosto que eles (filhos) brinquem com esses jogos que usa arma, que tem muito sangue, esses jogos. Sempre que eu posso eu dou uma bronca nele, peço pra ele trocar esses jogos, eu, particularmente, não compro esse tipo de jogos pra ele, sei lá, que eu acho que isso aí acaba ajudando a criar certas raivas, certas coisas ruins dentro de você sabe, e pode prejudicar no futuro*” e observa que no campo acadêmico “(...) *facilitou muito a vida das pessoas, as pessoas hoje em dia já encontram muitas coisas prontas na internet e acabam não indo atrás, não pesquisando (...) deixa a pessoa muito preguiçosa, não quer pesquisar, não quer falar com as suas próprias palavras né, você acaba ficando um objeto do meio né*”.

Quando se atenta para fala da P. fazendo menção a sua filha, “(...) *só que nas opções que ela tem, eu tento, assim, de vez em quando ela brinca assim... quem nem eu comprei um carrinho (de boneca) pra ela, a gente tenta introduzir né, as brincadeiras de criança, compra ursinho, boneca, carrinho, mas mesmo assim a internet prevalece né, porque sozinha também é sem graça de brincar né, e aí eu acabo entendendo a internet lá, ela fica brincando. Eu acho legal pra ela porque ela tá ali trabalhando né, tá pensando, tá lendo, melhor que a*

televisão, só que não é melhor do que as brincadeiras infantis de rotina né”, percebe-se o valor que é atribuído as brincadeiras tradicionais e a tentativa de inclusão dessas brincadeiras na rotina de sua filha, onde Elkind (2004) vê a possibilidade de retirar ou ao menos amenizar os efeitos de uma sociedade estressada na vida de uma criança, dando preferência aos jogos e brincadeiras que permitam a criança imaginar, criar e se expressar. Todavia essa tentativa fracassa por não ter um contexto, no dia-a-dia da filha, que propicie essas brincadeiras.

Por fim, pode-se chegar à conclusão de Oliveira (1986) quando afirma que a tecnologia ligada aos brinquedos provoca diferentes reações. Aqueles que são a favor da modernização, defendem que são progressos culturais do país e que negar esses brinquedos é assumir uma postura conservadora. Por outro lado, existem aqueles que fazem comparações entre os brinquedos eletrônicos e os brinquedos artesanais e defendem que os primeiros são manipulativos e impeditivos da reflexão e expressão e que, por isso, as crianças não são capazes de inventar ou criar (Oliveira, 1986).

As entrevistas realizadas com as crianças trouxeram algumas surpresas diante da exposição teórica de alguns autores como Silva e Moreira (2007) que consideram que as brincadeiras do passado como soltar pipa, jogar bola, polícia e ladrão, esconde-esconde, bês entre outras estão sendo abandonadas e substituídas pelo computador ou Previtale (2006) quando diz que as crianças modernas não brincam mais nas ruas devido a violência e passam a maior parte de dia brincando de videogame e computador.

Concorda-se que as brincadeiras tradicionais e suas características não são encontradas com a mesma frequência no cotidiano das crianças atuais, contudo elas não estão completamente abandonadas e é importante ressaltar que fazem parte das brincadeiras preferidas das crianças entrevistadas. Ao serem questionados sobre qual brincadeira eles mais gostam de brincar, M. respondeu que é de pique-esconde, S. de cabo de guerra, E. de andar de bicicleta e G. de polícia e ladrão, nenhum se referiu a algum jogo eletrônico. Algo curioso é

que quando foi perguntado, de maneira geral, quais brincadeiras eles brincavam, a maioria não se referiu a um jogo eletrônico e este só foi incluído no diálogo quando colocado pelo entrevistador.

A troca das brincadeiras de rua pelos jogos eletrônicos não provou ser verdadeiro na vida dessas crianças, exceto com a S. por falta de opção e condições ambientais, que serão tratadas adiante. A maioria das crianças entrevistadas prefere brincar na rua ou embaixo do bloco do que ficar no computador ou videogame e uma resposta interessante foi a da M. que disse *“prefiro brincar na rua (...) porque na rua eu tenho mais amigos, posso brincar mais, eu não brinco só com uma pessoa, porque também é sem graça ficar só com uma pessoa brincando”*. Para G. isso não é problema, *“(...) pra mim tanto faz, porque aqui de videogame eu jogo e às vezes que chamo alguém e lá em baixo quase todo mundo fica falando de videogame, videogame, é videogame e às vezes a gente fica brincando”*, mas ele reconhece a diferença, *“(...) lá embaixo você está fazendo uma atividade mais física, aqui em cima você está mais pensando no que você vai fazer no joguinho”* e diz que das duas ele prefere fazer exercício físico.

Durante os encontros com os pais e crianças nota-se que o local de residência é um fator importante na presença de brincadeiras tradicionais. É certo que os pais tratam a violência como impeditiva da liberdade das crianças, mas eles reconheceram que o local que moram colaboram para que seus filhos brinquem mais fora de casa. É o caso do D. *“(...) ele por sorte ele cresce nesse condomínio que a gente mora aqui, que é um condomínio onde ele brinca a vontade aí em baixo e tal (...)”* e da A. *“o fato da gente morar em condomínio ajuda muito, elas ficarem mais a vontade e eu vejo, assim, que está sendo bem tranquilo (...)”*. Ela contou dos lugares que ela morou anteriormente e da dificuldade que as filhas tinham para brincar devido a localização. Contou que teve uma época que elas moravam no Guará e que

em frente a sua casa tinha uma pracinha, mas que *“as crianças não podiam brincar porque enchia de maconheiros”* (sic).

O local de residência também é observado por M. quando pensa na infância de seu filho, *“(...) ele não tem tanta liberdade como eu tive, ele não morou... eu acho que uma grande diferença é morar numa quadra, tinha vários amigos e tal, então é muito diferente (...)”*. O Ed., filho de M. demonstrou ser uma criança que adora esporte, mas que muitas vezes não encontra espaço, físico e social, para fazer o que gosta e, por isso, o pai acha que se ele tivesse passado a infância na sua época talvez ele tivesse aproveitado mais.

Os condomínios de Brasília são lugares que têm oferecido espaço para as crianças brincarem com mais segurança e têm se tornado opção de moradia para os pais que desejam proporcionar isso para os seus filhos como disse a P. que vai se mudar para um condomínio *“(...) a gente indo pra casa agora, eu acho que ela vai conseguir brincar mais (...)”* quando estava se lamentando por sua filha, S., não ter um lugar ou amigas para brincar.

A escola, de acordo com o relato das crianças, também demonstrou ser um lugar onde as brincadeiras tradicionais acontecem e isso vai de encontro a proposta da Previtale (2006) que vê na escola a possibilidade de se tornar um lugar para que a criança possa pensar, desenvolver suas habilidades e ser criativa, já que para ela isso não é possível em outro lugar.

Embora as antigas brincadeiras ainda permaneçam, a tecnologia está arraigada na vida dessas crianças. A influência da televisão nas brincadeiras é algo discutido pelos teóricos e A. conta um episódio que revela um pouco dessa influência, já que na sua casa eles não têm o costume de assistir televisão. Enquanto falava a respeito da televisão e de novelas infantis disse que quando passou a última novela (da qual não lembra o nome), as filhas *“(...) chegavam comentando da escola e aí queriam ver, pra ver o que ia acontecer e na hora do recreio elas brincavam daqueles personagens da história, então elas ficavam doidas pra assistir e algumas vezes eu assistia até com elas e tudo, mas, assim, tentando não deixar*

aquilo virar uma rotina, né, mas pra ver, matar a curiosidade, mas é difícil, é uma guerra grande”.

Ainda que existam autores que consideram essas brincadeiras repetitivas e estereotipadas (Pierre Smith, 1994, citado em Brougère, 2004), pobres e reprodutivas, convertendo-se, conforme trata Piaget, numa acomodação ao processo televisivo ao invés de ser uma assimilação, pois as crianças seguem com rigidez as regras impostas por esses brinquedos, ao invés de criá-las (Stephen Kline, citado em Brougère, 2004), Brougère (2004) diz que as crianças se sujeitam a isso pela vontade de pertencer ao grupo, que vai além do anseio por brincar como na televisão. A vontade está ligada ao brincar junto com outras crianças, fazendo com que a televisão se torne apenas um meio para se chegar a isso.

A afirmação de Previtale (2006) que crianças modernas são crianças que não sabem brincar, mas que sabem usar computadores, celulares, internet, e-mails melhor do que os adultos é evidenciada na vida da S., sua mãe diz que *“(...) a S. tem sete anos e ela não sabe andar de patins, ainda não tirou a rodinha da bicicleta, ela foi pegar, que meu pai deu pra ela, que antigamente era o Pogobol (...) meu pai deu pra ela e esse aí ainda tem o negócio que segura, ela não consegue. Isso me deixa triste, eu fico olhando ‘poxa, minha filha desse tamanho aí, já era pra está fazendo um monte de coisas né (...) hoje ela não sabe pular no negócio (se referindo ao pogobol), mas ela sabe digitar como nenhuma criança, sabe, ela pega o computador ali, entra no msn, ninguém acredita que está falando com a S., mas é ela mesmo que está digitando. Ela navega na internet sozinha, não pede ajuda pra nada”.*

A falta de tempo dos pais na sociedade moderna tratada por Previtale (2006) é uma coisa que traz incômodo para A., mas não no sentido que a autora aborda e sim na necessidade que A. sente de estar mais tempo com as filhas, *“(...) eu me cobro muito, assim, que eu não tenho tanto tempo, assim, eu não consigo brincar muito com elas, né, e fazer determinados passeios, que eu gostaria mais, que a gente acaba ficando só, assim, naquele*

ambiente de horário, de estresse, de rotina (...) isso é assim muito importante, porque é um momento que você aproveita também para ensinar. Já teve várias brincadeiras, assim, que eu fui fazer com a M. e que deu para ensinar alguma coisa de princípio mesmo pra ela e que ela entendeu mais do que se, talvez, eu tivesse numa conversa, ali, formal (...)”.

As crianças entrevistadas também brincam com jogos de computador, como exceção do Ed. Os jogos das meninas são basicamente os de vestir as bonecas e a respeito disso P. faz uma comparação notável “(...) pra você vê a diferença né, antigamente a gente trocava a roupa da boneca na mão né, hoje em dia não, você vai lá no computador e fica escolhendo as roupas da boneca clicando e colocando em cima dela, aí ela fica pronta (...)” e do G. são os jogos on-line e jogos de luta e futebol no videogame. Sobre esses jogos, principalmente os de luta, encontrou-se tanto a posição de Provenzo (2001) que fala a respeito da interatividade do jogo tornando-o muito mais realista e intenso e as conseqüências disso é algo que o autor desconhece por falta de pesquisas consistentes, mas afirma que a participação na violência desses jogos é muito maior, resultando em um fator perturbador, uma vez que são jogos que devem ser jogados de acordo com as suas rígidas regras. Por outro lado, Brougère (2004) não admite as relações que outros fazem entre jogos violentos resultarem em crianças violentas.

Os conteúdos revelados são singulares e ricos e uma pesquisa não é suficiente para abordar toda a grandeza de cada frase exposta. Por isso, tentou-se analisar, fazer comparações e ligações com as teorias de autores importantes tratados no referencial teórico, questões estas relativas ao campo estudado, porém salienta-se que não há um limite para um material tão profundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Brinca enquanto souberes!
Tudo o que é bom e belo
Se desprende...
A vida compra e vende
A perdição,
Alheado e feliz,
Brinca no mundo da imaginação,
Que nenhum outro mundo contradiz!*

*Brinca instintivamente
Como um bicho!
Fura os olhos do tempo,
E à volta do seu pasmo alvar
De cabra-cega tonta,
A saltar e a correr,
Desafronta
O adulto que hás-de ser!*

Miguel Torga

O desejo de realizar esse trabalho surgiu de lembranças agradáveis sobre minha infância e conforme fui desenvolvendo-o essas lembranças se tornaram cada vez mais presentes e me preencheu de sentimentos positivos. Lembrei-me dos amigos de infância, dentre eles alguns permanecem até hoje e das brincadeiras que compartilhávamos: pique-esconde na quadra, os dias de sábado que nós nos reuníamos para andar de bicicleta, jogar ping-pong, bolinha de gude, futebol embaixo do bloco mesmo com as reclamações do síndico, as brincadeiras de bonecas e as confecções de roupas para vesti-las, escorregar na área da casa de uma amiga cheia de sabão a ponto de ficar com os joelhos esfolados, carniça, bét, elástico, às vezes que minha irmã me usava de cobaia para exercer a profissão de dentista, os jogos de tabuleiros como W.A.R. e banco imobiliário, jogos de cartas, dominó, as simulações de escritório, no qual eu era secretária, vestida com as roupas e sapatos da minha mãe, os piqueniques que fazíamos embaixo do bloco, a coleção de borboletas que grudavam na roupa, entre várias outras brincadeiras que, aliás, foram muitas.

Durante as entrevistas me identifiquei como os pais, pois eu também passava o dia inteiro na rua brincando e foram momentos que me trouxeram bastante alegria e uma sensação de ter vivido na infância uma das melhores épocas da minha vida. Assim, despertou em mim a vontade de conhecer como as crianças atuais estão vivendo sua infância, as mudanças que ocorreram nas brincadeiras e quais as conseqüências das mesmas.

Ao finalizar esse trabalho compreendi que as brincadeiras tradicionais ainda estão presentes na infância das crianças entrevistadas, porém com uma limitação muito maior devido a questões sociais como a violência urbana, mas que, no caso delas, estão sendo possíveis em condomínios residenciais, com a presença de muitos amigos como também na escola.

É um fato que as tecnologias estão agregadas nas brincadeiras da geração atual, nos brinquedos industriais, na influência da mídia sobre eles e isso foi demonstrado na pesquisa, visto que todas as casas possuem computador e na maioria videogame e as crianças brincam com alguns desses jogos, entretanto não é a única forma de divertimento dessas crianças, que se mostraram mais interessadas nas brincadeiras coletivas, consideradas tradicionais. Com isso, não podemos afirmar que todas as crianças sejam assim, pois devem existir aquelas que consideram os jogos eletrônicos sua única forma de brincar e nem por isso temos o direito de supor que sua infância está sendo melhor ou pior que a infância passada.

Os pais e mães que participaram da pesquisa demonstraram estar muito atentos com a atratividade dos jogos modernos e com as possíveis conseqüências que estes podem ocasionar. Em seus discursos, alguns deles, como é o caso da A. nos fala dos limites impostos e consegue avaliar essas novas tecnologias com um olhar positivo, permitindo as suas filhas desfrutar deles de maneira saudável, respeitando limites.

O olhar que temos que ter diante de uma geração de crianças tão diversificada é que são apenas crianças diferentes, no seu modo de agir e no seu modo de se divertir, e não apenas

avaliá-las tendo como base a infância passada e partir do pressuposto de que se for igual é bom e o contrário é ruim. Os estudos realizados pelos diversos autores do referencial teórico revelam tanto questões positivas quanto questões negativas acerca das novas tecnologias e das possíveis conseqüências que estas podem acarretar.

Contudo, considero prudente observar individualmente cada criança e acredito no posicionamento de Brougère (2004) que defende que as brincadeiras têm participação na formação social e cultural dos indivíduos, contudo ele nega o reducionismo de que a criança é uma tabula rasa, o que a torna produto da sociedade, dos pais e dos fabricantes de brinquedos e sustenta a idéia que “a criança atua na construção do seu ser social e cultural, na sua socialização ou aculturação” (p. 249). Para o autor, as crianças não recebem as normas, mensagens e imagens de forma inerte, elas interpretam e atribuem sentido. Brougère (2004) não admite as relações que outros fazem entre jogos violentos resultarem em crianças violentas, da mesma forma que não podemos admitir que uma criança que brinca de professor se tornará um deles, já que para o autor “a experiência adquire sentido na situação em que é vivida, no momento em que a criança usa o objeto e não no futuro” (p. 249).

A criança é um sujeito ativo e quando recebe um brinquedo este passa a ter uma representação, um significado para essa criança a partir do sentido que lhe é conferido, por isso o mesmo brinquedo pode ter vários significados dependendo do contexto e da criança que brinca. Diante disso, muitos problemas levantados por autores que são contra os brinquedos eletrônicos podem estar muito além das brincadeiras e indo em direção a estrutura familiar até a sociedade. Assim, é preciso olhar não só para o brinquedo, mas para a estrutura familiar, para o contexto em que a criança está inserida e para a própria criança, equanto um sujeito que atribui sentido as suas brincadeiras.

Mesmo diante da singularidade das crianças e do respeito às opiniões sobre os jogos tecnológicos, não podemos deixar de exaltar a importância das brincadeiras, enquanto relação

da criança com o objeto, para o desenvolvimento motor conforme muitos autores do desenvolvimento infantil defendem. Podemos mencionar Bruner (citado em Kishimoto, 1998) que demonstra sua importância para o desenvolvimento da criança, enfatizando-as desde o nascimento, como propiciadoras de ações sensório-motoras, que resulta na construção dos primeiros conhecimentos, iniciados pelo prazer e pela motivação.

É certo que a importância do brincar para o desenvolvimento afetivo, social e motor da criança é vista pelos autores clássicos como Piaget, Vigotsky, Wallon, Winnicott entre outros, a partir das brincadeiras relacionadas a objetos e os jogos inventados pela imaginação da criança diante deles. Por isso, temos que salientar seu valor na vida das crianças, como mediador no contato com a realidade, como um meio de viver e até superar experiências dolorosas, como uma forma de se comunicar, como uma experiência para realização dos seus desejos e como uma fonte de socialização. Contudo, poderíamos nos perguntar como ficaria o estudo do desenvolvimento infantil tendo como base os jogos eletrônicos, mais especificamente o videogame e o computador? Conseguiremos responder a essa pergunta nos guiando pelos discursos dos autores que se posicionaram em relação a isso, mas não se tem um consenso e um estudo aprofundado sobre as reais consequências e funções no desenvolvimento infantil.

E cabe ressaltar ainda que não sabemos como essas transformações vão repercutir na vida das crianças a longo prazo pela precocidade do fato e pela falta de pesquisas consistentes. Não devemos ter uma visão tão alarmante, tendo em vista que as brincadeiras fazem parte da vida das crianças e que estas não estão fadadas ao fracasso, pois a brincadeira sempre vai existir não importa o meio pelo qual ela se concretize.

Como foi dito no início desse trabalho, defendendo que o brincar é inerente a criança e se porventura ela não brinca, algo está errado e aqui enfatizo a relevância da participação da família nas brincadeiras de seus filhos, voltando sua atenção sobre quais são essas

brincadeiras e a forma como seus filhos estão reagindo a elas. Isso vale também para os brinquedos eletrônicos, que por sua grandeza (quando digo grandeza refiro-me a diversidade de recursos que o videogame e computador podem oferecer e que permitem ter acesso) precisa do acompanhamento dos pais. Esse olhar oferece à criança meios seguros e saudáveis para brincar e, conseqüentemente, se desenvolver.

Por fim, defendo que os objetivos propostos no início deste trabalho foram alcançados, visto que foi demonstrada a importância do brincar, como as brincadeiras eram realizadas na geração anterior, as mudanças que ocorreram e as conseqüências de sua transformação. Porém, cabe ressaltar que não se tem uma homogeneidade acerca das conseqüências que as brincadeiras atuais podem acarretar, tanto pela falta de concordância entre os teóricos e entre as respostas dos pais e mães entrevistados como pela precocidade deste fato. Isso faz com que este trabalho não tenha uma conclusão definida, ficando em aberto para uma continuidade de pesquisa e reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ariés, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ballariny, M. (1999). *O espaço infantil no mundo pós-moderno: um ensaio sobre a criança nos dias de hoje*. Disponível em <www.ethosnet.com.br/imagens/principal/Crianca.doc>. Acesso em: 10 de setembro, 2008.
- Benjamin, W (2002). *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: 34.
- Brougère, G. (2004). *Brinquedos e companhia*. São Paulo: Cortez.
- Elkind, D. (2004). *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. Porto Alegre: Artmed.
- Fadeli, T. T., Ferri, M. A. P., Silva, R. S. & Junior, L. G. (2003). Arco da velha: resgate e vivência de brinquedos e brincadeiras populares. In: *Xv Encontro Nacional de Recreação e Lazer - Lazer e Trabalho: Novos Significados na Sociedade Contemporânea*. Santo André. Disponível em <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/enarel_arco.PDF>. Acesso em: 05 de setembro de 2008.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- González Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.

- González Rey, F. (2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação* (M. A. L. Silva, Trad.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Greenfield, P. M. (1988). *O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica: os efeitos da tv, computadores e videogames*. São Paulo: Summus.
- Huizinga, J. (2007). *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- Kishimoto, T. M. (1993). *Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: Vozes.
- Kishimoto, T. M. (1998). Bruner e a brincadeira. In: Kishimoto, T.M. (org.). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneira, pp. 139-153.
- Oliveira, P. S. (1986). *Brinquedo e a indústria infantil*. Petrópolis: Vozes.
- Piaget, J. (1990). *A Formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: LTC.
- Piaget, J. (2002). *Seis estudos de Psicologia*. São Paulo: Forense Universitária.
- Previtale, A. P. (2006). *A importância do brincar*. Trabalho de conclusão de graduação, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em <<http://libdigi.unicamp.br/document/?view=20490>>. Acesso em: 05 de setembro de 2008.

Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.

Provenzo E. F., Jr. (2001). Videogames e a emergência da mídia interativa para crianças. In: Steinberg, S. R. & Kincheloe, J. L. (org.). *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Silva, G. A. & Moreira, L. S. (2007). *A influência da tecnologia na vida de crianças e adolescentes dos pequenos centros urbanos*. Artigo acadêmico do curso de Sistemas de Informação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles/1871/1/a-influencia-da-tecnologia-na-vida-de-criancas-e-adolescentes-dos-pequenos-centros-urbanos/pagina1.html>>. Acesso em: 06 de setembro de 2008.

Steinberg, S. R. & Kincheloe, J. L. (org.) (2001). *Cultura Infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Veiga, A. (2000, novembro). Princesas precoces. Que boneca, que nada. Hoje em dia, as meninas querem mesmo é maquiagem, celular e roupa de grife. *Revista Veja*, ed. 1673, pp. 68-71. Acesso em: 10 de setembro de 2008.

Vigotsky, L. S. A. (2000). *Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.

Wadsworth, B. J. (1997). *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. (5 ed). São Paulo: Editora Pioneira.

Wallon, H. (1995) *Evolução Psicológica da Infância*. Lisboa: Edições 70.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezado (a) participante,

Meu nome é Verônica Schielke Lemos. Sou aluna do curso de psicologia do UniCEUB e estou realizando o trabalho de conclusão de curso de graduação, orientada pela professora Ciomara Schneider e você está sendo convidado(a) a participar. O objetivo dessa pesquisa é apresentar uma visão sobre o brincar, sua importância, mudanças e conseqüências de sua transformação. As brincadeiras sempre fizeram parte da vida das crianças, porém diferindo de acordo com a época e cultura em que estão inseridas. As crescentes mudanças, devido ao processo de globalização e modernização, afetaram as brincadeiras e a forma como são praticadas, resultando no fato de algumas serem praticadas em todo o mundo. Diante disso, a pesquisa a ser realizada é importante, pois trará contribuições essenciais para a atuação dos profissionais da área infantil, além de servir como uma ferramenta que vai auxiliar na compreensão da situação atual da criança frente às mudanças das brincadeiras.

Para isso, será realizada uma entrevista com perguntas relativas à infância, no caso dos adultos, e com as crianças serão feitas perguntas a respeito de suas brincadeiras atuais.

A pesquisa irá tratar de conteúdos que envolvem lembranças da infância, no caso dos adultos, que descreverão como eram as brincadeiras e como estas faziam parte de suas vidas. Caso alguma pergunta traga desconforto, o entrevistado será respeitado, podendo suspender a entrevista no momento em que achar necessário, sem ter qualquer prejuízo.

Em relação às crianças, não haverá recordações e sim a busca de informações através da observação e de indagações a respeito de quais brincadeiras fazem parte de sua vida e quais são suas significações. Esse fato pode trazer incômodo para esses indivíduos devido ao processo de entrevista. Na hipótese de tal fato ocorrer, a criança não será “forçada” a continuar e será respeitada na sua decisão de “parar”.

É garantida a privacidade e confidencialidade dos dados obtidos durante a entrevista e sua utilização será apenas para cumprir os objetivos da pesquisa. Será utilizado gravador, para obtenção de informações fidedignas do entrevistado, porém o acesso será restrito ao pesquisador e

orientador, tendo seu conteúdo apagado ao fim da pesquisa. O entrevistado terá acesso aos resultados da pesquisa e estará também ciente de sua publicação e divulgação.

Brasília, de 2008.

Concordo em participar da pesquisa e declaro que estou ciente das informações prestadas acima:

Nome do Participante

Assinatura

Equipe Científica:

Nome do Pesquisador
Responsável

Assinatura

Nome do Pesquisador

Assinatura

Para obter qualquer informação a respeito da pesquisa segue os telefones para contato:

- ⇒ Verônica Schielke Lemos (Pesquisador) – 8197-3233;
- ⇒ Ciomara Schneider (Pesquisador responsável) – 8405-2140;
- ⇒ Comitê de Ética em Pesquisa/ UniCEUB – 3340-1363, e-mail: comite.bioetica@uniceub.br.

Autorização

Autorizo o menor _____ a participar da pesquisa referente ao trabalho de conclusão de curso de graduação, cujo objetivo é apresentar uma visão sobre o brincar, sua importância, mudanças e conseqüências de sua transformação.

Brasília, de _____ 2008.

Nome do Responsável

Assinatura

Equipe Científica:

Nome do Pesquisador
Responsável

Assinatura

Nome do Pesquisador

Assinatura

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevista

Adulto

1. Em que local de Brasília você morava quando era criança? Poderia descrever detalhadamente este lugar.
2. Quais eram e como eram as suas brincadeiras?
3. De quais brincadeiras/ jogos você mais gostava de brincar? E de quais você menos gostava?
4. Eram brincadeiras da moda, na época?
5. Você tinha muitos amigos? Como eram as brincadeiras entre vocês?
6. Havia diferenças entre as brincadeiras em casa e as brincadeiras da escola?
7. Levando em consideração a sua infância, como você avalia a infância de seus filhos?

Criança

1. Você gosta de brincar?
2. Me fale quais são as brincadeiras/ jogos que você mais gosta de brincar. E de quais você menos gosta?
3. Você tem muitos amigos na sua quadra (nomenclatura muito utilizada em Brasília)? De que vocês brincam?
4. Como são suas brincadeiras na escola?
5. Como você acha que eram as brincadeiras da sua mãe/ pai?

Obs: A entrevista não se limitou a essas perguntas.

ANEXOS

ANEXO 1

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UniCEUB



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP

Brasília, 09 de setembro de 2008.

Memo. 363/08

Do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP / UniCEUB

Para: Ciomara Schneider

Assunto: Encaminhamento do Parecer TCC 135/08 (CAAE 0080/08)

Prezada Pesquisadora,

Encaminhamos o parecer TCC 135/08 (CAAE 0080/08) referente ao projeto “**Brincar e suas mudanças na atualidade**”. O mesmo encontra-se **aprovado** por este Comitê de Ética em Pesquisa e está em condições de ser iniciado.

Ressaltamos a necessidade de atenção aos Incisos IX.1 e IX.2 da Resolução 196/96 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto.

Após o seu encerramento, solicitamos o envio do relatório, conforme anexo, até 05 de dezembro de 2008.

Cordialmente,

Marília de Queiroz Dias Jácome
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP UniCEUB
Coordenadora

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UniCEUB

PARECER CONSUBSTANCIADO

1 - Dados identificadores do projeto:

- **Data de entrega para relator:** 15/08/08
- **Data da reunião:** 29/08/08
- **Código:** TCC 135/08 (CAAE 0080/08)
- **Título:** Brincar e suas mudanças na atualidade
- **Equipe de Pesquisa:** Ciomara Schneider (responsável) e Verônica Schielke Lemos
- **Instituição responsável:** UniCEUB
- **Área temática:** Psicologia

2 - Objetivos do projeto:

Apresentar uma visão sobre o brincar, sua importância, mudanças e conseqüências de sua transformação.

Objetivos específicos: Revelar como as brincadeiras eram realizadas na geração anterior e as transformações que ocorreram devido ao processo de globalização e modernização; Evidenciar as conseqüências que tais mudanças podem acarretar para o desenvolvimento da criança; Demonstrar a importância do brincar, a partir de uma visão motora, afetiva e social.

3 - Justificativa do projeto:

As brincadeiras sempre fizeram parte da vida das crianças, porém diferindo de acordo com a época e cultura em que estão inseridas. As crescentes mudanças, devido ao processo de globalização e modernização, afetaram as brincadeiras e a forma como são praticadas, resultando no fato de algumas serem compartilhadas em todo o mundo. Diante disso, a pesquisa a ser realizada é importante, pois trará contribuições essenciais para a atuação dos profissionais da área infantil, além de servir como uma ferramenta que vai auxiliar na compreensão da situação atual da criança frente às mudanças das brincadeiras.

4 - Metodologia da pesquisa:

O método utilizado será a Pesquisa Qualitativa por meio de Entrevistas, conforme o modelo proposto por González Rey, que enfatiza a experiência pessoal do sujeito, além das

SEPN 707/907, Campus do UniCEUB, Bloco IX, 70790-075, Brasília – Fone: (61) 3340.1363

www.uniceub.br – comite.bioetica@uniceub.br

observações feitas durante a entrevista, principalmente quando for realizada com crianças. Essa entrevista tem como objetivo levantar as características das brincadeiras entre a geração passada e a atual, verificando as mudanças que ocorreram e quais as conseqüências que estas podem acarretar para a criança que vive na atualidade.

5 - Critérios de participação dos sujeitos:

Os sujeitos a serem estudados na pesquisa em questão, fazem parte do padrão de classe média da família brasileira, residentes em Brasília, onde viveram sua infância, compondo quatro famílias, duas mães e duas filhas, dois pais e dois filhos. A seleção desses sujeitos tem como objetivo a comparação, no que diz respeito às características de suas brincadeiras.

Os participantes serão recrutados por meio de contatos telefônicos e através de meio eletrônico e serão incluídos na pesquisa os que possuem as características pré-estabelecidas, citadas acima, e que estão motivados a participar. Os que não obedecerem a esses critérios serão excluídos do processo.

6 – Folha de rosto: Solicita-se apresentar.

7 - Considerações:

- a) Pertinência e valor científico do estudo proposto:** O estudo possui valor científico e pertinência.
- b) Adequação da metodologia aos objetivos propostos:** A metodologia está adequada aos objetivos propostos.
- c) Descrição dos critérios de participação:** Foram apresentados.
- d) Grau de vulnerabilidade dos sujeitos e medidas protetivas propostas:** O grau de vulnerabilidade nesta pesquisa é muito baixo, as medidas protetivas apresentadas são suficientes.
- e) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (conteúdo e formas de obtenção):** Foi apresentado e está em conformidade com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.
- f) Duração total da pesquisa:** 6 meses.

**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP**

- g) **Explicitação dos critérios para suspender ou encerrar a pesquisa:** Foram apresentados.
- h) **Orçamento financeiro detalhado:** Foi apresentado.
- i) **Proteção, uso e destinação do material / informações coletadas:** Não foi descrito.

8 – Parecer do relator: Aprovado.

Brasília, 29 de agosto de 2008.


Marília de Queiroz Dias Jácome
Coordenadora do CEPI/UniCEUB
Comitê de Ética em Pesquisa – UniCEUB
Coordenadora

ANEXO 2

Transcrição das Entrevistas

TRANSCRIÇÃO DA 1ª ENTREVISTA

A.L.C.R.D – 37 anos.

M.L.C.D – 8 anos

Quando eu cheguei à casa da A. observei que as filhas dela estavam brincando de pique-esconde na rua na frente de casa. Ao entrar na casa eu fiz alguns comentários com o objetivo de estabelecer um vínculo, dizendo que eu tinha visto as crianças brincando lá na rua, que “o dia está tão quente né”, entre outros comentários. Após isso eu mostrei o Termo de Consentimento e perguntei se ela preferia que nós lêssemos juntas ou ela sozinha. Ela preferiu a segunda opção e concordou em participar da pesquisa, autorizando também sua filha a participar.

Antes de começar a entrevista a mãe da M. a chamou e explicou o que eu estava fazendo lá. Ela disse que eu estava fazendo um trabalho da faculdade e que eu queria conhecer um pouco as brincadeiras dela. A mãe também disse que eu iria fazer uma entrevista com ela assim como ela fez com os avós para um trabalho da escola há um tempinho atrás. A M. concordou em participar.

Eu decidi entrevistar a primeiro a criança, pois como já estava de noite, ela poderia estar cansada e com sono se deixasse para entrevistá-la por último.

Criança - M.L.C.D – 8 anos

E = Entrevistador.

E – Eu vou me apresentar, meu nome é Verônica e eu estou fazendo um trabalho e eu quero conhecer um pouquinho como você brinca, de que você gosta de brincar. E eu queria saber primeiro qual o seu nome e quantos anos você tem?

M – Meu nome é M.L.C.D e eu tenho oito anos.

E – Você gosta de brincar?

M – Gosto.

E – Muito ou pouco?

M – Muito.

E – Me fale um pouquinho de quais os jogos que você mais gosta de brincar.

M – Oh, tem um jogo, o “W.A.R.” né, que eu gosto de jogar, com as minhas irmãs, com a minha família. Também gosto de brincar de pique - esconde, pula corda e um montão de jogo, de Barbie.

E – De quê mais você brinca.

M – Deixa eu ver::: de bola, vôlei, porque também eu sou muito boa de vôlei.

E – É. Você joga vôlei onde?

M – Vôlei aqui em casa, lá na escola também, lá tem uma rede e a gente fica brincando de vôlei. Também eu brinco assim, de balanço, essas coisas, pique-esconde, pique – alto, muitas brincadeiras.

E – E qual dessas brincadeiras você mais gosta de brincar?

M – Pique-esconde.

E – Pique-esconde. É a sua preferida?

M – É a minha preferida.

E – E quais você menos gosta de brincar?

M – A que eu menos gosto de brincar é pula-corda.

E – Porque você não gosta muito de pular corda.

M – Porque às vezes eu fico enjoada de pular corda. Às vezes eu vejo alguém brincando de pular corda eu começo, tipo assim, que eu fico enjoada quando eu brinco de pular corda. Num minuto eu já fico enjoada de pular corda. Aí é o que eu menos brinco, o que eu menos gosto.

E – Entendi. E como é na escola? Você brinca das mesmas coisas? Tem outras brincadeiras diferentes?

M – É... Lá tem umas brincadeiras diferentes, que lá tem piscina, lá tem esporte, futebol, que também que jogo só um pouco né, queimada. Lá tem bastante jogos, parquinho, tem aquela roda, balanço também lá, a gente também brinca de um esporte que eu me esqueci o nome, é:::.. lá também tem corda pra gente pular, mas eu não brinco e::: também a gente tem () lá que a gente fica brincando.

E – E você tem muitos amigos aqui no condomínio?

M – Tenho.

E – Quem são seus amigos aqui?

M – Lá de baixo tem o que se chama D., G. e D, outros aqui em cima que se chama P. o outro E., o outro G. e o outro G. (todos do sexo masculino). Também tenho uma que é a T. e outra G. e outra D.

E – E agora você estava brincando com quem?

M – Estava brincando com o P. com as minhas irmãs e eu.

E – Vocês estavam brincando de quê?

M – De pique-esconde.

E – Olha! Da sua brincadeira preferida.

M – É.

E – Você já brincou de videogame, computador?

M – Já. Eu tenho até um aqui de computador. Tenho um computador e um videogame, só que o videogame estragou aí e eu não posso mais brincar.

E – De quê você brincava no videogame?

M – Eu brincava de Hércules.

E – E no computador, de quê você brinca?

M – Jogo do Mário.

E – É. E você gosta de jogar no computador ou prefere brincar na rua?

M – Prefiro brincar na rua.

E – Por quê?

M – Por que na rua eu tenho mais amigos, posso brincar mais, eu não brinco só com uma pessoa. Por que também é sem graça ficar só com uma pessoa brincando.

E – E agora que queria te perguntar uma coisa. Como é que você acha que sua mãe brincava quando ela tinha a sua idade?

M – Olha, minha mãe já me disse que ela brincava de peteca, também de pula-corda antigamente, de boneca de pano que eles faziam. É, acho que é isso que minha mãe brincava no tempo dela.

E – Você lembra mais de alguma coisa que ela tenha falado ou que você imagina que ela brincava?

M – Não.

E – Você acha que ela brincava igual você brinca hoje?

M – É, algumas coisas sim. Eu acho que ela também brincava de pique-alto, essas brincadeiras... é disso que eu acho que ela brincava.

E – Você acha que mudou muita coisa da época em que ela brincava e agora?

M – É, mais ou menos, algumas coisas sim e algumas coisas não. Porque antigamente tinha algumas coisas que aqui agora também tem.

E – O quê? Por exemplo.

M – Oh, o pula-corda ainda tem, peteca ainda existe, boneca de pano existe, muitas bonecas, só que algumas brincadeiras mudou... é que antes não tinha bastante brincadeira, mas agora também tem, então pra mim mudou mais ou menos.

E – E o que você acha que está diferente hoje?

M – Olha, eu acho que o futebol está diferente né, porque deve ter existido futebol só que diferente, eu acho que também...vôlei...é...é isso que eu acho que mudou.

E – Tem algum jogo aqui na sua casa que você possa me mostrar um pouquinho? Como é que você brinca?

M – Tem, tem uns quatro aqui.

(Nesse momento a M. me levou até a área da frente da casa dela, onde tinha diversos brinquedos de tabuleiros espalhados no chão, como o Club Grow, Explorando o Brasil, Administrando o dinheiro e o W.A.R., jogo que ela mais gosta. Tinham também alguns ursinhos em cima de uma cadeira).

E – Tem mais algum jogo ou só estes?

M – Não, só esse quatro que a gente brinca aqui em casa. A gente também brinca no computador.

E – Além de “Mário” vocês brincam de mais alguma coisa no computador?

M – Tem uma lá de jogo de (), tem um lá da banda, que você tem que parar ela, fazer ela parar de tocar né. E tem na internet também acessa jogos.

E – E que jogos você brincam na internet?

M – Salão de beleza, de comida, de vestir roupa, de arrumar o quarto, arrumar a casa, cuidar de bichinho, da “Hannah Montana”, de algumas pessoas da TV... éh...

E – Você passa quanto tempo brincando no computador?

M – A gente fica fazendo cada uma ficar uma hora, mas é só sábado e domingo.

E – Durante a semana vocês não mexem no computador?

M – (sinal negativo com a cabeça)

E - E sair para brincar na rua para brincar, vocês brincam durante a semana ou só final de semana?

M – Todos os dias. Sábado, domingo, segunda, terça.

E – Só o computador que fica para o final de semana?

M – É.

E – E as suas irmãs também brincam com você?

M – Brincam, mas às vezes elas brincam de outra coisa, diferente de mim.

E – Você tem mais alguma coisa para me falar, que você acha importante nas brincadeiras, que você acha que sua mãe fazia?

M – É... não. Nenhuma mais que eu me lembre que minha mãe brincava...mas que eu também mais brinco e também acho mais legal é vôlei. Antes eu não gostava de jogar vôlei, quando eu ganhei nove pontos a um, a dois, sei lá, por aí, aí eu comecei a me divertir com o vôlei, só porque eu ganhei, aí agora eu quero praticar alguma coisa de vôlei. Basquete também.

E – Ah! Então você é boa no vôlei e no basquete?

M – É.

E – E na escola você tem muitos amigos?

M – Tenho. Lá na minha sala tem só onze pessoas. Antes tinha doze aí uma menina saiu lá para outra escola, mas eu ainda tenho muitos amigos na escola e na minha sala de aula.

E – Você tem mais amigos na escola ou aqui no seu condomínio?

M – Lá na escola

E – Eles brincam das mesmas coisas que você?

M – Que eu brinco aqui, as mesmas coisas que eu é. Eles brincam de pique-esconde na hora do recreio, um montão de coisas.

E – Vocês levam jogos para brincar na escola?

M – Às vezes a gente leva, às vezes a gente leva até animaizinhos, jogos, um montão de coisas, bola.

E – Vocês brincam com o computador na escola também?

M – É, brincamos quando é na informática. A gente brinca até na internet lá.

E – Vocês brincam de quê? Dos mesmos jogos que você brinca aqui na sua casa?

M – É, na internet é, mas quando tem alguns computadores que não tem internet, então a gente brinca lá de matemática.

E – Você está em que série?

M – Segunda série do terceiro ano.

E – Então ta bom. Eu queria de agradecer pela sua entrevista, por ter me contato um monte de coisas que você brinca. E agora eu vou conversar um pouquinho com a sua mãe sobre o que ela brincava quando tinha a sua idade.

Mãe - A.L.C.R.D – 37 anos

E – Primeiramente que queria que você me falasse seu nome completo e sua idade, por favor.

A – Meu nome é A.L.C.R.D, eu tenho trinta e sete anos.

E – Você nasceu aqui em Brasília?

A – Não, eu nasci no interior do Rio de Janeiro e vim pra cá com quatro anos.

E – Quando você veio você morou onde, em que lugar?

A – Eu morei no guará.

E – Você morou lá por quanto tempo?

A – Foi até vinte anos, vinte e poucos.

E – E como era lá no guará quando você chegou?

A – Ah! Não tinha ainda asfalto né, era muita terra né... e... bem assim, sem comércio, muita casa. Que eu me lembre é isso. Nós morávamos em casa, não tinham muitos prédios, tinham algumas praças também, mas muito assim... é... como se fala... muito largada né, não tinham muitos brinquedos nas praças não, mas tinha muito pouco comércio. Eu lembro que tinha escola, igrejas né, comércio era muito pouco e a gente morava em casa. Prédio quando eu cheguei lá, eu acho que não tinha nenhum.

E – Na rua que você morava tinha casa na sua frente ou era pracinha?

A – Não, pracinha era na quadra né, em frente a casa não, mas tinha casa, bastante, era um condomínio de Vila Militar né, na época, ali da marinha, aí eu lembro que na época era proibido escutar música, tinha uma prefeitura que cuidava, tinha que ser tudo cerca viva, era obrigado ter cerca viva, não podia ter muro, que era um padrão da marinha.

E – Quais eram as brincadeiras que vocês brincavam nessa época?

A – Ai meu Deus... deixa eu ver... eu lembro que eu gostava muito de patins, de bicicleta, queimada, eu me sentia bem jogando queimada, tinha outra brincadeira, aquela “bete”, que nunca consegui aprender aquilo. Aí queimada eu gostava... é... tinha uma outra de salada de fruta, a gente brincava muito daquela brincadeira (risos)... é... deixa eu ver qual era a outra...

A gente organizava, às vezes, gincanas na rua, jogos de competição né, aquelas brincadeiras de competição né... é... mas eu me lembro mais era isso mesmo, bicicleta, patins, queimada. Tinha várias assim, que todo mundo assim, cada um sabia uma e ensinava pro outro, mas que eu me identificava mais eram essas, amarelinha também e eu lembro do elástico, eu gostava muito. Pular corda eu não me amarrava muito não, mas do elástico eu lembro que eu gostava muito, principalmente quando tinha que chegar lá no alto (risos).

E – E os amigos que brincavam com você também tinham bicicleta, patins? Todo mundo tinha os mesmo brinquedos?

A – A maioria tinha né, porque lá como era Vila Militar, então todo dia da criança e no final do ano eles davam né, para os filhos de militares, então a gente ganhava. Distribuía boneca, distribuía joguinhos, essas coisas né e eu lembro também assim, que a gente gostava muito de fazer comidinha, a gente fazia fogãozinho mesmo de tijolo, com a mãe por perto né e água. Piscina era um negocio assim impressionante, banho de mangueira era outra que, até hoje quando se encontra a gente lembra, desse tipo de brincadeira na água, com água, a gente gostava muito.

E – Tem mais alguma coisa que você lembra dessa época?

A – Eu não estou me lembrando não... nessa época da piscina foi até meu pai que fez. Ele tinha sofrido um acidente e teve que ficar muito tempo em casa, aí ele mesmo cavou e fez uma coisa assim bem improvisada né. Eu lembro que todo mundo ia lá pra casa por causa dessa piscina e até hoje o pessoal lembra, quando a gente se encontra né, a referência deles era essa piscina. Então eu lembro que realmente era uma coisa que prendia a gente, era a piscina, a brincadeira com água né. O bambolê também, teve uma época que foi uma febre, do elástico também era uma febre. Aí tinha a época, quando chegava mês junho, julho, às vezes mudava um pouquinho as brincadeiras, a gente brincava de balão... é... aqueles ensaios de quadrilha, aí mudava um pouquinho o estilo das brincadeiras, mas as que ficavam, que eu me lembre eram essas: queimada, amarelinha, piscina, bicicleta, patins. Quando, assim que eu cheguei, não tinha, era tudo terra ainda, não tinha asfalto nada não, então a gente andava ali, aproveitava os morrinhos de terra e andava de bicicleta, aquilo era bem emocionante. Depois, com um tempo, era no asfalto, já tinha asfaltado e ficou melhor ainda para riscar, marcar o campo, se era amarelinha tinha como riscar também, era por ali mesmo. E aí depois da piscina aí o ponto era lá em casa, o ponto forte era lá em casa porque só eu tinha a piscina, era uma farra só, era assim.

E – Dessas brincadeiras que você me falou, quais você mais gostava de brincar?

A – Oh! É... eu gostava de bonecas, eu gostava muito de cortar o cabelo da boneca, era uma coisa que me marcava, mas eu acho que era de piscina, acho que era com água mesmo, eu acho que era o que mais eu ficava com vontade de brincar, acho era com água. E eu lembro que eu gostava muito de cortar cabelos das bonecas.

E – Com que bonecas você brincava nessa época? Você lembra do nome delas?

A – Lembro. A “Suzie” né, tinha a Suzie, porque as outras eram bebezinhas né, aí não tinha nem cabelo, mas as que tinham cabelo era a Suzie, que eu ganhava muito do meu avô e aí minha irmã depois foi crescendo, que era mais nova que eu e ela também começou a ganhar, aí eu cortava as dela também, mas eu me lembro, era da Suzie e umas maiorzinhas da Estrela,

“Bate-palminha”. Eu lembro da “Bate-palminha”, elas eram maiorzinhas e vinham com cabelo, então se viesse com cabelo eu cortava. Gostava de brincar de escolinha também, gostava muito de escrever no quadro, de passar tarefa, gostava de ensinar, gostava bastante, nem que fosse pras bonecas, pras plantas. Eram essas as brincadeiras que eu gostava.

E – E quais você menos gostava? Que você quase você não brincava?

A – Acho que era as que eu não dava muita conta né, que toda brincadeira é muito divertida. Mas como eu te falei, a “bete” né, eu não conseguia, aí eu não gostava... e... deixa eu ver qual outra...é...que eu me lembre era a “bete” que eu não gostava, porque era difícil não gostar, mas acho que é porque ela eu não conseguia, eu perdia, eu acho que era isso.

E – Quais eram as brincadeiras da moda, além dessa piscina que ficou bem evidente?

A – Então, tinha o bambolê, o elástico era uma febre e esses brinquedos de lançamento, sempre marcavam né, boneca, os meninos tinham mais jogos e já tinha assim começando alguma coisa eletrônica, essa “Bate-palminha” mesmo, ela falava, cantava e eu creio que de menino já tinha alguma coisa eletrônica. Que eu me lembre era isso.

E – Então vocês brincavam com essas brincadeiras da moda?

A – Sim. E essas novas também, esse brinquedos iam surgindo né, aí era festa.

E – Você tinha muito amigo lá no Guará?

A – Ixi, era bastante criança, muita criança, era muita gente. Acho que toda casa tinha, toda tinha pelo menos duas crianças e aí né, depois vieram os prédios né, então, assim, continuou né crescendo a quantidade de gente e a gente era muito amiguinho, além do pessoal da escola, né. Na escola, por incrível que pareça, a gente brincava pouco, era mais na hora do recreio, aí tinha o parquinho, eu lembro que tinha parquinho, balanço, mas, assim, brincadeira mesmo na escola eu me lembro muito pouco.

E – Eu ia te perguntar isso, se tinha diferença entre as brincadeiras que você tinha na rua e as brincadeiras que você tinha na escola.

A – É, eu não me lembro de brincar muito na escola, pode até ser que tinha, mas num... eu lembro de educação física, mas aí eu já era maior né, eu detestava correr, era outra coisa que eu achava horrível, o professor obrigava a gente correr não sei quantos metros, aí eu não gostava muito. Aí na época de educação física eu me identifiquei muito com Handebol, gostei muito do Handebol, mas eu não me lembro assim, eu não lembro mesmo quando eu era menor né de ter brincadeiras na escola né. Era na hora do recreio ali com os coleguinhas, que já eram da rua também, que já brincavam e aí quando chegava em casa era que brincava.

E – Então o maior tempo de brincadeira que vocês tinham era na rua mesmo?

A – Era na rua.

E – Vocês tinham brincadeiras que eram individuais e as brincadeiras que vocês brincavam com os amigos? Como é que era?

A – Eu não me lembro de brincadeira individual não, era mais grupo. Inclusive assim, eu, raramente, gostava de ficar sozinha né, era muito difícil. Estava sempre um na casa do outro, eu não me lembro de nenhuma brincadeira sozinha. Claro que devia ter momentos assim que eu devia brincar né, sozinha, mas eu não me lembro, não me recordo se isso era freqüente. Devia ter momentos né, mas quando estava vendo televisão, no dia que está chovendo né, aí era mais vendo televisão, mas brincando, brincando mesmo eu não me lembro de estar fazendo sozinha não, embora, às vezes, eu brincava com as plantas de ensinar, de escolinha, com as bonecas né, mas eu não me lembro, assim, disso ser freqüente. Era muita criança, era muita gente.

E – Você tem mais alguma recordação da sua infância? Você saía muito para brincar? Seus pais deixavam você brincar?

A – A minha mãe passeava muito com a gente, ela pegava ônibus e levava sempre pra algum lugar. Tinha o parque da cidade né e quando a gente viajava, porque duas vezes por ano a gente ia para o Rio né, para visitar os parentes né, então ela sempre levava a gente pra praia e eu lembro desses momentos assim, mas com ela né, de passear mesmo.

E – Em relação às brincadeiras da rua, seus pais sempre deixavam você brincar, tinha um limite?

A – Tinha, tinha um horário, aí voava né aquele horário, o horário passava rapidinho.

E – Mas vocês brincavam a noite?

A – Era. Quando eu chegava da escola à noite. De manhã, geralmente, era fazendo dever de casa, aí depois... e o dia que minha mãe fazia faxina, ela me deixava o dia inteiro brincando porque aí ela fazia tudo e eu lembro que tinha que entrar na pontinha do pé direito para o banheiro (risos) e eu faço a mesma coisa (risos), mas era assim, era mais livre nesses dias né, que ela estava fazendo faxina, alguma coisa, aí ela deixava o dia inteiro, mas era mais a noite.

E – E com seus amigos também? Sempre tinha gente na rua brincando?

A – Sempre tinha, sempre tinha muita gente. E não tinha muro né, então as pessoas tinham acesso fácil né, tinha uma cerquinha baixinha de madeira com planta, então era muito fácil o acesso.

E – Então você acha hoje que os muros dificultam o acesso? As casas hoje em dia serem muito muradas.

A – É, eu acho que sim. Criança não liga muito para essas coisas né, mas eu acho que isso dá uma né, dá uma certa privacidade, mas também a pessoa bloqueia mais né. Tanto é que aqui, desde que a gente comprou a gente botou cerca viva, assim, porque é uma coisa que a gente sempre gostou mesmo, sabe, a gente tem muita resistência com muro, muita resistência. Nem tem portão e a gente nem liga pra colocar, porque é uma coisa que a gente gosta mesmo.

E – Vocês gostam de ser acessíveis?

A – É, exatamente. E é assim mesmo, era muito fácil as pessoas entrarem na sua casa, ter acesso, né, naquela época era assim.

E – Isso facilitava até a convivência entre vocês?

A – É, com certeza, com certeza.

E – Levando em consideração toda essa infância que você teve, como você acha que a sua filha hoje está tendo infância dela? Como você acha que está a infância dela hoje em comparação com a sua?

A – A gente procura equilibrar, assim, né, ter momentos de estudar, né, porque hoje, assim, eles estão tendo mais acesso a informação. Na época da gente ninguém ligava muito para fazer um inglês, a não ser quando tivesse maior, informática. Hoje já é aquele bombardeio, esporte também, mas a gente tenta, assim, a gente tenta equilibrar um pouco isso, sabe, porque tem coisas que você pode conquistar lá na frente, né, e outras, o tempo pra hoje é outra coisa. Aí, assim, elas têm muita facilidade para lidar com parte eletrônica, elas gostam demais, tem hora que até tem que proibir, botar horário, porque senão fica direto, né, mas aqui, o fato da gente morar em condomínio ajuda muito, ela ficam mais a vontade e eu vejo, assim, que está sendo bem tranquilo, bem saudável, embora algumas coisas a gente ainda não acompanha, eu gostaria elas estivessem fazendo outras coisas também, né, estudando outras coisas, fazendo outros esportes, porque hoje tem academia, né, tem muita coisa, mas é difícil, financeiramente fica muito apertado. Então a gente procura equilibrar, faz o que der, né, teve um ano que elas faziam natação, aí todas elas estavam fazendo natação, só uma que tem problema de infecção fácil, aí ela fazia vôlei, né, então, assim, mas aí foi ficando apertado, foi ficando difícil, mas eu acho tranquilo.

E – Você acha que a infância delas é uma infância que está sendo melhor do que a sua ou inferior a sua ou só está sendo uma infância diferente?

A – É, eu acho que é diferente, tem algumas vantagens.

E – Quais são essas vantagens?

A – Ai, eu acho que é essa questão da informação mesmo, né, tem algumas coisas que elas já sabem, que é importante saber mesmo, que sabem um pouco dos da minha época, essa coisa toda de acesso a informação e da parte de informática, de tecnologia, porque a gente, quanto mais cedo, até para aprender outra língua, elas têm hoje acesso mais fácil e se não for de uma forma exagerada, eu acho que é saudável, que é importante, já facilita para uma vida futura, né, coisa que a gente não teve.

E – Então você acha que esse acesso à informação é uma vantagem para ela?

A – É, se for de uma forma equilibrada, né.

E – Que tipo de informação você acha que é bom que elas saibam, assim, novinhas?

A – Hoje tudo quanto é... por exemplo, de alimentação é muito falado, é muito explicado, o que é bom e o que não é, na época da gente só via propaganda, você via o refrigerante que você queria e tomava, não tinha tanta informação a respeito de como é feito, de como não é. Hoje em dia a criança tem que se preocupar com isso e ela tem acesso a esse tipo de informação, né, e hoje, assim, é... eu vejo que eles também olham mais pro futuro, a gente acaba falando mais sobre o futuro. Antigamente não tinha muito, pelo menos pra mim, não

tinha essa preocupação, hoje as escolas tocam mais nessa questão, do futuro, de se preparar para uma vida adulta e eu acho que também na dose certa é bom, ajuda né a aproveitar o tempo com qualidade porque senão você vai levando as coisas na “coxa”, né, vamos dizer assim. E eu acho que é importante, assim, doenças, várias doenças, que hoje em dia elas ficam sabendo e chegam comentando, então tudo isso, assim, eu acho que é muito válido e elas aproveitam, desfrutam disso para uma qualidade de vida melhor, que a gente, às vezes, por falta de informação, não teve. Mas preocupa, lógico, no sentido, assim, de é... adiantar algumas coisas sem necessidade, né, então a gente fica naquela guerra, né, “ah, isso não pode assistir”, “isso não é bom”, no caso da televisão.

E – Vocês regulam bem isso? Como é que é?

A – É, a gente regula, mas não e muito hábito da gente vê televisão não. A gente tem uma televisão ali que não funciona muito bem (risos) e a gente nem tem a preocupação de comprar outra, mas ela é necessária, né, então, assim, aí, às vezes, quando a gente vê que a coisa está exagerada demais, porque televisão é assim, quando já não tem mais nada pra fazer, né, aí também se tiver passando alguma coisa interessante ou tem um DVD legal pra ver, aí pega e vê, né, não é aquela coisa, assim, comum aqui em casa, a gente procura se ocupar, mesmo, com outras coisas, mas é uma guerra, porque elas gostam, tem muitos atrativos, tem aquelas novelas de criança... eu não me lembro qual foi a última novela que passou aí de criança, que elas chegavam comentando da escola e aí queriam ver, pra ver o que ia acontecer e na hora do recreio elas brincavam daqueles personagens da história, então elas ficavam doidas pra assistir e algumas vezes eu assistia até com elas e tudo, mas, assim, tentando não deixar aquilo virar uma rotina, né, mas pra ver, matar a curiosidade, mas é difícil, é uma guerra grande.

E – Você acha que esse acesso à informação que elas têm, de alguma forma, diminui o tempo de infância, o tempo de brincadeiras delas ou não, não interfere em nada?

A – Não, acho que não, pode vir a influenciar se ficar uma coisa, assim, se virar rotina, né, assistir televisão todo dia, o tempo todo, né, computador e internet o tempo todo, aí sim, né, mas, por exemplo, internet a gente procura usar mais fim de semana pra conversar né, porque durante a semana usa por causa de escola, de trabalho de escola e televisão também né, quando está chovendo, aí a gente assisti mais, às vezes o pai passa na locadora, pega um filme e assisti, mas eu acho assim, que se a coisa não for controlada, aí pode começar a gerar informação que num... naquela época mesmo que teve a morte daquela menina, que pelo jeito foi o pai e a madrasta, que jogaram, né, nossa, aquilo tomou assim, a mente delas de uma maneira, eu acho que foi geral também, né, e elas ficavam assim meio abatidas, ficavam falando nesse assunto, querendo ver o tempo todo, então, assim, é uma coisa que você tem que acompanhar, tem que acompanhar e ver, né, e avaliar o que está sendo bom o que não está.

E – A M. me falou que ela gosta de brincar com joguinhos de computador, que ela brinca um pouquinho, o que você acha disso? Porque hoje em dia é uma coisa que foi agregada a infância, na sua época não tinha computador, não tinha jogos eletrônicos, estava começando. Hoje é uma coisa que já está muito presente na vida das crianças. O que você acha disso? Você acha que isso é bom, que é ruim?

A – Eu acho que é bom, agora, vicia, porque eu tive até que cortar, porque ela tava, assim, chegava da escola “mãe, deixa eu jogar, deixa eu jogar” direto, queria acabar com o dever logo, porque ela queria ir jogar e eu vi que a coisa estava indo para o vício, mas ele é legal,

ele é bem divertido, é bem interessante, não tinha nada, assim, de violência, os joguinhos que ela gosta, né, eram uns assim de trocar roupinha de boneca, outros eram tipo “come-come”, que na minha época era come-come e agora é outro nome, então, assim, não era nenhum joguinho ruim não, com uma mensagem ruim, mas eu vi que ela tava viciando e ele realmente vicia, porque você não vê a hora passar e quer pular de fase, quer ir... quer ir... se deixar vai embora, mas é interessante, tem alguns que você tem que usar estratégias, aquela coisa toda de jogo, né, usar o raciocínio lógico, a memória, então, assim, é interessante por esse aspecto, mas aí é igual a televisão, tem que acompanhar.

E – Você acha que o lado ruim é essa questão do vício?

A – É.

E – É uma coisa que a criança vai querer toda hora e vai deixar outras de lado.

A – É, com certeza. E ela estava ficando assim mesmo, mais a M. mesmo, as outras não ficavam muito assim não, mais a M., ela não queria fazer mais nada, ela queria era acabar logo o que tinha que fazer para ir para o computador, baixar joguinho e arrumar joguinho e ficar nessa, mas aí com o tempo ela foi soltando, porque a gente pegou firme né, aí ela se volta para as outras brincadeiras, né, mas se deixar, esquece mesmo, impressionante, acho que perde a noção até do tempo que ta ali envolvido.

E – Você acha que a M. hoje é uma criança de oito anos ou é uma criança que só tem oito anos, mas que já é muito mais desenvolvida?

A – Eu acho que, comparado comigo, ela tem algumas coisas mais avançadas né, mas, assim, normal, não vejo também, assim... pelo estímulo que recebe mesmo, né, do dia-a-dia, do dia de hoje, na escola, em casa também a gente mudando também a forma de viver em função até da cultura, né, que vai mudando também. Mas eu não vejo, assim, que ela é uma criança precoce demais ou ta deixando de viver a idade dela. Eu acho que ta normal, pelo menos pra mim eu acho que ta normal, que ela brinca, estuda, faz todas essas coisas, tem responsabilidades que tem que ter, mas não é além daquilo que é normal pra idade, né, faz algumas tarefas de casa, ajuda em casa, naquilo que dá conta de fazer, então eu acho que é normal, eu considero, né.

E – E você tem mais alguma coisa pra me falar, que você acha importante de como era a sua infância e de como hoje é a infância da sua filha? Tem alguma coisa que você queira colocar?

A – Tem uma coisa que eu me cobro muito, assim, que eu não tenho tanto tempo, assim, eu não consigo brincar muito com elas, né, e fazer determinados passeios, que eu gostaria mais, que a gente acaba ficando só assim, naquele ambiente de horário, de estresse, de rotina, daquilo outro e aí ta passando o tempo e vai te dando aquela agonia, né, que você gostaria de fazer coisas mais assim, lúdicas mesmo, né, de passear, mais prazerosas, sem ter horário pra cumprir muito, e isso é assim muito importante, porque é um momento que você aproveita também para ensinar. Já teve várias brincadeiras, assim, que eu fui fazer com a M. e que deu para ensinar alguma coisa de princípio mesmo pra ela e que ela entendeu mais do que se, talvez, eu tivesse numa conversa, ali, formal, mas então, assim, o problema hoje, que eu vejo, pelo menos pra mim, que eu me culpo muito é não conseguir encaixar meu tempo com isso, a gente chega muito cansado, essa fase de mexer com obra, no final de semana só sobra pra olhar essas coisas... é difícil. Eu gostaria de fazer mais isso com elas.

E – Tem mais alguma coisa que você queira me falar, que você acha importante?

A - Não, com relação a isso... eu acho que essas coisas eletrônicas veio para agregar, né, mas tem que saber dosar, porque eu vejo isso né, se, e aí a pessoa fica envolvida com isso e não vive outras coisas que também são importantes. As crianças hoje não fazem mais os seus brinquedos, elas querem prontos e isso deixa a desejar né, porque a pessoa pode criar tantas coisas ali, fazendo, construindo e isso também depende de valores, porque às vezes a pessoa acha mais legal aquilo que foi comprado, aquela coisa que é difícil hoje de resgatar... eu acho que é isso.

E – Então eu queria te agradecer por todas essas informações, que vão ser muito válidas para essa pesquisa.

Após desligar o gravador, continuamos conversando mais um pouco e A. me contou dos lugares que ela morou anteriormente e da dificuldade que as filhas tinham para brincar devido a localização. Contou que teve uma época que elas moravam no Guará e que em frente a sua casa tinha uma pracinha, mas que as crianças não podiam brincar porque enchia de “maconheiros”. Outra coisa interessante que foi falada, surgiu no momento em que comentávamos do computador e A. disse que quando você quer sossego das filhas é a melhor coisa, colocá-las no computador, porque daí elas ficam quietas.

TRANSCRIÇÃO DA 2ª ENTREVISTA

P. L. P. L. – 28 anos

S. P. L. – 7 anos

Assim que eu cheguei a S. P. L. de sete anos estava no sofá lendo uma revista (semelhante a “Capricho”) que ela afirmou ser da irmã. A mãe explicou para a filha que eu iria fazer uma entrevista com ela e ela não entendeu bem o que isso significava e ficou um pouco tímida. Perguntei a mãe se ela preferia ser entrevistada primeiro ou a filha, ela pediu que a filha fosse a primeira. Antes da entrevista começar eu dei a mãe o termo de consentimento para que ela lesse e assinasse.

Criança - S. P. L. – 7 anos

E – Então eu vou te explicar direitinho o que eu estou fazendo. Eu estou fazendo um trabalho lá da faculdade, eu faço faculdade igual sua mãe e aí eu to fazendo um trabalho sobre as brincadeiras das crianças, então eu quero saber, conhecer um pouquinho de quê você brinca, de quê você gosta de brincar, do quê você não gosta de brincar e aí depois eu vou perguntar para a sua mãe de quê que ela brincava quando tinha a sua idade. Entendeu? Daí eu só vou perguntar isso para você. Eu só quero conhecer um pouco das suas brincadeiras, de quê você gosta, de quê você não gosta, de quê você brinca mais, de como você brinca na escola, como as suas amigas brincam com você, ta bom?

S – (Ela fez um sinal afirmativo com a cabeça)

E – Então, primeiro eu queria saber de você gosta de brincar?

S – Gosto.

E – Muito ou pouco?

S – Muito.

E – Quais são as brincadeiras que você brinca hoje?

S – Hoje eu vou fazer muita coisa no colégio. Vou pro pula-pula, brincar, fazer brincadeiras, aí a gente vai lanchar, a gente vai para a piscina de bolinhas, a gente vai brincar de cabo-de-guerra, a gente vai correr e só.

E – E de quê você brinca geralmente, todos os dias?

S – Com a minha prima, sábado e domingo, às vezes a gente brinca de carrinho, ontem mesmo eu brinquei.

E – De quê? De carrinho?

S – É, de boneca.

E – Ah! É o carrinho da boneca.

S – E ela (se referindo a prima) tem um também.

E – E vocês brincam de quê mais?

S – É... mamãe e filhinha... só... e de corrida.

E – Você só brinca com a sua prima?

S – Às vezes com a B. que mora aqui do lado e às vezes que brinco no colégio com minhas duas amigas.

E – De quê você brinca com a B. que mora aqui do lado?

S – A gente brinca de boneca, de restaurante, também corre?

E – Corre onde?

S – Embaixo do prédio.

E – E de quê mais vocês brincam embaixo do prédio?

S – Hum... não sei... esqueci.

E – Aqui no prédio você só brinca com a B.?

S – Ou com a minha irmã.

E – Então de amiguinha aqui no prédio você tem a B., sua irmã e a sua prima. Não tem mais ninguém?

S – (sinal negativo com a cabeça)

E – Você brinca de mais alguma coisa além de brincar com bonecas, de brincar de correr...?

S – Eu gosto é do cabo-de-guerra.

E – É. E você brinca de cabo-de-guerra onde?

S – Eu brinco na escola.

E – De computador você brinca?

S – Uhum.

E – De quê você brinca no computador?

S – De a.... e de meninas.

E – Que meninas?

S – Um monte de bonecas que tem acessórios, roupas, cabelos e sapatos.

E – Tem mais algum jogo que você brinca no computador?

S – Hum...

E – Nenhum mais.

S – (resposta negativa com o rosto)

E – Você prefere brincar onde? Embaixo do bloco ou no computador?

S – Embaixo do bloco.

E – Por quê?

S – Porque enjoa o computador e minha irmã não deixa eu usar, porque ela fica conversando no “msn” aí eu tento ir lá só que ela não deixa.

E – Mas se ela deixasse você ficar no computador, você preferiria ficar no computador ou lá embaixo?

S – Eu ainda tenho mais uma amiga, a A.

E – Ela mora aqui no prédio?

S – Mora, só que do outro lado.

E – Ela brinca com vocês embaixo do bloco?

S – (sinal positivo com a cabeça)

E – Então se sua irmã deixasse você ficar no computador o tempo todo, você ia preferir ficar no computador do que ficar lá embaixo?

S – É.

E – Você ia preferir? Não ia enjoar não?

S – Mais ou menos, aí eu ia mudar pra TV.

E – Ah! E o quê você gosta de ver na TV?

S – Disney channel (canal infantil da TV fechada).

E – Só Disney channel?

S – E Discovery Kids e também Nick (canais infantis da TV fechada).

E – O que passa de bom nesses canais?

S – Tem o “cuzco”, tem... dá pra esquecer tudo... ”zapping zone”, tem... e no “Discovery Kids” tem “Mister Make”, a “Bindi” e na “Nick” tem... não sei (risos).

E – Mas tudo o que passa lá você gosta?

S – (sinal positivo com a cabeça)

E – Quanto tempo você passa assistindo televisão?

S – Até a hora de ficar tarde, que eu tenho ir me arrumar?

E – Se arrumar para ir para a escola?

S – (sinal positivo com a cabeça)

E – Você assiste todo dia televisão?

S – Assisto.

E – E jogar no computador é todo dia também?

S – Às vezes também.

E – Quando que você não joga?

S – É... sábado e domingo que eu brinco com as minhas amigas e sexta também, que minha irmã fica lá.

E – Então durante a semana você brinca no computador, daí chega final de semana e você fica brincando lá embaixo?

S – (sinal positivo com a cabeça)

E – Durante a semana você não desce?

S – Não, porque eu tenho aula, aí elas também, não dá.

E – Daí você fica no computador e na televisão?

S – É.

E – Tem mais alguma brincadeira que vocês têm, algum jogo?

S – Jogo, das “Princesas Disney”.

E – Como é esse jogo?

S – Quem deixar as bolinhas mais cair perde, aí quem perder, os outros ganham, quem ficar sem bolinha ou com menos bolinha ganha.

E – Tem mais algum jogo que você lembra?

S – Acho que não... só isso.

E – Todos esses jogos e brincadeiras que você me falou, qual deles você mais gosta de brincar?

S – Cabo-de-guerra.

E – Depois do cabo-de-guerra?

S – Pular corda.

E – E depois de pular corda.

S – Aí eu não sei (risos).

E – Você brinca de cabo-de-guerra e pular corda onde?

S – Na escola.

E – Só na escola?

S – É.

E – De quê você brinca na escola que você não brinca aqui no seu prédio, além de cabo-de-guerra e pular corda?

S – É... de... restaurante e só e conversar porque a Tia não deixa conversar na aula.

E – Aí vocês conversam na hora do recreio?

S – É.

E – De qual delas você menos gosta, assim “aí, eu não gosto de brincar com isso”?

S – Aí... é... de... ficar sem fazer nada e ficar conversando é o pior.

E – Por que você não gosta de conversar?

S – Porque a gente fica lá parada com o sol quente batendo no nosso rosto, não dá.

E – Então você prefere ficar brincando?

S – É.

E – De cabo-de-guerra?

S – (sinal positivo com a cabeça)

E – Ah! Ta, entendi. E aqui você só tem de amiga a B.a A. sua irmã e sua prima né?

S – É.

E – E lá na escola você tem muitos amigos?

S – Tenho só três meninas, não, quatro, porque minha prima está estudando lá. A I., a prima minha amiga que se chama J. que também se chama I. e a outra a I.

E – Só tem essas quatro amigas?

S – É

E – Então você tem mais amigos na escola ou aqui?

S – Hum... na escola, que aqui só tem duas meninas, antes era só duas meninas, é, ta certo, porque lá tem duas meninas na minha sala e tem duas meninas aqui.

E – Vocês têm algum amiguinho ou só amiguinha?

S – É... M., só que ele é teimoso, às vezes ele fica calado e às vezes a gente fica brincando com ele.

E – Quando ele é teimoso, vocês não brincam com ele?

S – Não.

E – E ele fica sozinho?

S – Ahan, porque a Tia bota pra ele pensar.

E – Então esse M. é lá da escola?

S – É.

E – E aqui na quadra vocês tem algum amiguinho?

S – Hum... além de ser o M. (outro amigo).

E – O M. Ele brinca com vocês?

S – Ahan.

E – Então você tem três amigos aqui, a B. a A. e o M.?

S – É.

E – Tem mais algum amiguinho?

S – Não.

E – E tem mais alguma brincadeira que você não lembrou, que você brinca?

S – Hum... não... Ah! Escutar música no computador

E – Você gosta. Que tipo de música você escuta?

S – É...não sei (risos), a Demi Lovato

E – A que você estava lendo na revista?

S – Uhun e da Ashley Tisdale.

E – E elas cantam o quê? É música rápida, é música paradinha?

S – Rápida.

E – Vocês dançam as músicas delas?

S – É, minha irmã que às vezes dança comigo?

E – Sua irmã sabe as coreografias e te ensina?

S – É.

E – Na escola vocês escutam música?

S – Às vezes, quando a gente vai fazer uma apresentação a gente escuta e quando a gente faz tarefa a gente escuta.

E – Que música vocês escutam lá na escola?

S – Ah! Um monte.

E – Você lembra de alguma?

S – Num dá pra lembrar, e às vezes quando tem teatro.

E – Você gosta de fazer teatro?

S – Gosto, tem a educação física e dança, aí a gente escuta música na dança também.

E – Vocês dançam o quê lá?

S – Ai, um monte de coisa (risos), um monte de coisas, rock, ai, essas coisas (risos).

E – O que você ganhou no dia das crianças?

S – Hum... um monte de coisas.

E – O quê?

S – É, o ursinho Pooh, um cachorrinho, uma boneca e o jogo.

E – Que jogo?

S – Das Princesas Disney.

E – E qual deles você mais gostou?

S – Das Princesas Disney.

E – É, e você já jogou muito ele?

S – É.

E – Depois que quero ver esse joguinho, você me mostra daqui a pouco?

S – Ahan.

E – Então tá. Agora deixa eu te perguntar uma coisa: o que você acha que sua mãe brincava quando ela tinha a sua idade?

S – (risos) eu não sei, ela não me conta.

E – Ela não te conta? Mas o que você imagina que ela brincava?

S – De pular corda ou de correr, não sei (risos).

E – Você acha que ela brincava das mesmas coisas que você?

S – Mais ou menos.

E – Mais ou menos o quê?

S – É por causa que ela ficava em outra cidade, ela ficava lá em Florianópolis e era uma cidade grande e ela ficava com as amiguinhas dela lá em baixo, lá na quadra, ela é de lá. (A S. acha que a mãe nasceu em Florianópolis porque a família dela é de lá).

E – Quando ela veio pra cá?

S – Aí ela começou a estudar, a crescer, a cuidar de mim e da minha prima, porque ela está estudando o dia todo no colégio, no meu colégio (está se referindo a prima).

E – Entendi. Você acha que ela brincava de computador?

S – Mais ou menos. Agora ela brinca.

E – Agora ela brinca?

S – É.

E – E na época que ela tinha a sua idade você acha que ela brincava?

S – Eu acho, eu com certeza acho.

E – Você acha que ela brincava de quê?

S – Ai, aí eu não sei (risos), não sei, eu acho que era das mesmas coisas do que eu.

E – E o que mais que você acha bom de brincar? Que você gosta?

S – Ai, eu não sei, tem um monte de coisa, que nem dá pra perceber.

E – O quê, por exemplo?

S – De escutar música no som, Xuxa, que minha prima pede pra eu colocar toda hora e a gente fica dançando até cansar, até quando a gente vai pro banho e a gente almoça, escova os dentes e coloca a blusa do colégio e coloca o tênis e vai pra escola.

E – Vocês saem muito final de semana para irem brincar na rua?

S – É.

E – Pro parquinho...?

S – Eu vou levar minha amiga hoje pro colégio, talvez, aí a gente vai brincar um monte com ela e minha amiga vai levar... é... o primo dela e a gente já planejou as coisas que a gente vai fazer.

E – Na escola?

S – É.

E – O que vocês planejaram?

S – Ir conversar, mais ou menos, aí a gente vai trazer brinquedo, meu au-au, o ursinho Pooh, a “Tuti” e a minha outra boneca e a gente vai brincar de “Fifi” e restaurante se a Tia deixar.

E – Ah! Como é que brinca de “Fifi”?

S- É uma brincadeira, é uma musiquinha que a gente faz.

E – Vocês fazem uma musiquinha como?

S – Ai, aí eu esqueci (risos). É por causa que só as minhas amigas sabem, aí elas me ensinam.

E – Daí você vai ensinar pra sua amiga e pro primo dela?

S – É.

E – Então você pode me mostrar então o joguinho que você brinca das Princesas, aqueles que você ganhou?

S – Ahan.

E – Então vamos lá?

S – Ahan.

Nesse momento nós fomos até o quarto dela e ela me mostrou um jogo chamado “Perfil” dizendo que era da irmã dela e aí pegou o jogo das Princesas Disney. Enquanto preparávamos o jogo eu vi um bambolê e perguntei se ela brincava de bambolê e ela me respondeu que sim. Terminamos de preparar o jogo, ela me explicou como jogava e jogamos. Foi bem divertido, eu ganhei, mas ela não se importou com isso, foi um momento em que ela se sentiu bem a vontade comigo.

Mãe - P. L. P. L. – 28 anos

E – Primeiro eu queria que você me falasse seu nome e sua idade

P – P. L. P. L., 28 anos.

E – Você veio para Brasília você tinha quantos anos?

P – Eu nasci aqui.

E – E você morava onde?

P – Eu morava lá Guará II.

E – Como era lá? Você morava em casa?

P – Era um condomínio fechado, são oito blocos né, um condomínio fechado e tinha quadra, parque, tinha tudo, pracinha, dentro do condomínio.

E – O Guará já era bem urbanizado ou não?

P – Já era lá, lá já era, o Guará II já era.

E – Você tinha muitos amigos lá no prédio?

P – Nossa! Tinha um monte, um monte de gente, nossa, até hoje a gente mantém contato, muita gente, muitos amigos.

E – De quê vocês brincavam lá?

P – A gente brincava de vôlei, de queimada, de elástico, de Barbie, de “carniça” (risos), de “corte”, a gente brincava de polícia e ladrão, como é que é aquele killer lá, aquele de ficar piscando?

E – Detetive.

P – Detetive, brincava de tudo, até daquela brincadeira do copo, lá dos espíritos, a gente fazia (risos).

E – Vocês brincavam todos os dias ou era só final de semana?

P – Lá em casa era assim: de segunda a quinta e domingo eu podia ficar até as oito horas da noite, aí sexta e sábado até as dez, aí eu brincava o dia inteiro, tanto que eu tive até uma crise de rins, de cálculo renal, porque eu não bebia água, não subia pra beber água.

E – Sério?

P – Não queria subir, ficava lá embaixo do dia inteiro... acho que era o descanso da minha mãe aquele prédio.

E – E na época não tinha perigo nenhum né?

P – Perigo nenhum e lá era fechado e tinha guarita né, então só saía e entrava quem tivesse autorização. Como a gente não tinha autorização pra nada porque a gente era de menor, a gente era menor, aí a gente não podia sair, então a gente ficava lá dentro, de vez em quando a gente fugia (risos).

E – Vocês iam pra onde?

P – Ah, a gente ia pra padaria, ia pras pracinhas das outras quadras, ficar rodando, olhando a toa (risos).

E – Vocês brincavam de jogo de tabuleiro ou eram só aquelas brincadeiras?

P – A gente jogava “W.A.R.”, que mais... o W.A.R. era o vício de tudo, todo mundo, a gente jogava de “mau-mau”.

E – “Mau-mau” é um jogo de carta né?

P – É um jogo de carta, tabuleiro só o W.A.R., eu acho, acho que era só o W.A.R., vício de todo mundo.

E – Além da Barbie, que bonecas vocês brincavam mais?

P – Globalização né (risos), acho que não tinha outra boneca não (risos), eu tinha só Barbie, coleção de Barbie, coleção de carro da Barbie, lanchonete da Barbie, cabeleireiro da Barbie, sorveteria da Barbie, tudo da Barbie. Não me lembro de outra boneca.

E – E de todas essas brincadeiras de qual você mais gostava de brincar?

P – Ai, eu gostava de polícia e ladrão, adorava. Vôlei também, mas vôlei é esporte.

E – Mas não deixa de ser brincadeira.

P – É, na minha época era brincadeira. Vôlei eu amava, queimada.

E – Tem mais alguma que você lembra que você gostava?

P – Deixa eu pensar... carniça também era muito legal, sete cortes. A gente jogava tudo, durante o dia inteiro a gente jogava todos os jogos, então, assim, eu gostava de tudo mesmo, mas queimada era massa, tinha aquela rivalidade né, aí a gente chamava o pessoal do outro condomínio pra jogar e ficava aquela competição. Ah! A gente fazia muita gincana, tinha gincana, mas gente, sem brincadeira, eram umas trezentas pessoas, aí faziam três ou quatro equipes, aí a gente colocava os nomes né, tinha os líderes e a gente fazia a gincana e na gincana tinham várias brincadeiras, aí fazia as provas né. Nossa! Era muita gente dentro das equipes, aí a gente fazia o hino, fazia não sei o quê, tinha roupa, era muito legal também, as gincanas eram ótimas, eram as melhores.

E – E qual que você menos gostava de brincar?

P – De W.A.R., era muito demorado, eu era hiperativa, eu queria ficar correndo, pulando e o povo ficava duas horas lá naquele tabuleiro e eu ficava cansada, não queria. E a gente perde né, e o povo continua jogando e você fica esperando todo mundo terminar, muito chato! Eu sou uma perdedora, ta vendo, perco para todo mundo (risos).

E – E vocês tinham jogos eletrônicos naquela época?

P – Olha, tinha um amigo nosso que ele tinha porque a mãe dele morava nos EUA ou era a irmã, não sei, e trazia uns jogos pra ele e a gente acabava indo lá pra casa dele. Eu tinha aquele “Nintendo”, eu não tinha não, meu irmão tinha e eu acabava jogando com ele, mas a gente não jogava entre si, dos amigos né, eu jogava em casa com os meus irmãos, agora, com os amigos não.

E – E os brinquedos que seu amigo trazia lá dos EUA eram quais? Você lembra?

P – Ah! Era Nintendo, era videogame.

E – Mas vocês brincavam muito ou não?

P – Não.

E – Brincavam mais embaixo do bloco?

P – O dia inteiro embaixo do bloco. A gente fazia festinha também, fazia festinha no salão, festinha na casa do... quando o pai ia sair, fazer alguma coisa, viajar, pegava a chave e ia para a casa do pai, oh, do amigo lá, aí ficava dançando. Nossa! Eu me divertia demais. Da minha infância eu não tenho que reclamar, nossa!

E – Foi boa?

P – Foi maravilhosa.

E – Quais eram as brincadeiras da moda na época? Eram essas que vocês brincavam?

P – Era, era queimada, elástico, aí teve a moda também daquele, das antigas né, daqueles do saquinho, três marias, sete marias, cinco marias (risos), jogava pra cima, pegava não sei o quê, das almofadinhas né, essa aí, teve moda dela, teve moda do elástico, teve moda de bambolê, deixa que vê de que mais teve moda... eu acho que mais isso mesmo, era queimada, elástico, todo mundo tinha o seu, acho que é isso.

E – Você lembra de brincar sozinha? Tinha alguns brinquedos que você brincava sozinha?

P – Era difícil, só quando eu ganhava um presente, que eu ganhava um brinquedo novo e eu ia brincar sozinha né, para experimentar o brinquedo, mas era muito difícil, mas, assim, eu lembro que lá em casa, como eu tenho dois irmãos, a gente brincava muito junto também quando a gente estava em casa né, mas eu lembro de às vezes brincar de escritório, de alguma coisa assim, de clínica, de hospital sozinha e quando eu recebia brinquedo novo, assim, da lanchonete da Barbie, sorveteria, aí eu ficava lá montando os negócinhos brincando. Agora, era muito difícil, muito difícil.

E – Você brincava mais com os amigos?

P – Com os amigos e com meus irmãos. Quando a gente estava em casa e não tinha jogo, a gente inventava coisa, pegava lençol e fingia que estava na nave espacial, brincava de um monte de coisa dentro de casa, lutinha, carrinho.

E – Vocês criavam muitas brincadeiras?

P – A gente criava muito.

E – Vocês brincavam mais de brinquedos prontos ou...?

P – Não, a gente brincava mais de... a gente fazia... brincava de banco, fingia que tinha banco, fazia cheque, notinha de dinheiro, assim, no papel, a gente brincava de loja, pegava... nossa, minha mãe ficava pau da vida, a gente pegava as roupas dos armários tudinho e ficava estendendo, assim, pelo cabide na beliche e falava, assim, que era a loja de vendas né, aí botava os preços nas roupas, aí minha irmã entrava e comprava, aquele negócio todo e aí, deixa eu ver o que mais... a gente brincava de carrinho, oh! A gente tem uma brincadeira tão boba que era, assim, muito legal, pra gente né, até assistindo televisão a gente brincava, tava assistindo televisão e a gente tava brincando, a gente botava as pernas assim, não vai dá pra ver né (ela esticou as pernas para frente), colocava as pernas esticadas assim e aí ficava brincando de carrinho, o outro ficava do outro lado e a gente colocava o pé no outro, aí a gente ficava acelerando e freando (ela fez um barulho de carro) e enquanto isso a gente ficava assistindo televisão. Nossa! Eu acho que eu era muito danada, por isso que eu era um palito, eu pesava quarenta e oito quilos (risos) porque eu não parava quieta.

E – E na escola como que era? Vocês brincavam das mesmas coisas ou eram brincadeiras diferentes?

P – Na escola era mais atividade física porque... é... por causa da regra da escola né, a gente não brincava não, a gente tinha que fazer exercício físico pra poder jogar vôlei, basquete, handebol, a gente fazia competição lá no P. (nome do colégio) então, assim, tinha professor de educação física e ele fazia a gente treinar mesmo para jogar fora do colégio, aí a gente

treinava mais, a gente não brincava não, era muito difícil e na hora do intervalo era mais lancha mesmo e voltar pra sala.

E – Não tinha brincadeira na hora do intervalo não? Não tinha parquinho?

P – Não, tinha parquinho, assim, tinha parquinho, mas a gente não usava, a gente ficava sentado nos banquinhos conversando. Engraçado né, eu nunca fui de ficar brincando no parquinho, tinha um parquinho lá, eu nunca fui, pra você ter uma idéia, tinha um balanço, a gente enrolava o balanço naquele ferro e ficava jogando bola ali (risos) não usava o balanço não, muito engraçado isso, não escorregava, a gente não fazia nada, a gente não usava o parquinho (tom de surpresa).

E – Você tinha muitos amigos na escola?

P – Tinha. Eu sou muito fácil de fazer amizade né, eu sou toda “dada”, eu já não gosto de falar muito né, sou muito “dada”, então, assim, eu tinha amigas, muitos amigos, eu nunca tive problema assim com homem, mulher, esses negócios assim, de fazer grupinho, eu faço parte de todos os grupos, mas sempre tem aquele que é mais chegado, mas eu sempre fiz parte de todo mundo, todos os grupos... é... eu era, eu sou muito comunicativa, então eu falava um monte, a gente conversava muito, eu sempre me dei bem com todo mundo, tinha muitos amigos, muitas amigas e hoje até, a gente até se comunica, tanto o pessoal do prédio lá no M. (nome do prédio) quanto o pessoal do colégio.

E – Você acha que tinha mais amigos na escola ou na quadra?

P – Ah! Não, lá na quadra, nossa! Lá era muita gente, muita gente. Com certeza era no condomínio, sem sombra de dúvidas.

E – Tem mais alguma coisa que você lembra da sua infância que você acha que é importante falar? Alguma experiência boa ou alguma experiência ruim em relação aos jogos, brincadeiras?

P – Ai, ruim, assim, que eu lembro eram aquelas brincadeiras do copo lá que eu tinha que jogar, eu não gostava daquilo, eu morro de medo até hoje, eu acho que aquilo me deixou traumatizada, até hoje eu tenho medo de espírito por causa daquele negócio lá. Menina! Era horrível e a gente, assim, o que acontece é assim: eu era uma das mais novas do grupo né e aí pra você entrar no grupo lá você tinha que fazer as coisas que o povo mandava né, que o povo tava falando que era pra fazer, aí “ah! Vamos jogar a brincadeira do copo” e eu tinha que ir e não podia falar que estava com medo não e eu me borrando de medo, eu “gente eu quero embora pra minha casa”, mas não, brincava. Aí fazia aquele negócio né “ai meu Deus, mexeu, mexeu”, não era só do copo não, tinha um outro também né.

E – Do compasso?

P – É, aquele negócio que mexia assim (fez o movimento com a mão), horrível isso, horrível! Eu sou traumatizada, até hoje eu tenho medo disso... deixa eu ver dos jogos... ficar esperando o W.A.R. e a brincadeira do copo, do espírito, horrível! Mas no geral minha infância foi muito boa, em relação à brincadeira, gente! Não tenho do que reclamar, foi muito bom, eu me diverti muito, muito, muito... acho que até hoje eu sou criança por causa disso. Ah! Tinha uma outra coisa pra contar, a gente juntava pra assistir filme né, na casa de alguém e aí,

geralmente, era de terror. Pergunta se eu consigo assistir um filme de terror hoje, pergunta, meu pai ainda me avisava “um dia tu ainda vai se borrar toda”, “você não vai mais querer ver filme mais”, dito e feito, não conseguia. Então eu não gostava de ficar dentro no negócio parada, eu queria ficar brincando, jogando, fazendo alguma coisa. Eu acho que eu sou hiperativa né? (risos).

E – (risos). Levando em consideração hoje a infância que a S. tem, como é que você acha que é a infância dela em comparação com a sua?

P – Bom, é... não tem nem como comparar né, porque eu morava num condomínio fechado, com vários amigos, eu tinha muitos amigos e a gente inventava um monte de brincadeira, até porque tinha mais cabeça pra inventar né, várias cabeças pensando em várias brincadeiras. No caso dela, hoje a gente ta morando aqui... é... ela tem o quê, aqui dentro do condomínio umas três ou quatro amigas e elas, assim, brincam é... como são poucas, acabam brigando mais do que brincando “ai mãe ela pegou não sei o que”, “ai ela falou que eu sou chata”, acabam brigando. Aqui embaixo do prédio não pode jogar bola, não pode andar de bicicleta, não pode andar de patins, não pode fazer nada, só pode ficar brincando de boneca lá embaixo, enfim a gente não tem tempo pra levar até a pracinha, a gente leva no final de semana no parque da cidade ou no clube pra fazer alguma coisa, mas dia da semana não tem como levar ela pra passear, assim, eu levo de manhã cedo quando ela acorda, que eu vou passear com a mel (cadela) aí ela vai comigo, dá uma caminhada ali, mas não brinca, mas também não tem nem como brincar né, não tem brinquedo no parquinho ta estragado, agora que eles arrumaram. E também sozinha né, porque quando eu descer eu não vou chamar as filhas de todo mundo pra descer comigo pra eu passear com a cadela e ela não vai ficar brincando lá sozinha de bola. Aí eu acho que não tem nem como comparar, ela com certeza é... a gente indo pra casa agora, eu acho que ela vai conseguir brincar mais. Que nem, a S. tem sete anos e ela não sabe andar de patins, ainda não tirou a rodinha da bicicleta, ela foi pegar, que meu pai deu pra ela, que antigamente era o “Pogobol”, lembra do “Pogobol”, eu até esqueci de falar do “Pogobol”, tinha o “Pogobol”, o “Pense bem”, lembra também? Esqueci dele. E meu pai deu pra ela e esse aí ainda tem o negócio que segura, ela não consegue. Isso me deixa triste, eu fico olhando “poxa, minha filha desse tamanho aí, já era pra está fazendo um monte de coisas né”.

E – Nessa idade você já fazia né?

P – Na minha idade, vixe maria, na minha idade eu estava até agora com o negócio aqui pulando, pra lá e pra cá, tava lá embaixo já. Só que assim, com o pessoal, né. Tinha o pessoal que estudava de manhã e de tarde, então tinha muita gente, então dava pra brincar com o pessoal que estudava de manhã e dava pra brincar com o pessoal que estudava de tarde. Aqui não, as meninas, a maioria estuda de manhã e a “bichinha” a tarde. Aí ela fica sem poder descer pra brincar, muito difícil quando os pais deixam também, eles não deixam elas descenderem, mesmo aqui fechado tudo, cerca elétrica agora ele estão colocando, eles não deixam. Eu sou um pouco mais liberal, eu falo “não filha, se tiver alguém lá embaixo pode brincar”, mas é difícil ter, ela fica mais em casa, jogando videogame, aí a gente suprir aqui né, joga “play station” com ela, pra você ver, ela tem sete anos, é uma menina e tem play station né, na minha época a maioria eram os meninos que ganhavam videogame né e ela não, ela pediu um play station, ela compra jogos, ela é viciada em DVD, adora assistir DVD, ela assiste o mesmo três vezes ao dia.

E – Que tipo de DVD ela assistiu?

P – Infantil. Ela assistiu infantil da Barbie, das Princesas, da Hello Kitty, da (), um monte de coisa, mas ela também gosta de assistir filme pra adolescente, aqueles negócio de “O diário de uma princesa”, aquela coisa de menina né, porque a G. (outra filha) já assistiu e ela quer assistir também, ela acaba acompanhando um pouco a G. por causa da diferença de idade. Ela acabou fazendo, acho que as mesmas coisas que a G., indo pra internet, tanto que hoje ela não sabe pular no negócio (se referindo ao pogo), mas ela sabe digitar como nenhuma criança, sabe, ela pega o computador ali, entra no MSN (sala de bate papo), ninguém acredita que está falando com a S., mas é ela mesmo que está digitando. Ela navega na internet sozinha, não pede ajuda pra nada.

E – Ela brinca muito na internet?

P – Brinca. Nossa! Enche de vírus o computador, porque está assim “jogos para meninas” ela vai lá e clica tudo, aí enche de vírus o computador, mas é jogo de montar, a maioria é assim de montar, a boneca né, eles colocam a roupinha, pra você vê a diferença né, antigamente a gente trocava a roupa da boneca na mão né, hoje em dia não, você vai lá no computador e fica escolhendo as roupas da boneca clicando e colocando em cima dela, aí ela fica pronta. Essas meninas vão tudo ter tendinite (risos) com dez anos de idade.

E – O que você acha desses brinquedos de computador, você acha que têm vantagens, desvantagens?

P – Olha, eu acho... tem seus prós e seus contras. No caso da S., pra ela não ficar muito tempo na televisão, apesar de ser também uma tela, pra ela não ficar muito tempo na televisão, naquele negócio de ficar parada, olhando, ela acaba tendo uma percepção, ativa o cérebro dela (ficar no computador), ela fica ali mexendo, procurando, buscando uma brincadeira diferente ou até mesmo colocando uma roupinha, ela tá trabalhando ali o cérebro. Se ela tivesse na televisão ela ia ficar assistindo aquele negócio meio parecendo um Zumbi e acabou. Na internet ela lê bastante né, lê historinha, lê o que tem que fazer no jogo, ela lê as instruções, segue as instruções, coisa que na televisão ela não vai fazer. É claro que o contra é a criança estar ali na frente do computador, com certeza ela vai ter um problema de vista, de visão e vai prejudicar né mais pra frente. Só que nas opções que ela tem, eu tento, assim, de vez em quando ela brinca assim... quem nem eu comprei um carrinho (de boneca) pra ela, a gente tenta introduzir né, as brincadeiras de criança, compra ursinho, boneca, carrinho, mas mesmo assim a internet prevalece né, porque sozinha também é sem graça de brincar né e aí eu acabo entendendo a internet lá, ela fica brincando. Eu acho legal pra ela porque ela tá ali trabalhando né, tá pensando, tá lendo, melhor que a televisão, só que não é melhor do que as brincadeiras infantis de rotina né. Ela dança bastante, que eu também acho legal, que ela adora colocar uma música e ficar dançando, brinca de correr. A gente acompanha, assim, quando a gente pode brincar um pouquinho com ela né, mas é muito difícil. Eu acho que a internet ajuda um pouco, mas atrapalha ela né, não sei, não sei.

E – Além do problema de visão, você acha que pode trazer mais algum prejuízo para ela, sem ser físico?

P – Eu acho que ela pode ser uma pessoa meio introvertida porque não tem muito contato com outras crianças, você tá ali só você e a tela, não conversa, você fica ali trabalhando o cérebro, mas não trabalha a fala e o vocabulário. Eu acho que ela pode ter sérios problemas pra poder entrosar com as outras pessoas ou tomar certas atitudes, assim, mais pra frente... é... não é dar palestras essas coisas, de comunicação mesmo e de se entrosar com as outras pessoas. Eu

acho que eu sou desse jeito aí que você está vendo agora, eu falo com todo mundo, converso com todo mundo porque eu tinha várias pessoas, eu tinha que expor minha opinião, você tem que levantar a voz “não, não é assim não” e escutava os outros. No caso dela com a internet não tem esse negocio de você expor sua opinião, falar o que você pensa e você pedir alguma coisa, não, é só você e a tela ali e como ela está brincando sozinha não tem ninguém pra discutir, pra falar “não, vamos fazer isso”, “não, vamos fazer aquilo” e isso atrapalha, já atrapalha ela não é nem mais pra frente não, mas pra frente com certeza vai atrapalhar também, mas já atrapalha porque a S. não consegue fazer as coisas sozinha na rua. Uma vez a gente estava no Metrô e eu falei “filha compra um bilhete” eu na frente dela e falei “pede um bilhete pra moça pra mamãe”, eu queria vê ela fazendo isso, ela não conseguia, ela pegou o dinheiro, ela se empolgou na hora, tipo “eu vou comprar um bilhete”, só que na hora que ela olhou pra moça ela “ah, não mãe, compra você” sabe, ficou morrendo de vergonha. E ela é muito envergonhada acho que por causa disso, falta de comunicação com as outras crianças, até porque também não tem outras crianças em casa, só a G. que já adolescente, pré-adolescente. E lá no colégio já me falaram isso, que a S. é muito reservada, ela num se entrosa direito com as outras crianças, ela é muito quieta, ela não briga, ela brinca, mas também não dá a opinião dela “você não vai fazer isso não”, ela não briga, diz que é a criança mais perfeita do colégio, mais calma, mais tranqüila, o exemplo lá do coleginho dela né, isso todas as professoras falando das outras turmas também. Então, eu não queria que ela fosse assim, eu acho legal, massa, ela ter educação, uma educação ótima né, toda quietinha, todo mundo adora criança quieta, só que eu acho que ela tem que ser um pouco mais esperta porque lá na frente ela vai precisar dessa esperteza, “o mundo é dos espertos” e ela vai precisar disso e eu tenho medo dela não conseguir, mais pra frente, de se colocar numa posição melhor pelo fato dela não ter comunicação com outras crianças. E no caso dela também, ela conversa muito com adulto, só adulto, ela não tem ninguém da idade dela, a I. (sobrinha) é mais nova, já é mais briga que acontece, não é nem brincadeira, mais briga do que brincadeira, fica aquele negocio “é meu, é seu”. Ela não tem aquela criança da mesma idade pra você brincar da mesma coisa, ficar conversando. Eu quando era mais nova, além dos meus amigos do colégio e do prédio, eu ainda tinha os meus primos porque minhas tias todas tiveram filhos na mesma época, então todo mundo tinha a mesma idade, aí quando eu ia pra casa da minha vó tinha meus primos e a S. não tem isso, ela não tem esse negocio de “Ah, eu vou pra casa da minha avó brincar com os meus primos, a gente vai fazer aniversario, churrasco”, é só adulto, não tem criança pra brincar, aí ela fica ali no colo, ela não sai de perto de mim, todo mundo fala “olha o rabinho da P. ali”, ela não sai de perto de mim, fica ali, não conversa com ninguém, ela fala “oi, tudo bom” por educação. E a G. também é assim, a G. brincou mais, mas a G. também é assim um pouco reservada. Aí todo mundo fala assim “Nossa, mas elas são muito educadas”, eu concordo, são muito educadas, mas eu acho que elas tinham que ser mais, assim, sei lá, faladeira não porque a S. fala pra caramba, eu acho que ela puxou isso de mim porque o R. (marido) não fala, é difícil o R. falar, “viu R. é muito difícil você falar”, eu falo um monte e acaba que ela... ah! Outra coisa também, como ela não gasta energia na internet, ela saiu daquela cadeira ela começa a pular, eu to cozinhando e ele fica “mãe, porque não sei o que”, ela não para de falar um minuto, ela vai dormir muito tarde, vai dormir lá pra uma hora da manhã, meia-noite e falando o tempo todo, não sei se isso é genético, será que é? (risos) inacreditável, só sei que ela fala muito, ela fala muito, ela não pára de falar e ela não é gordinha por causa disso, porque fica pulando, porque ela come pra caramba, tem o colesterol alto por causa da S. (sogra) né e ela fica pulando o dia inteiro aqui em casa. Eu acho que tem isso também, a energia que ela não gasta lá na cadeira sentada ela gasta aqui fora comigo pulando na minha cama, em cima de mim e ela é muito carente também, não sei se é do signo dela ou da personalidade, do caráter, só sei que ela é muito carente, de mim, não é nem carência não porque eu sou muito presente com ela, então se eu falto algum momento, se eu

vou à padaria ela tem que estar junto senão ela fica chorando “não vai, você não pode ir, eu vou ficar sozinha”, sozinha entre aspas, tem a S. a G. a C. tem todo mundo aqui, mas é sozinha de você, no caso de mim, entendeu? Elas são muito apegadas a mim, acho que é por que... não sei porque, acho que é porque eu sou legal com elas, acho que é porque eu sou mais legal, porque a gente tem mais contato né, o R. passa o dia inteiro fora, ele não tem muita... o R. é bem ausente e eu sou muito presente, eu acho que é isso.

E – Você coloca algum limite para elas no computador, televisão ou não, como elas não tem muito o que fazer você acaba deixando?

P – Não, é, tipo assim, você vê, todas as televisões estão desligadas, é difícil ela assistir televisão, o computador também está desligado. Quando ela vai ligar o computador já está no horário que ela pode ficar ali, uma hora brincando ali no computador, ela não fica muitas horas na frente do computador, é uma coisa meio rápida. A G. já não, ela fica muito tempo, aí o R. é que impõe, geralmente quando a G. está na internet eu estou na faculdade, então o R. fala “sai da internet, agora!”, eu acho que ela deve colocar um “offline” (é um recurso do MSN que permite ao usuário não ser visto pelos outros contatos, somente por aqueles com quem está conversando) lá e fica lá porque não tem ninguém aqui dentro pra observar. Então, assim, a gente impõe limite quando está aqui em casa com a G.. A S. já não tem muito o que impor porque ela não é assim de ficar muitas horas, a não ser de noite que ela adora assistir programação tipo “Toma lá da cá”, “A grande família” (programas da TV aberta) e eu respeito, ta certo que é tarde e também não é adequado pra idade dela, mas eu respeito porque, assim, eu vejo que é legal, bacana e ela se diverte com aquele “Zorra total” (outro programa da TV aberta), que eu acho banal, mas ela gosta, aí quando acabou eu falo “S. vamos dormir, ta na hora de dormir, fecha o olho e vai dormir”, “ah não mãe, mas eu não consigo dormir sem televisão” eu “vai dormir agora minha filha” porque ela já teve que dormir com televisão ligada durante muito tempo, aí tinha que colocar lá no Disney channel e ela ficava lá. Às vezes eu fico com dó da bichinha brincando sozinha (nesse momento a S. estava brincando lá na sala, pulando), horrível isso porque eu sei o tanto que é bom brincar com um monte de gente. Eu não sei se pra ela isso faz diferença porque ela nunca brincou com muita gente, não passou pra outra... não vivenciou isso com muita gente, então para ela eu não sei se deve fazer uma diferença, mas pra gente que já passou faz, não sei se quando a pessoa nunca teve um problema se faz falta quando continua...

E – Você acha que a S. é uma criança de sete anos ou ela é uma criança mais avançada, uma criança mais precoce?

P – Mais avançada.

E – O que demonstra isso para você?

P – Olha, eu não sei se é coisa de criança, mas ela tem uma memória esplendida, a memória dela é memorável (risos), é um negócio de louco, não sei se é porque ela fica lendo, lê na internet, eu não sei, ela tem uma memória ótima e ela aprende as coisas muito rápido, questiona muita coisa, pergunta muito e aprende bastante porque a gente responde, mesmo não sabendo a gente dá uma “engabelada” e a gente responde. Então ela aprende muita coisa, ela segura rápido, os colégios hoje em dia força mais outras línguas, forcem mais a criança a aprender a ler mais rápido e no caso da S. com sete anos em relação ao intelectual dela, ela é uma criança mais avançada porque ela escreve bem, lê bem, ela pergunta tudo, ela tem facilidade para mexer na internet, ela fala um monte de coisa em inglês que o colégio ensina

né, hoje em dia eles ensinam muito mais coisas em inglês, coisa que eu nem sabia, não sabia nem o que era dedo em inglês, antigamente aprendia a frase né, não a palavra, ela aprende todas as palavras e depois a frase, é legal e ela lê tudo, lê as revistas.

E – Que revista ela lê? Aquelas que ali? (Tinham umas revistas no sofá, as mesmas que a S. estava lendo quando eu cheguei).

P – Aquelas ali ela está lendo agora, ela leu... mas ela adora lê, lê livrinho de história que ela ganha muito, a gente compra bastante pra ela e ela adora lê meu livros da faculdade de anatomia, os negócios tudinho, os feridos ela adora ver, as imagens, porque eu falo assim, ela fala assim “mãe, eu não vou comer tal coisa” e eu falo “não, não vai comer não? Eu vou te mostrar que criança que não come isso como é que ela fica”, vamos supor deficiência de ferro, aí eu vou lá na internet e boto uma foto bem feia lá (risos) e ela se amarra “bota mãe, bota aí a foto” e a I. já está ficando desse jeito “bota lá a foto de quem não faz isso” aí eu vou lá e boto porque eu também sou viciada em internet, eu acho fantástico você poder mostrar uma coisa né, você vai lá no google, pesquisa em imagens e “aí oh, ta vendo” se não comer isso vai ficar assim, aí ela adora, assim, ler até revista de casa ela fica lendo, lê tudo, mas ela gosta muito de livrinho de história.

E – Você acha que esse acesso à informação, a escola querer ensinar muito mais rápido diminui o tempo de infância que eles têm?

P – Ai, eu acho que diminui. A S. vai pro colégio a tarde, quando é de manhã, tem outra coisa também, os deveres de casa, eu não sei se é porque ela estuda a tarde e ela tem menos tempo de manhã porque de manhã corre mais rápido, eu tenho que fazer um monte de coisas e não fico muito tempo com ela e a tarde a gente tem um tempo que parece ser mais longo né, entre aspas porque a gente já fez tudo o que tinha que fazer de casa de manhã e a tarde você tem um tempo mais livre pra fazer alguma coisas com a sua filha. No caso da S., ela tem um tempo muito corrido porque acaba acordando tarde, vai fazer o dever, vai um pouco na internet, vai tomar banho e vai almoçar pra ir pro colégio, então ela não tem muito o que brincar. Chega a noite, toma um banho, janta, vai ver televisão, internet ou vai jogar um jogo, ler um livro e depois deita pra dormir, não tem muito tempo pra brincar.

E – Mas você acha que isso é bom ou é ruim?

P – É péssimo né, eu acho ruim, eu acho assim, eu tenho medo dela ficar, não é nem “nerd” não porque ela não vai ser nerd, essa criança é muito hiperativa (risos), ela não vai ficar nerd assim de ir lá toda hora ficar pesquisando, nesse vício, porque sozinha ela se diverte sabe, mas eu acho que ela tivesse mais, com certeza que queria que ela tivesse mais tempo pra brincar, pra brincar, mas não assim sozinha que me dá pena, mas eu queria que ela brincasse com outras crianças e eu não posso nem ter outro filho né, porque não vai adiantar nada porque já tem diferença de sete anos. Eu acho que é ruim, ela tinha que ter mais tempo pra brincar.

E – E você tem mais alguma coisa pra falar que você acha importante em relação às diferenças de infância, em relação a como está hoje?

P – Uma coisa que eu percebi assim, não sei se isso é coisa de família, não sei como é que é, mas uma coisa que eu percebi com a minha. Minha mãe e eu, eu e minha mãe não tínhamos muito contato, nem eu com a minha mãe, nem eu com o meu pai, nem meus irmãos também. Meu pai trabalhava o dia inteiro, minha mãe ficava em casa o dia inteiro, mas eu não ficava, eu ficava o dia inteiro na rua brincando, então eu não tinha muito aquele negocio de falar “eu

te amo, eu te adoro”, “mãe, você é linda”, só na apresentação do Dia das mães e não sei mais quando. Eu falo hoje em dia muito mais “eu te amo” pra minha mãe do que antigamente quando eu era pequena, tanto que quando eu menstruei pela primeira vez eu morria de vergonha, eu queria falar pra minha mãe de jeito nenhum, eu tinha vergonha de falar com a minha mãe certas coisas, a gente não tinha comunicação, tanto que eu engravidei sem saber o que era nada. E já eu e as crianças a gente tem uma, não sei se é porque eu sou nova também, mas eu acho que pelo fato da gente ter mais contato por elas não estarem na rua brincando a gente acaba ficando mais juntas e rola aquele carinho, aquele carinho mais de abraço, de ficar mais junto assim, de assistir televisão juntas, de ir na internet juntas e a gente não passa um dia sem falar “eu te amo” uma para a outra e a S. fala cinqüenta vezes ao dia. Ela me lembra e “mãe, você é linda”, “mãe, você não sei o que”, a G. também “bom dia mãe” me abraça, me beija. Toda vez que a gente passa uma pela outra dá tapa na bunda, puxa o cabelo, a gente faz alguma coisa pra mexer, pra gente falar assim “olha, eu tô aqui”, a gente abraça e beija. A G. já tem mais liberdade pra conversar comigo, tanto que ela me contou “mãe eu to namorando” e outra coisa né, esse negócio de falta de brincadeira leva pra namorar cedo né, me lasquei todinha com esse negócio né (risos) esse negócio de não ter brincadeira e essa aí (se referindo a S.) vai ser danada também. E aí, assim, a gente tem um contato muito maior do que eu tinha com a minha família, não sei se isso é pelo fato de eu ser nova ou pelo fato delas não terem a oportunidade de estarem longe de mim. Eu sei que a gente se abraça muito, se beija muito e isso eu acho legal, assim, um único ponto positivo, eu acho, o resto só negativo.

E – Tem mais alguma coisa que você queira falar?

P – Mais do que eu falei, eu acho que eu fui... você já fez outras entrevistas? Porque eu fui a que mais falei não é? (risos), eu sou terrível, eu acho que falei tudo, se eu lembrar eu te ligo e falo “V. eu preciso de falar, bota o gravador aí” (risos).

E – Eu acho que foi bacana, foi bem interessante.

P – Eu gostei também, acabei lembrando de tudo, de coisas, acabei pensando...

E – Um pouco sobre isso...

P – É, sobre as brincadeiras das crianças e como está andando isso aí né. Ela já está escutando música no computador.

E – Ela me falou que gostava.

P – E é muito mais fácil elas pegarem e colocarem a música no computador, porque antigamente a gente colocava no LP né, depois que foi o CD, aí elas selecionam aquele tanto de música lá e fica lá rodando o negócio, aí o CD fica ali jogado, às vezes a gente ainda compra e elas ganham em aniversário, esses negócios, aí de vez em quando ela colocam ali o CD, mas é muito mais fácil ela fazer o que ela está fazendo aí, ligar o computador já fica escutando música e já fica no MSN, (nesse momento a S. falou que o MSN dela entrava automático), ta vendo “meu MSN” eu não tinha MSN quando eu era criança, eu lembro que quando meu pai comprou computador era aquele joguinho de... era bobo, ah! Tinha o “Atari” também né.

E – Então, obrigada pela entrevista.

P – De nada meu amor.

E – Foi bem legal.

TRANSCRIÇÃO DA 3ª ENTREVISTA

M. D. L. – 39 anos

E. A. S. L. – 12 anos

Antes de iniciar a entrevista eu expliquei ao M. os objetivos desse trabalho, ele leu o Termo de Consentimento e me autorizou a realizar a pesquisa com ele e com o filho dele de doze anos. Eu reforcei o sigilo da pesquisa e que ele ficasse a vontade para, caso que perguntasse alguma coisa que trouxesse incômodo, não responder.

Pai - M. D. L. – 39 anos

E – Primeiro que queria que você me falasse seu nome completo e quantos anos você tem?

M – M. D. L., 39 anos.

E – Você nasceu onde M.?

M – Belo Horizonte.

E – Você veio pra cá com quantos anos?

M – Eu vim pra cá com cinco anos, cinco para seis anos.

E – Onde você morou quando você veio pra cá?

M – Eu morei na 315 inicialmente, na 315 sul, foi o primeiro lugar, eu fiquei poucos meses, depois fui para o Lago Sul, depois vim pra 111 sul, voltei pro Lago Sul (risos) e aí até casar.

E – E onde você passou maior parte do tempo, foi no Lago Sul?

M – Não, foi na 111 né, eu fiquei dos nove aos dezesseis anos, aí antes... eu cheguei aqui com cinco, fiquei quatro anos no Lago Sul, aí depois mais adolescente dos dezesseis ao vinte que foi quando eu saí.

E – Como é que era esse lugar que você morou no Lago Sul, tinha muitas casas em volta, era só a sua, era condomínio?

M – Era uma rua, na QI 09, onde é a Thomas Jéferson aquela escola né. Ainda não era uma rua toda completa né, tinha algumas casas, tava já bem habitado ali, acho que tinha uns cinqüenta por cento da rua já.

E – Tava começando?

M – Tava começando, QI 09 pra você vê.

E – Você tinha amigos lá?

M – Eu tinha, eu lembro que eu tinha lá, tinha quatro amigos, entre eles uma menina que era muito amiga minha, era C. o nome dela, os dois irmãos dela e os dois colegas de duas casas diferentes.

E – Vocês brincavam muito lá?

M – Brincávamos muito.

E – De quê vocês brincavam?

M – Bom, é... com os homens ali eu costumava brincar muito de bola, soltar pipa, nadar né. Com ela a gente ficava mais brincando... eu lembro que tinha uns () lá que a gente brincava, jogar ping pong, era muita coisa, desenhando na rua, como era mais tranqüilo né, ficava até tarde.

E – Na rua né?

M – É. Praticamente isso aí.

E – Você tinha alguma brincadeira que você gostava mais de brincar?

M – Eu sempre gostei muito de esporte né, eu gostava muito de jogar bola né, jogar ali com eles ali, era sempre assim uma competição, jogava ping pong, é... às vezes ia brincar... natação, ficar correndo assim quem ganhava né, nadando mais rápido e sempre alguma coisa ligada a esporte que eu gostava né. Eu era muito ativo ali.

E – O esporte naquela época já tinha um ar assim de competição? Porque hoje em dia na escola ele é muito voltado para competição, para jogar em nome do colégio. Na sua época tinha isso também ou vocês brincavam mais do que levavam a sério?

M – É... você na realidade, quando menino eu sempre joguei, assim, eu sempre fui muito competitivo, engraçado que até hoje na vida profissional a gente leva isso né, mas a gente era assim, dependendo muito da situação, às vezes tinha, a gente costumava fazer brincadeiras, tinha uns times contra as ruas ali né entre sete e oito anos de idade, aí juntava a meninada da rua com a meninada da outra rua ali e aí a coisa era mais séria (risos), mas entre nós ali era brincadeira só, acho que não tinha essa competição não. Mas sem dúvida, sempre teve alguma coisa, aquela rixa “ele é o bom”, “ele é isso”, “ele é aquilo”, “ele é o gordinho” (risos).

E – Entendi. E o que você menos gostava?

M – O quê que eu menos gostava?... muitas vezes a gente ficava ali na rua a noite parado né, não tinha iluminação nos campos, a gente brincava ali, às vezes até brincava de amarelinha ali quando tinha a menina né, era uma brincadeira que era até um quadrado diferente né, nem sei como era o nome mais, mas ficava ali, enfim, não tinha o que fazer, a gente inventava a noite e tal, acho que era o que menos me atraía né, mas era bom também.

E – Vocês inventavam muitas brincadeiras?

M – Inventava. Essa fase lá, como era muito restrito, como não tinha muitos amigos, então você fica um pouco limitado né, você tem ali três amigos, às vezes um não ta e fica com um.

A fase seguinte, quando que cheguei já em quadra, que aí era uma quantidade de gente maior, aí sim.

E – Como é que era lá na quadra?

M – Na quadra já era diferente, aí você tinha toda, como é que eu vou dizer... você tinha um grupo bem maior e também muita coisa ligada a esporte né, a gente jogava muito futebol, tinha uma quadra no meio da quadra, uma quadra poli esportiva no meio da quadra e aí jogava vôlei, futebol, basquete. Sempre a noite estava brincando de pique-esconde, de pique-pega, subir em cima de árvore, falar besteira. Nossa! Eu tive uma infância bem agitada (risos), chegava, almoçava, descia correndo, tinha que estudar né, tinha que fazer a obrigação toda né e aí descia e era todos os dias da semana.

E – Embaixo do bloco?

M – Na quadra né, porque era uma época muito mais tranqüila de Brasília né, então a gente ficava, eu com dez, onze anos, ficava até onze horas, meia-noite na rua e tranqüilo, a gente não tinha problemas. De vez em quando tinha uns menininhos lá que a gente tinha medo lá, que era um pessoal que passava, um pessoal que carregava aquelas caixas de engraxar sapato né, mas nunca tivemos problema, era um grupo bem grande.

E – Quais eram as brincadeira da moda?

M – Pois é, ali, eu tinha... aí que foi o início... acho que a minha geração pegou essa transição entre aquela criança que brinca realmente na rua, que faz amarelinha, pique-pega, pique-esconde, futebol, vôlei, bicicleta, carrinho de rolimã sabe, a gente inventava coisa, era sempre fazendo alguma competição, alguma coisa, brincando... e foi uma transição porque logo, eu já tinha... eu estava na sétima serie... treze aos né e começou o videogame né, o Atari, antes do Atari tinha um outro lá eu que não lembro o nome, que eram umas bolinhas assim que gente ficavam subindo e descendo, e aí começou. Só que como era um negócio, assim, que era novidade, nem todo mundo podia ter, alguns tinham, normalmente aqueles que tinham um poder aquisitivo melhor e tal, mas era aquela coisa assim, que virava uma febre, mas não era aquela coisa como é hoje né, então as pessoas brincavam mais, o Atari era uma coisa secundária, ia e brincava. Aí foi passando o tempo, passando o tempo, você tinha o Playmobil... nossa, Playmobil, Falcon, era uma farra louca, eu adorava brincar de Playmobil. E aí como as atividades às vezes vão diminuindo, até porque muitos já tinha o Atari, não sei o que, então você começava a fazer mais atividade dentro de casa, aí já é um pouco mais velho treze anos, quatorze, mas sempre com grande intensidade fora, um grupo muito grande, brincava lá em baixo, era o dia inteiro. Foi uma fase, eu acho que foi exatamente quando iniciou o videogame essa minha geração pegou, tinha uns malucos que ficaram como os meninos são hoje.

E – Fissurados.

M – É (risos), mas eu não, eu sempre tive assim, cheguei a ter um, mas num era... eu gostava muito de esporte.

E – Você preferia brincar lá embaixo?

M – Brincar, correr, enfim, era o dia inteiro.

E – E na escola, vocês brincavam também? Como é que era lá?

M – Na escola, eu estudei sempre no M., o M. foi uma escola que sempre incentivou esse lado esportivo da coisa também né, aí as brincadeiras sem dúvida eram mais ligadas a esporte, sempre, aquela coisa que a gente sempre participava de seleções, aquelas coisas, times de lá, time de não sei o quê. E também gostava de... eu sempre fui um pouco... eu sempre me dei bem com várias tribos né e como tinha aquele pessoalzinho que não se adaptava, eu sentava e jogava um xadrez, jogava ping pong com um pessoal diferente, era bem eclética a coisa né (risos).

E – Fazia de tudo um pouquinho né?

M – É (risos) e foi legal, eu acho que ficava bem, enfim, eu sempre fui muito ativo.

E – Na hora do recreio vocês brincavam das brincadeiras que vocês brincavam em baixo do bloco, de pique-pega...?

M – Aí tem pique-pega, eu lembro que a gente jogava muita queimada lá também com as meninas, aí é aquela fase mais maiorzinho, então você ficava lá... mas até uma quinta série, mais ou menos, era o tempo todo na quadra, era tudo né, era vôlei, basquete... tudo o que aparecesse a gente tava jogando e eu sempre joguei tênis também, mas aí como é um esporte mais individual era afastado, tinha o horário pra jogar e tal, mas o grupão ali era sempre. Na minha época no M. na hora do recreio a gente jogava muita bola, sempre joguei futebol, sempre, sempre e depois basquete, depois a gente brincava também, mas na maior parte com bola, bola, bola...

E – Você tinha muitos amigos na escola também né, assim como na quadra?

M- Tinha, tinha muitos amigos, inclusive grande parte desses amigos eu ainda conheço né, hoje o pessoal, ainda tenho muitas amizades ainda né, cresceram juntos.

E – E tem mais alguma coisa que você lembra da sua infância que você acha legal, que foi divertido?

M – Não, eu acho que é isso, eu acho que o quê... uma coisa que eu percebo bastante hoje em relação aos meus filhos né, que eu tive uma infância, talvez, eu aproveitei mais, assim, o espaço que eu tinha, eu tinha mais liberdade porque a cidade proporcionava uma segurança maior, Brasília ainda era uma cidade que ainda se dava pra brincar, então a gente não tinha essa preocupação, essa paranóia que é hoje “eu vou ser assaltado”, eu não ouvia isso, eu não sabia o que era isso, enfim, era um barato, eu sempre fui uma criança extremamente feliz.

E – Era justamente isso que eu ia te perguntar. Analisando agora sua infância, tudo o que você viveu, como que você vê a infância do E., como que ele está passando? Ele já está bem no final né...

M – É, o E. está com doze anos é bem diferente né, é bem diferente porque o E. nasceu numa concepção diferente. Eu já morava no Lago Sul, casado já, mas dentro de um condomínio onde os vizinhos eram os avós e os tios, então ele foi um dos primeiros netos né, os meus filhos foram os primeiros e aí o quê que acontece, eles ficaram um pouco isolados naquela coisa e quando tinha aquela febre maluca de videogame e não sei o que, o E. um pouco menos

porque o E. não é tão ligado, ele joga como todo menino de hoje, só que o quê que acontece, ele não tem tanta liberdade como eu tive, ele não morou... eu acho que uma grande diferença é morar numa quadra, tinha vários amigos e tal, então é muito diferente. Eu acho que a infância dele, claro, é uma criança feliz também, mas aproveitou muito menos, eu acho que brincou muito menos daquilo que talvez ele gostasse de fazer, de sair, andar de bicicleta, ele adora correr, joga tênis também, mas é aquela coisa, não tem aquele grupo grande, aí tem aqueles coleginhas do colégio que ele vai, vem, apesar do E. ser um pouco mais retraído... não é uma pessoa tímida, mas é, como eu vou dizer, um pouco inseguro, acho que até é por causa do sistema, coisa maluca que ele vive.

E – Você acha que esse sistema todo maluco, as crianças já estão bem envolvidas com a informação, televisão, são bombardeadas diariamente com coisas que na sua época você nem sabia que existia. Então o que você acha disso, você acha que isso é bom, que isso é ruim?

M – De uma certa forma eu acho que assim, que as crianças hoje vão chegar a um amadurecimento mais rápido que eu cheguei, mas vão perder aquela fase boa da vida que é a inocência. Uma criança de doze anos, ela entra no computador, tem acesso, vê tudo. Apesar dele não morar comigo eu participo ativamente da criação dele e ele já tem acesso à informação, as coisas boas, as coisas ruins, enfim, é... e eu acho que isso vai mexer um pouco, no meu ponto de vista, são crianças que vão amadurecer mais rápido, porém com uma série de problemas que eu acho que o sistema traz, o excesso de informação, violência, enfim, esse amadurecimento precoce talvez gere essa violência que a gente tá aí vivendo né no dia-a-dia, então, enfim, vai fazer o quê? (risos)

E – O E. joga no computador?

M – O E., ele joga, joga menos. O E. é um menino que... ele também gosta muito de correr, jogar, ele é muito parecido comigo, apesar dele não jogar futebol nada né, mas ele gosta muito do ar livre, de estar correndo, brincando, enfim, mas joga como toda criança, ele tem acesso, tem tudo, enfim. Eu agora, ultimamente tenho observado, ele nunca foi... o mais velho sim, sempre foi virado em computador, tanto é que está no primeiro ano e diz que vai fazer computação, só quer saber disso, mas o E. não, ele é diferente, se ele fosse, vivesse na minha época talvez ele teria passado por tudo mais fácil do que é hoje. Hoje eles são submetidos a um nível de informação muito grande né. Eu acho que isso mexe com ele, ele fica meio dividido quer brincar, quer... enfim, mas joga, brinca.

E – Você acha que esses jogos de computador têm benefícios? São maléficos?

M – Alguns sim. Como ele (filho mais velho) já está envolvido nisso, como eles já estão inseridos nisso aí de corpo e alma né, eu acho que de uma certa forma é benéfico se você partir do princípio de que hoje você precisa ter essa criança mais perto de você, sob seus olhos ali né, mas com algumas ressalvas com relação ao conteúdo que está ali. Normalmente essa meninada gosta muito de guerra, briga e isso excita um pouco a criança né. Normalmente a brincadeira entre eles (filhos) tem aquela coisa de briga, com barulhos, enfim, eu sou uma pessoa extremamente observadora nesse ponto e eu costumo conversar muito com eles né “o quê que acha” e uma das coisas que o E. principalmente, o R. não, o R. é mais desligado, o E. é muito dividido, ele não é muito ligado nesses negócios de jogos, computador, violência, ele gosta de coisa mais ligada a competição, esporte, então ele procura esse tipo de jogo né, brincadeira, um tal de... sei lá, um bichinho que anda de um lado por outro é, gosta desses negócios, ele não gosta muito de briga, mas...

E – Fazer o que né.

M – (risos)

E – E você acha que tem mais alguma coisa importante para me falar em relação a esse paralelo da sua infância, da infância dos seus filhos? Além desse bombardeio todo, se teve mais alguma coisa que foi maléfica para as crianças de hoje, se elas ganharam alguma coisa com essas mudanças?

M – Eu acho que elas perderam, se você for colocar numa balança eu acho que eles perderam um pouco né, perderam um pouco daquela coisa de criança que é você correr, estar ali sempre na rua, brincando, convivendo, conhecendo pessoas novas, lidando com pessoas de vários níveis, apesar de morarmos aqui sempre morei no ambiente do Plano, que era um ambiente selecionado, mas você tava na rua, você conhecia alguém que era de outro lugar com um nível social um pouco pior, aí você passa a entender que nem todo mundo tinha aquilo que você tem, nem você tem aquilo que aquele cara tem, sabe, e às vezes eles não entendem isso, até porque isso aí vem com o amadurecimento né. A gente tinha valores materiais muito menos do que eles têm hoje, esse eu acho que é o principal ponto, então, porque, eu não tinha que ter nada, eu não tinha que ter dinheiro pra jogar bola, pra brincar, nada, sempre aparecia uma bola, pô, quem é que não tinha uma bola, uma bola que seja de plástico, alguma coisa pra brincar.

E – É, eu lembro que a na minha época a gente fazia bola de meia.

M – É, tudo o que você pudesse fazer. Hoje não, hoje é outra coisa que eu sinto, eles dão valor a isso entendeu “pô, o cara é não sei o quê”, “pô, o cara é aquilo”, coisa que eu fui perceber que alguém tinha dinheiro, eu tinha lá meu quatorze, quinze anos, pô, eu via que era diferente, sabia que tinha um pouco mais um pouco menos, mas não era interessante né. E hoje não, você vai colocar um videogame dentro de casa, esses top de linha é três, quatro mil reais, nem todo mundo pode né. Eu acho que nesse aspecto aí eles perdem um pouco, da convivência ali, mas por outro lado também eu acho que eles vão ser profissionais mais bem preparados. Eu tenho observado bastante isso aí no meu filho mais velho, já está no primeiro ano e tem um nível de informação que eu tenho certeza que na época, no primeiro ano... ele ta muito mais evoluído, sabe muito mais coisa, tem acesso a muito mais coisa, na minha época o computador estava começando a surgir né, então você não tinha, hoje tem conversas com pessoas do mundo inteiro, sente a necessidade de saber se comunicar aí uma outra língua, entendeu, apesar de ser malandrões eles sentem a necessidade, coisa que na minha época você não tinha necessidade né, você precisava, você precisa, hoje é fundamental. Na minha época “por quê que eu vou falar inglês?”, “pô, ninguém fala inglês”, era uma coisa absurda assim, os cara vai viajar, vai pro exterior. Hoje não, hoje você vê uma criança, o E. conversando, escrevendo em inglês porque tem o fulano do outro lado do mundo que tem um joguinho que ele quer saber como faz pra entrar no jogo, ta lá escrevendo em inglês, teclando (risos). Isso sim, eu acho que aí sim é um pulo que deu pra essa criançada né, bacana e tal, mas só.

E – Então ta bom M, era isso. Eu queria te agradecer e assim, vão ser informações muito valiosas para mim, de verdade, e depois eu vou te mostrar o resultado de tudo isso, quando eu terminar meu trabalho, aí eu trago pra você ver.

M – Ta ótimo. OK

Após desligar o gravador, o M. me perguntou o que eu iria fazer com a entrevista e expliquei os meus objetivos e falei que já tinha entrevistado duas mães e duas filhas e que iria entrevistar mais um pai e mais um filho com a finalidade de comparar a infância dos pais com a infância dos filhos e avaliar os pontos positivos e os pontos negativos das mudanças que ocorreram. Depois dessa explicação começamos a conversar sobre questões de violência como impeditiva das brincadeiras nas ruas, questões familiares ligadas ao limite da família em relação ao computador e tecnologias. O M. falou a respeito do filho mais velho, que sempre gostou de computador e teve uma época em que ele não queria parar e que ele (o pai) pedia para ele parar e ele ia para a casa do amigo e continuava jogando e disse também que as crianças estão amadurecendo mais cedo. Discutimos sobre os valores da sociedade que estão se modificando como o namoro, sexo, casamento, que são coisas que se tornaram comuns, o M. disse que o comum agora é ter pais separados, que o sexo se tornou algo normal e que existe uma pressão dos amigos, no caso do filho mais novo, para que ele compartilhe disso, além de questões econômicas inseridas na vida da criança, a famosa sociedade do “ter”.

Criança - E. A. S. L. – 12 anos

Fiz a entrevista com a criança em outro dia, pois ele mora com a mãe e esperei a oportunidade dele ir para a casa do pai com quem também fiz a entrevista. Ao me encontrar com E. de 12 anos, tentei estabelecer um vínculo com ele e fiz algumas perguntas como, por exemplo, “você foi lanchar onde?”, “o que você comeu?”, pois sabia que ele tinha ido lanchar com o pai dele antes de nos encontrarmos. Após isso eu perguntei se ele sabia o que eu estava fazendo ali e ele me falou que o M. já tinha explicado para ele que eu iria fazer perguntas sobre as brincadeiras deles e de quê ele gosta de brincar. Reforcei a explicação complementando com mais informações e depois dele ter entendido eu comecei a entrevista.

E – Primeiro eu queria que você me falasse seu nome completo e quantos anos você tem.

Ed – E. A. S. L. tenho doze anos.

E – Eu queria saber se você gosta de brincar.

Ed – Eu gosto, muito.

E – Muito?

Ed – Uhum.

E – De que brincadeiras você brinca?

Ed – Ah... eu brinco muito de andar de bicicleta, é... com meus amigos eu brinco de... jogo futebol, brinco de pique-esconde, pique-pega e quando eu era menor né eu brincava muito de bonequinho.

E – Que bonequinho você brincava?

Ed – Ah, os bonequinhos de ação, o “Nextstill”, essas coisas, soldadinho, soldadinho de chumbo...

E – Você tinha?

Ed – Uhum.

E – Que bacana. De quê mais você brincava?

Ed – Deixa eu ver... eu brincava muito também de nadar né, eu convidava meus amigos para irem lá pra casa aí a gente brincava de quem ficava mais tempo debaixo da água né, essas coisas, apostava corrida na natação, correndo... eu acho que só.

E – Você brinca onde dessas brincadeiras?

Ed – Em casa.

E – Aí seus amigos vão pra lá? Como é que é?

Ed – Ou às vezes eles vão pra lá ou eu vou pra casa deles.

E – Mas vocês brincam na rua ou só dentro de casa?

Ed – Dentro de casa... porque é um condomínio.

E – Ah ta, aí brinca cada um na casa de um?

Ed – Não é porque, assim, o condomínio é eu, minha vó e meu tio.

E – Ah ta, mora só a família.

Ed – É, a gente anda em tudo lá.

E – Aí vocês brincam em família, com os seus primos.

Ed – É.

E – E em outros condomínios, outras casas você brinca também?

Ed – Não muito porque lá num... no condomínio que tem do lado, assim, tem mais pessoa mais velha e os meninos de lá são mais velhos, tem quinze da idade do meu irmão, aí eu não brinco muito com eles não.

E – E dessas brincadeiras que você me falou de qual você gosta mais?

Ed – Eu acho que é andar de bicicleta (risos).

E – Porque você gosta mais dela?

Ed – Porque eu gosto de velocidade, mas eu gosto muito também... você já andou de kart?

E – Já.

Ed – Eu gosto muito.

E – Só que eu sempre era a ultima né, porque andava só com homem né e a mulher fica lá no final.

Ed – Eu também gosto muito, mas eu acho que a que eu gosto mais é de bicicleta, que você ta fazendo um esporte e também tem velocidade (risos).

E – Você andava de kart onde? Lá no Free Park ou no Autódromo?

Ed – Não, no Carreira, sabe ali no Parque.

E – Ah, sei.

Ed – Ali.

E – Quando eu andei, eu andei lá no Free Park.

Ed – Ah, sei.

E – E dessas que você me falou, qual que você menos gosta de brincar?

Ed – Que eu gosto menos é, acho que é pique-pega, pique-esconde.

E – Porque que você não gosta muito, assim?

Ed – Ah, não sei, acho meio sem graça (risos).

E – É.

Ed – Urum.

E – Nem pique-pega? Porque pique-pega tem velocidade.

Ed – É (risos).

E – Na escola Ed., de quê que você brinca?

Ed – A gente lá tem quadra, a gente joga muito futebol na hora do recreio, é o que a gente mais faz ou então a gente leva joguinho e joga lá.

E – Que joguinho?

Ed – Nitendo Df. (videogame portátil) Sabe qual que é?

E – Sei.

Ed – Então, então a gente joga muito lá.

E – E com computador você brinca também?

Ed – Não, eu não gosto muito não.

E – Não. Nunca brincou de nada...

Ed – Não, já joguei alguns jogos, mas eu não curto muito computador não.

E – Por que você não gosta muito de computador? O que você acha?

Ed – Ah! Eu acho muito complicado (risos), muito chato, não gosto não.

E – Então você prefere brincar, andar de bicicleta do que ficar no computador?

Ed – É, coisas mais esportivas.

E – Você acha que é bom ficar no computador ou acha que é ruim?

Ed – Ah! É bom e ruim né.

E – Por que eu você acha bom?

Ed – Ah! Eu acho bom porque você está se envolvendo mais com a tecnologia né e é ruim porque você perde muito tempo né do dia mexendo no computador.

E – Você prefere ficar lá fora fazendo exercício, brincando...

Ed – É.

E – Você tem muitos amigos?

Ed – Uhum.

E – Na sua quadra você tem poucos né, que você só tem seus primos.

Ed – É, porque também lá não tem muita criança né.

E – E na escola?

Ed – Lá eu tenho muitos.

E – Vocês brincam só de futebol ou de mais alguma coisa?

Ed – Não, lá a gente brinca de futebol, tem tênis lá também, eu jogo tênis né.

E – É, seu pai me falou.

Ed – Aí de vez em quando a gente joga.

E – Você sente falta de ter amigos lá na sua quadra?

Ed – Sim, não muito porque tem meu primo lá né que mora na outra casa, aí eu brinco muito com ele, aí não sinto muita falta não. E também dia da... entre a semana eles estão sempre estudando, não param muito em casa não.

E – E final de semana você costuma fazer o quê?

Ed – Final de semana a gente vai pra casa da avó, vai pro clube, aí faz isso, nunca fica lá parado lá.

E – E você agora, pensando um pouquinho na infância do seu pai, de quê que você acha que ele brincava, o quê que você acha que ele fazia quando tinha a sua idade?

Ed – Eu acho que ele devia andar de bicicleta também, deixa eu ver... ele falou pra mim que ele brincava muito de Atari né, deixa eu ver o quê mais... é, não sei (risos)

E – Você acha que muita coisa mudou, que ele brincava das mesmas brincadeiras que vocês brincam hoje ou você acha que era diferente?

Ed – Bom, pra mim eu acho que não né, mas pra o povo que gosta de computador, videogame, meu irmão é um, adora computador, videogame, essas coisas, fica o dia inteiro lá assistindo televisão.

E – O que você acha disso?

Ed – Eu não gosto não (risos) de ficar enfurnado dentro de quarto.

E – Fora isso você acha que mudou mais alguma coisa?

Ed – Pra mim?

E – É.

Ed – Que eu me lembre não. O que ele falou pra você? (Se referindo ao pai)

E – Ele me falou que brincava de várias coisas...

Ed – Ah! Eu gosto também de pescar, eu pesco muito com o meu tio, a gente vai para um pesque-pague né, aí a gente pesca.

E – Eu também gosto de pescar, só que eu pesco na fazenda da minha avó.

Ed – Ah! Também. Na fazenda do meu pai agora vai ter peixe né, aí eu posso pescar lá.

E – Mas aí você come também ou só pesca?

Ed – Não, só pesco (risos).

E – Não! Você não gosta de peixe?

Ed – É, mas eu só pesco de devolvo, sabe.

E – Ah tá. Lá na fazenda da minha avó a gente pesca e come mesmo, a gente pesca, limpa, leva para o forno e come mesmo com farinha (risos). E tem mais alguma coisa que você lembra, que você gosta de brincar ou alguma coisa que mudou em relação ao seu pai. Você acha que mudou muita coisa, independente, porque você gosta muito de brincar com os seus primos, de bicicleta, mas você acha que o seu pai teve uma infância igual a que as crianças estão tendo hoje, você acha que é diferente?

Ed – Não, eu acho que é diferente né, que hoje a maioria das crianças num gostam muito de brincar de esporte, acho que gostam muito de computador, televisão, videogame. Antigamente não existia isso né, nem celular existia né. Aí eu acho que não, acho que mudou muita coisa assim, eles brincavam mais fora.

E – Vocês brincam de jogo de tabuleiro?

Ed – Não gosto muito não.

E – Você gosta é de fazer esporte, andar de bicicleta...

Ed – É.

E – Você gosta de patins?

Ed – Gosto, mas não prefiro (risos).

E – Além da bicicleta, o quê mais você gosta?

Ed – Gosto de patinete, sabe, aquele que tem duas rodas, eu gosto de skate... ah, eu gosto de tudo quanto é esporte.

E – Tudo o que movimenta você gosta né?

Ed – É (risos).

E – Então tá bom E. era só isso que eu queria te perguntar, queria conhecer um pouquinho do quê você gosta e perguntar se você quer me falar mais alguma coisa que você acha importante, que é legal falar, da sua infância, da infância que você vê seus amigos tendo, você acha que é legal ficar no computador, não é, que era mais legal a infância do seu pai...

Ed – Ah, com certeza.

E – Você acha?

Ed - Ahan

E – Que essa que as crianças estão tendo hoje?

Ed – Eu acho.

E – O que você acha que aconteceu de ruim?

Ed – Bom, pra mim né porque... eu acho que a crianças fica lá no quarto sem fazer nada e não vê o mundo lá fora né, aí já antigamente vê né e hoje tem a chance, de quando é maior, pode vê e fazer o que não fez quando era criança.

E – Então ta bom Ed. Obrigada.

TRANSCRIÇÃO DA 4ª ENTREVISTA

L. D. – 50 anos

G. F. G. D. – 11 anos

Criança - G. F. G. D. – 11 anos

Antes de iniciar a entrevista eu expliquei para a criança qual o motivo da entrevista e ela concordou em participar da pesquisa.

E – Primeiro que queria saber se você gosta de brincar.

G – Gosto.

E – Você gosta muito ou pouco?

G – Muito. Mais do que de estudar.

E – É?

G – É.

E – De quê você brinca? Quais são as brincadeiras que você brinca?

G – Pique-esconde, pique-pega, polícia e ladrão, é... blitz

E – Como é que é brincar de blitz?

G – Você fica assim, tipo, tem um corredor aí uma pessoa fica no meio do corredor e as outras fica de um lado e as pessoas têm que atravessar para o outro lado do corredor. Quem atravessar vai continuando, quem o pego pega ajuda a pegar depois.

E – Aí forma a blitz?

G – Uhum

E – De que mais você brinca?

G - (pensando) ah! Queimada.

E – Você lembra de mais alguma?

G – Não to me lembrando de mais... três cortes.

E – Você brinca onde dessas brincadeiras? Aqui no bloco?

G – Debaixo do prédio.

E – Dessas brincadeiras qual você gosta mais?

G – Polícia e ladrão.

E – Por que você gosta mais dessa?

G – Porque aqui onde a gente mora a quadra é grande, a gente brinca na quadra inteira, todo mundo fica correndo um atrás do outro.

E – Qual você menos gosta de brincar?

G – Queimada, que eu só brinco só às vezes.

E – Por quê? É chato?

G – Né tão chato assim, mas eu não gosto muito de brincar.

E – Você tem muitos amigos aqui na quadra?

G – Vários, cada prédio tem alguém.

E – Mas são muitos, muitos mesmo?

G – É, mais ou menos vinte, trinta pessoas se não for mais.

E – E vocês brincam todo mundo junto?

G – Às vezes sim, às vezes não.

E – Vocês brincam todo dia ou só final de semana?

G – Mais final de semana que nem todo mundo estuda no mesmo horário né, tem gente que estuda de manhã, de tarde, é mais no final de semana.

E – E na escola, de quê que você brinca?

G – Pique-pega, mais pique-pega né, três cortes e queimada.

E – Você tem muitos amigos na escola?

G – Tenho.

E – Mais do que aqui na quadra ou menos?

G – Menos

E – E além de pique-pega, de queimada você brincam mais de quê na escola?

G – Três cortes, é... pique-bandeirinha, é...

E – Só?

G – É, só isso.

E – Tem mais alguma brincadeira que você lembra que você brinca aqui no condomínio?

G – (pensando)

E – Além daquelas todas.

G – Num lembro (pensando). Acho que não.

E – E em casa você brinca de quê?

G – Jogo videogame.

E – O que quê você joga no videogame?

G – Jogo de futebol, de luta, vários jogos e no computador.

E – O que quê você faz no computador?

G – Eu jogo vários jogos online?

E – Quais são os jogos que você joga?

G – É tantos (risos), tem uns que eu nem sei o nome.

E – Mas é que tipo de jogo? É de corrida...?

G – É de corrida, de estratégia, um monte, de luta, a maioria, menos esses de bonequinhas.

E – E esses de estratégia são como? Você tem algum assim que possa me explicar como é? Como mais ou menos funciona o jogo?

G – Não lembro muito não (pensando).

E – E o de luta como é?

G – Lê as instruções fala as teclas e você vai, aí tem lá “x” soco, “v” chute, você aperta e move na setinha e o cara vai lá e bate no outro.

E – E os de corrida são como?

G – Tipo, acelera com a setinha pra frente e vai virando nas outras setinhas, freando pra trás.

E – Mas é campeonato de corrida que tem?

G – É, tem uns que é campeonato, tem outros que é, que os carro tem algumas coisas, hidráulico assim que pula, algumas coisas.

E – Além de jogar no computador você faz mais alguma coisa?

G – Às vezes eu brinco com a minha irmã.

E – De quê vocês brincam?

G – É... videogame, gente fica tentando brincar de pique-pega dentro de casa e correr.

E – O que você prefere G., você prefere brincar de videogame e computador ou você prefere brincar lá em baixo do bloco?

G – Pra mim tanto faz, porque aqui de videogame eu jogo e às vezes que chamo alguém e lá em baixo quase todo mundo fica falando de videogame, videogame, é videogame e às vezes a gente fica brincando.

E – Vocês conversam muito sobre videogame?

G – É o que a gente mais conversa aqui é videogame.

E – Vocês combinam de jogar um na casa do outro?

G – Sim.

E – Mas você não vê nenhuma diferença em brincar de videogame e brincar lá embaixo.

G – É, lá embaixo você está fazendo uma atividade mais física, aqui em cima você está mais pensando no que você vai fazer no joguinho.

E – E o que você acha melhor, fazer atividade física ou ficar pensando?

G – Fazer atividade física.

E – Tem mais alguma coisa que você brinca aqui na sua casa?

G – Brinco de pique-esconde, às vezes.

E – Com a I. (irmã mais nova dele)?

G – É, minha irmã.

E – E televisão, você gosta de assistir?

G – É.

E – Além de jogar videogame você gosta de assistir televisão também?

G – Gosto.

E – O que você assiste na televisão?

G – Desenho, seriado de pessoas, comédia, desenhos de comédia, tipo, filme.

E – Você brinca no computador todo dia?

G – Não.

E – Que dia? Sua mãe põe horário para você brincar?

G – Quando eu não tenho dever de casa eu posso jogar videogame e brincar no computador. Se ela tiver no computador eu vejo televisão ou então jogo videogame, se ela tiver aqui na sala eu jogo no computador ou então e tem vez que eu vou pro corredor e brinco.

E – Que corredor, o da sua casa ou da...?

G – Esse aqui da porta de casa.

E – Entendi. E como que você acha que eram as brincadeiras do seu pai quando ele tinha a sua idade. De quê que você acha que seu pai brincava?

G – Bolinha de gude, peão, ficar subindo em árvore, pique-pega, pique-esconde, brincadeiras, brincava de boneco, de soltar pipa.

E – Hoje em dia as crianças brincam disso ou não?

G – Muitas vezes sim, muitas vezes não, às vezes até a gente brinca de soltar pipa essas coisas. Agora, bolinha de gude ninguém gosta muito aqui.

E – Tem mais alguma que você lembra?

G – Não.

E – Que o seu pai tenha brincado...

G – Não.

E – E você acha que aconteceu alguma coisa para essas brincadeiras deixarem de acontecer, para elas não existirem mais?

G – Não sei, eu acho que foram inventando novas brincadeiras e foram deixando pra trás essas outras antigas, inventando brinquedos para brincar de outras coisas.

E – Qual brinquedo que você acha que foi a melhor invenção?

G – Videogame.

E – Porque você acha que foi a melhor invenção?

G – Porque tem vários jogos que todo mundo gosta de brincar, tirando os adultos né, alguns gostam, outros não.

E – Porque que você acha que os adultos não gostam de brincar de videogame?

G – Porque eu acho que eles gostam de coisa mais séria, de trabalhar.

E – Então videogame é brincadeira demais pra eles?

G – Depende do adulto, tem gente que não gosta de brincar, prefere trabalhar e comprar suas coisas eu acho, trabalhar, mexer no computador, depende da pessoa.

E – Mas para você então a melhor invenção foi o videogame?

G – É.

E – E depois do videogame o que foi melhor, assim, que eles inventaram?

G – Computador.

E – O quê que você acha de bom no computador?

G – Dá pra jogar vários jogos, vê filmes às vezes, essas coisas aí. Fazer vídeos.

E – Você sabe mexer bem no computador G.?

G – Mais ou menos.

E – O que você mais sabe fazer no computador além de jogar?

G – Escrever naqueles programas de texto, fazer uns bonequinhos palito num programa.

E – Que mais?

G – É... desenhar em programas de desenho... nem lembro mais.

E – Você tem algum jogo de tabuleiro?

G – Tenho, banco imobiliário, jogo da vida.

E – Você brinca muito deles?

G – Às vezes, quando não tem muita coisa pra fazer a gente brinca.

E – Tem mais alguma coisa que você queira falar, que eu esqueci de te perguntar, que você lembrou sobre as suas brincadeiras?

G – Não.

E – Vocês inventam muitas brincadeiras lá embaixo?

G – Às vezes sim a gente inventa.

E – Vocês já inventaram alguma brincadeira legal.

G – É, deixar eu ver alguma brincadeira... no futebol a gente já inventou isso, acho que era “três dentro e três fora”.

E – Como é que era?

G – Assim, a gente ta jogando, duas pessoas ou mais, aí uma pessoa levanta a bola e você tem que chutar sem a bola quicar no chão. Se a bola for pra fora é ponto do goleiro e se a gente fizer gol é ponto nosso. Aí depois de três gols ou três foras, se for três foras quem estava agarrando vem pra linha, se for três gols o goleiro sai e entra a próxima pessoa.

E – Hum, entendi. E tem mais alguma outra brincadeira que vocês inventaram?

G – Que eu lembre não.

E – Então ta bom G. era só isso que eu queria te perguntar. Tem algum jogo que você possa me mostrar?

G – De quê?

E – Não sei, no videogame, computador, algum jogo de tabuleiro.

G – Pode ser.

Após isso ele pegou o Banco Imobiliário para me mostrar, eu olhei o jogo e depois ficamos brincando de gogo's, uns bonecos de plástico que são vendidos em bancas de jornais, semelhante as figurinhas para coleção e é jogado com disputas de peteleco, você dispõe os bonecos um em frente do outro e você dá um peteleco no seu boneco em direção ao boneco do adversário. Se você conseguir derrubá-lo você ganha o boneco. Também brincamos um pouco com o Ramister que eles têm.

Pai - L. D. – 50 anos

Da mesma forma que com a criança, que expliquei a pesquisa para o pai que concordou em participar, leu o termo de consentimento e assinou me autorizando a realizar a pesquisa.

E – Eu queria primeiro que você falasse seu nome completo, sua idade e depois você me falasse onde você nasceu e quando você veio para cá?

L – Meu nome completo é L. D., eu nasci em 22/12/1958 (cinquenta anos), eu nasci em Campo Alegre de Goiás. Primeiramente eu saí de lá e fui morar em Anápolis, moramos um ano em Anápolis, em sessenta e quatro a gente chegou em Taguatinga, morei em Taguatinga durante quatro anos depois a gente foi morar em Brazlândia, que foi onde eu tive a minha infância e de onde eu tenho algumas recordações.

E – Como é que era lá em Brazlândia, você morava em casa...?

L – Quando a gente chegou em Brazlândia, Brazlândia era uma cidade bem pequenininha tipo uma cidade do interior e em sessenta e nove foram transferido para Brazlândia várias invasões que tinham no Distrito Federal, o Vietcong, Vila do Iapi, Servisan e isso aí mudou muito a cidade lá. A cidade cresceu de uma hora pra outra, inclusive isso interferiu muito em quem morava lá no local né, inclusive nós crianças, a gente criou uma rivalidade muito grande entre o pessoal antigo da cidade e o pessoal novo que chegou, isso gerava até muitas brigas, muitos conflitos na época.

E – Quais eram as brincadeiras que vocês brincavam lá?

L – A gente brincava muito de “salve-cadeia ”que era uma brincadeira onde você divide a turma em duas equipes, uma vai correr e a outra vai capturar. Os colegas vão sendo capturados e vão sendo colocados no local que a gente chamava de cadeia, que não era cadeia nada, era um local e os outros ficava soltos iam tentar salvar esse colega. Isso aí a gente ficava uma noite toda brincando.

E –De quê mais vocês brincavam?

L – Eu jogava muito futebol, eu jogava muita bola, a gente brincava muito também de carrinho de rolimã, que hoje não existe mais, que hoje existe o skate, existe uma serie de coisas. Esses carrinhos a gente mesmo que confeccionava eles com os rolamentos dos motores dos carros, então era assim, a gente brincava também muito de carrinho, os carrinhos, na maioria das vezes, a gente que confeccionava os carrinhos, a gente fazia caçambinha usando a latinha de sardinha pra fazer a caçamba, usava os buritis para fazer as “boleias”, as rodinhas, então era... a gente construía estradinhas, brincava muito.

E – Você brincavam onde, na frente de casa, dentro de casa?

L – A gente brincava muito na rua. Como a violência não era tamanha como nos dias de hoje, a gente vivia no mundo sabe, eu saía de manhã, voltava na hora do almoço, almoçava, ia pra escola, voltava no fim da tarde da escola, jantava e caía no mundo de novo só voltava tarde, quer dizer, a gente vivia livre, a gente era solto, não existia essa prisão que existe hoje, esse medo né que as pessoas têm.

E – Você tinha muitos amigos lá na rua?

L – Praticamente todas as crianças da rua eram meus amigos.

E – Eram muitos?

L – Várias crianças, a gente brincava muito, muitas crianças.

E – E tem mais alguma brincadeira que você lembra nessa época?

L – Soltava pipa ta, a gente soltava pipa, a gente jogava também bolinha de gude, jogava... tinha guerra de mamona, tinha perto lá tinha um lixão, onde tinha muita mamona, então a gente fazia guerrilha com as mamonas, a gente ficava guerreando.

E – Tinha menina e menino misturado ou era só menino?

L – Olha, as brincadeiras nossas, pelo menos as minhas eram mais masculinas. Brincadeira feminina a gente tinha mais assim já um pouco mais na fase adolescente que era o que a gente chamava de “cair no poço”, falava “cair no poço, quem me tira?, meu bem, quem é seu bem?”, aí sabe, a gente ficava de costas aí “é essa?, não, é aquela? é, com quem que ela vai te salvar? vai te salvar com um beijinho na mão, não sei o que e tal (risos)”. Eram as brincadeiras da época, a gente curtiava muito, eu acho que isso não existe mais sabe (risos).

E – De qual dessas você mais gostava de brincar?

L – Era jogar futebol, com certeza era minha favorita, mas eu gostava também muito de soltar pipa, achava legal, a gente fazia a pipa, a própria pipa da gente, não tinha esses negócios de comprar pipa pronta. Hoje em dia as crianças nem fazem as pipas mais, não tem nem o prazer de pegar um bambu e descascar ele, comprar um papel de seda e armar, fazer todo aquele esquema, hoje já vem tudo pronto né, então, quer dizer, isso aí tira um pouco da criatividade das pessoas, os carrinhos hoje em dia vêm tudo pronto, que o prazer legal é você fazer o brinquedo e você brincar com ele, então era muito divertido.

E – Qual delas você gostava menos de brincar?

L – Ah! Deixa eu ver... eu acho que eu gostava de todas, eu não tinha uma assim que eu não gostasse, que eu brincasse assim pô...

E – Brincava de tudo.

L – É, tudo que pintasse a gente brincava.

E – Tinhas as brincadeiras da moda na época, aquelas, assim, que faziam sucesso? Ou eram essas mesmo que você me falou?

L – Tinha assim... teve uma época que tava em moda o filme “Tarzam” né, então a gente... como a gente morava em Brazlândia e tinha muitas matas em volta, muito cipó, então a gente brincava muito de Tarzam sabe. Era uma brincadeira que eu achava que era a brincadeira da moda porque como passava o Tarzam no fim do dia, a gente saía da escola correndo para assistir o Tarzam e no sábado e domingo a gente ia lá para essa mata, tinha cipó que a gente ficava passando de um pro outro e um era o Tarzam o outro era os nativos e armava aquele esquema todo e ficava sabe. Para mim isso era uma brincadeira da moda que eu acho que isso, poucas pessoas brincaram disso.

E – E como que era na escola, vocês brincavam também na escola ou era diferente das brincadeiras que vocês tinham na rua?

L – Não, na escola a gente brincava sabe, eu via as meninas brincando muito lá de amarelinha e a gente ficava perturbando as meninas, algumas vezes brincava junto com elas. No recreio a gente jogava bola, era praticamente isso.

E – E você tinha muitos amigos na escola? Eram os mesmos da quadra?

L – É, a maioria sabe, nós sempre estudamos e brincamos juntos.

E – Dessas brincadeiras que você tinha, você lembra de alguma coisa que foi bacana que vocês fizeram, brincadeiras que vocês inventaram? Na época vocês inventavam muitas brincadeiras né?

L – É, eu acho que essa brincadeiras mesmo do Tarzam que eu falei eu acho divertida de brincar, prender os caras, amarrar eles no pau, aí vinha o Tarzam pra salvar, enfim, e a gente ficava lutando com o Tarzam, tinha um colega que era a “Chita”, então era um negócio, assim, muito interessante, eu achava muito legal sabe. Alguns colegas pintavam, passavam tinta, sei lá, coisa que a gente achava lá no mato e que parecia que a gente tinha se pintado, montava uns arco e flecha, então era um brincadeira que marcou muito a minha infância.

E – Vocês brincavam todos os dias? Não tinha limites de horário?

L – Não, pelo menos na minha casa e a maioria dos colegas era igual a minha, a gente ficava na rua até dez e meia, onze horas tranquilo. Lá em Brazlândia tinha um negócio interessante que a energia elétrica, existia energia elétrica, mas a energia elétrica é era de motor, então quando dava onze horas a energia da cidade acabava porque eles tinham que desligar o motor, então a gente ficava limitado justamente a esse motor e antes de desligar ele dava três avisos, o primeiro aviso, daí outro aviso e depois o terceiro aviso e depois a energia acabava e a cidade ficava as escuras. E é interessante que tinha até um filme que a gente assistia que eu nunca consegui ver o fim desse filme porque ele começava mais ou menos dez e meia e terminava por volta de onze e meia e não tinha mais... era um filme da época, um filme legal pra caramba de um cowboy americano, nunca consegui ver o final desse filme (risos)... acabava a energia e todo mundo tinha que dormir.

E – Na época não tinha nada eletrônico ainda ou vocês chegaram a pegar alguma coisa?

L – Não, não, não, essas coisas não tinha não, eu pelo menos, como a gente era de uma família pobre, não tinha muitos recursos, a gente não tinha acesso a esse tipo de coisa não.

E – Mas vocês viam na televisão?

L – Olha, televisão, pra te ser franca, televisão lá em Brazlândia, uma das primeiras casas a ter televisão foi a casa do meu pai. Era uma televisão preto e branco, é tanto que na copa de setenta, quando o Brasil foi tricampeão, a nossa casa era o cinema sabe, se a gente não sentasse logo a gente ficava até um pé. Na época daquela novela “Irmãos coragem” ia todo mundo lá pra casa pra assistir aquela novela que era um sucesso na época e depois, aí como tinha muito adolescente na época a gente ia brincar dessa brincadeira que eu falei que era o “cai no poço”, onde a gente tinha aquelas primeiras paixões da gente.

E – E tem mais alguma coisa que você acha interessante falar sobre a sua infância, que você acha que foi ruim ou que foi bom...

L – Não, eu acho que minha infância foi uma infância livre sabe, onde eu podia brincar e escolher meus amigos, não tinha limites, assim, impostos pela sociedade como é hoje, sabe. As crianças hoje vivem enclausuradas nos apartamentos, dentro dos condomínios, vive num mundo de fantasias né, esse mundo da internet, o mundo do videogame acaba tirando um pouco da criatividade das crianças e isso de um certo modo prejudica. A informação chega tão rápido pra eles que de um certo modo acaba atrapalhando também.

E – Era justamente isso que eu ia te perguntar. Levando em consideração toda a sua infância, tudo o que você viveu, como você vê a infância do G. Você acha que algumas coisas melhoraram ou que algumas coisas pioraram. Como você avalia a infância dele em comparação com a sua?

L – A infância dele, ele por sorte ele cresce nesse condomínio que a gente mora aqui, que é um condomínio onde ele brinca a vontade aí em baixo e tal. Se a gente vivesse em outro local, em outro espaço assim, em outro apartamento que não fosse nesse condomínio que a gente mora eu acho que ele estaria louco dentro desse apartamento, então eu acho que isso ia dificultar muito o crescimento dele sabe, pelo fato de não deixar ele mais livre. Aqui onde a gente mora ele tem essa liberdade toda, ele desce sozinho pra brincar lá embaixo, tem muitos amigos. É um caso que não acontece na cidade daqui em volta da gente, a violência brutal que as mães e os pais eu acho que não tem coragem de deixar os filhos na rua até tarde.

E – E essa questão que você falou da informação, do computador...

L – Ah, também isso aí eu acho que de um lado facilita demais, eles descobrem muitas vezes coisas que eu, no meu caso, fui descobrir depois de dezoito, vinte anos. Hoje em dia uma criança de doze anos sabe mais coisa que a gente na época, então eu acho que a informação chega muito rápido pra eles e que isso tanto ajuda como dificulta em algumas situações.

E – O quê que dificulta?

L – Eu acho que eles amadurecem muito cedo sabe, e isso às vezes prejudica né, eles têm contato muitas vezes com drogas né, coisa que a gente não via antes e hoje tá aí pra todo lado que você vai você vê crianças se drogando, sabe.

E – E esses jogos que deixaram de ser manuais e passaram a ser eletrônicos. O que você acha disso?

L – Eu mesmo, eu não gosto que eles brinquem com esses jogos que usa arma, que tem muito sangue, esses jogos. Sempre que eu posso eu dou uma bronca nele, peço pra ele trocar esses jogos, eu, particularmente, não compro esse tipo de jogos pra ele, sei lá, que eu acho que isso aí acaba ajudando a criar certas raivas, certas coisas ruins dentro de você sabe, e pode prejudicar no futuro.

E – Além da informação, de ser benéfica, essa coisa de ser rápida, você vê no computador algum outro benefício ou algum outro malefício?

L – Do lado acadêmico eu vejo, assim, que facilitou muito a vida das pessoas, as pessoas hoje em dia já encontram muitas coisas prontas na internet e acabam não indo atrás, não pesquisando e simplesmente dão “ctrl c ctrl v” da vida, copiam aqui, colam ali sabe, e acaba não tirando o teor necessário das coisa né, pra fazer uma boa pesquisa, fazer um bom trabalho. Isso tanto ajuda como...

E – Tanto para os adultos como para as crianças?

L – Exatamente, deixa a pessoa muito preguiçosa, não quer pesquisar, não quer falar com as suas próprias palavras né, você acaba ficando um objeto do meio né.

E – Entendi. Essa questão da violência, das crianças não poder brincar na rua. Hoje o G. é privilegiado né, mas de fosse numa quadra, por exemplo, lá onde eu moro ele não teria tanta liberdade.

L – É complicado né, tanto você como as minhas filhas, vocês sabem como era a época de vocês lá brincando e como é a época hoje lá no Guará né. Isso daí é muito ruim sabe, não é legal.

E – Tem mais alguma coisa que você acha interessante falar, avaliando mesmo o que você viveu, a infância que você tinha em relação a como é hoje, uma coisa que te chama atenção.

L – Não, sabe, eu acho que não tem como mudar isso que está aí, infelizmente a sociedade gosta dessa facilidade que tem hoje, a internet, o celular, videogame, i phone e por aí vai. Então não tem como mudar isso sabe, tem que tentar dar mais liberdade para essas crianças para elas viverem mais, procurar uma melhor qualidade de vida pra elas para elas poderem ser mais criativas e mostrar o potencial que toda criança tem e que muitas vezes estão omitidos né, principalmente por serem enclausuradas.

E – Então ta bom. Era isso que eu queria te perguntar. Obrigada.